



# ALÉM DA IGREJA LOCAL

Como movimentos apostólicos  
podem mudar o mundo



**Sam Metcalf**

Prefácio por **Alan Hirsch**



“Sam Metcalf apresenta um argumento convincente para o padrão bíblico de uma parceria dinâmica entre igrejas locais e grupos apostólicos. O cumprimento da Grande Comissão exige isso. Durante o percurso, Sam ilustra esses princípios com histórias e estudos de casos retirados de uma vida inteira de experiência em missões mundiais.”

— **Steve Addison**, autor dos livros *Pioneering Movements* [Movimentos Pioneiros] e *What Jesus Started* [O que Jesus Começou].

“Provocativo e perspicaz, este livro é capaz de desafiar como você pensa sobre o que significa ser igreja. Ainda que você não concorde com tudo, esse livro irá te ajudar a lapidar as suas perspectivas e estratégias.”

— **Bob Logan**, autor do *The Missional Journey* [A Jornada Missional].

“Sam Metcalf apresenta ideias provocativas e desafiadoras relacionadas ao chamado apostólico da igreja e como isso deveria orientar o modo como vemos e afirmamos organizações e estruturas apostólicas que frequentemente têm sido consideradas ‘para-eclésiásticas’. Essa é uma excelente leitura para aqueles que estão orando por movimentos evangélicos ao redor do mundo.”

— **Matthew Lee**, diretor de programas de plantação de igrejas, Seminário Teológico Fuller.

“Motivou-me a pensar em ensinar a história da igreja com esta visão em mente, e a buscar atentamente por líderes que possam cumprir este chamado apostólico. Este é o tipo de livro que nos guiará ao futuro.”

— **Gerald L. Sittser**, professor de teologia, Universidade Whitworth, autor dos livros *Water from a Deep Well* [Água de um Poço Profundo] e *A Grace Disguised* [Uma Graça Disfarçada].

“O livro é um toque de trombeta: é hora da igreja ocidental retornar à plenitude do que significa ser a igreja de Cristo na Terra.”

— **Marc T. Canner**, professor de estudos interculturais, Instituto Bíblico Moody — Spokane, diretor executivo do Instituto de Idiomas Estratégicos & Culturas

“Sam Metcalf escreve a partir de pesquisa e experiência com frescor, humor e paixão. A igreja como um todo precisa desesperadamente alcançar o que ele chama de ‘ministérios de pé esquerdo e de pé direito’, a fim de caminhar como Deus planejou”.

— **George Lings**, diretor, Unidade de Pesquisa do Exército da Igreja Anglicana, Sheffield, UK.

“Este é um livro que precisava ser escrito faz tempo. Agora ele finalmente está aqui e em suas mãos! E quem melhor para escrevê-lo do que Sam Metcalf, que passou toda a sua vida adulta gerando esses movimentos sobre os quais ele fala.”

— **Hans Finzel**, presidente, HDLeaders, autor de Dez erros que um líder não pode cometer.

“Este livro trará cura para aqueles que foram feridos ou alienados pela falta de entendimento sobre a natureza bíblica da igreja e a complementaridade da igreja local e dos ministérios

apostólicos em sua busca sincera pela agenda redentora de Deus na Terra.”

— **Iliya Majam**, diretor, Harvest Leaders Network, Abuja, Nigéria

“Sam Metcalf escreveu um livro que alguns irão achar provocativo, fora da curva e talvez até mesmo petulante, de uma série de perspectivas... O que ninguém irá questionar é a intensidade e a paixão que ele traz para a missão”.

— **Herbert H. Slatery**, Procurador Geral da República, Estado do Tennessee

“Sam Metcalf deu a melhor definição e entendimento de ‘ministério apostólico’ que eu já vi... Se adotados, movimentos missionários e igrejas locais ao redor do mundo poderiam ser transformados.”

— **Debbie Brink**, Vice-presidente sênior da SAT-7 nos EUA

“Sam Metcalf desafia nossas convicções sobre o papel da igreja local, missionários, controle e prestação de contas, e oferece uma base bíblica e histórica para libertar aqueles com chamado apostólico para fazer o que eles fazem de melhor: criar novas formas de igreja como empreendedores espirituais.”

— **David Bute**, diretor, Kreativity, Mission Impossible, Cherkassy, Ucrânia

“Este livro de Sam Metcalf é a introdução que estava faltando para liberar e estabelecer um trabalho apostólico dinâmico e um sistemas de igrejas ‘enviadas’ que são complementares, ao invés de meramente subservientes à igreja local... Eu já tenho

uma lista de pessoas a quem eu gostaria de dar uma cópia!”

— **Adam Atkinson**, vigário, Igreja Anglicana de Saint Peter's, Bethnal Green, Londres

“Academicamente, bíblicamente e empiricamente são. Este manual do Espírito irá iluminar e ativar aqueles que buscam avançar o Reino proclamado por Jesus.”

— **Michael E. Berens**, cientista especialista em câncer, Phoenix, AZ

ALÉM da  
IGREJA LOCAL

*Como movimentos apostólicos podem  
mudar o mundo*

**Sam Metcalf**



**IVP Books**

An imprint of InterVarsity Press  
Downers Grove, Illinois

Citações das escrituras retiradas da Bíblia Sagrada, Nova  
Versão Internacional, Copyright © 1993, 2000 pela  
International Bible Society.

A todos aqueles em toda CRM  
— meus amigos e companheiros apostólicos aventureiros —  
enquanto viajamos juntos. Tem sido extraordinário.

Obrigado pela viagem!



# Índice

<b>PREFÁCIO</b> . . . . .	<b>.12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> . . . . .	<b>.17</b>
<b>O PODER DE UMA ANATOMIA BALANCEADA</b> . . . . .	<b>32</b>
A genialidade e desígnio bíblicos para movimentos e estruturas apostólicas	
<b>MANCAR OU SALTAR NO TEMPO</b> . . . . .	<b>.57</b>
O incentivo à missionalidade apostólica na história	
<b>MADRE TERESA NÃO ERA UMA “PARA-CATÓLICA”!</b>	<b>82</b>
Porque “para-elesiástico” é um termo sujo	
<b>AFINAL, O QUE É “APOSTÓLICO”?</b> . . . . .	<b>110</b>
O essencial frequentemente negligenciado para uma missionalidade autêntica.	
<b>DESCONTENTAMENTO SANTO E AMBIÇÃO SANTIFICADA</b> . . . . .	<b>135</b>
O imperativo apostólico de Efésios 4	
<b>LIBERANDO VISIONÁRIOS</b> . . . . .	<b>161</b>
O pioneiro como um empreendedor de segunda decisão	
<b>ENCONTRANDO PESSOAS DE SEGUNDA DECISÃO</b> .	<b>183</b>
Como envolver e liberar líderes apostólicos	

<b>CORRENDO JUNTOS . . . . .</b>	<b>205</b>
A alavancagem exponencial da interdependência	
<b>MOVIMENTOS DE DEUS . . . . .</b>	<b>225</b>
Os resultados extraordinários do dom apostólico vivido em estruturas apostólicas	
<b>O IMPULSO DOS MOVIMENTOS . . . . .</b>	<b>259</b>
Matar ou multiplicar, eis a questão	
<b>CONCLUSÃO . . . . .</b>	<b>279</b>
Seja um transformador da história	
<b>AGRADECIMENTOS . . . . .</b>	<b>285</b>
<b>NOTAS . . . . .</b>	<b>289</b>
<b>SOBRE O AUTOR . . . . .</b>	<b>309</b>



# Prefácio

por Alan Hirsch

*As grandes revoluções cristãs não vêm pela descoberta de algo antes desconhecido. Elas acontecem quando alguém assume radicalmente algo que sempre esteve ali.*

H. Richard Niebuhr

Um dos livros mais estimulantes que li recentemente foi *A Era do Inconcebível* de Joshua Cooper Ramo.<sup>1</sup> O “inconcebível” na visão de Ramo é parecido com o tipo de choque futuro/cultural que experimentamos em encontros problemáticos com o século XXI quando entramos em águas previamente inexploradas. Isso se deve em grande parte a imensos fatores econômicos, políticos, ambientais e sociais à medida que eles mudam. Nossa era é altamente instável e está à beira de uma mudança cultural sísmica. E ainda assim estamos entrando nessa era revolucionária armados com uma mentalidade formada e adequada para os séculos passados. O aviso central do livro de Ramo destaca por que e como uma visão obsoleta do mundo serve apenas para piorar, ao invés de resolver, os sérios problemas globais que enfrentamos.

Como um líder missionário global, Sam Metcalf sabe disso. Ele sente que estamos mal preparados para os desafios paradigmáticos do século vindouro. Mas, para propor um caminho adiante, Sam sabe que ele precisa expor a eclesiologia reducionista implicada nas compreensões ocidentais herdadas do que é a igreja. Ele visa diretamente a redução da *ecclesia* de Jesus ao meramente local e de sua liderança ao meramente pastoral. Ele acerta em cheio aqui.

O divórcio entre a igreja local e a igreja missionária é com certeza um desastre sistêmico. Nas raízes do século XX, Roland Allen, o notável missionário na China, predisse que, com o nascimento da assim chamada “*paraigreja*” e das sociedades missionárias, “acabaríamos com uma igreja sem missão e uma missão sem igreja”.<sup>2</sup> Essa ruptura na eclesiologia do Novo Testamento introduziu um elemento de profunda disfuncionalidade, tanto na igreja local quanto nas “paraigrejas” resultantes, e diminuiu a possibilidade de movimentos ocorrerem.

Sempre acreditei que se entendermos *ecclesia* corretamente, e começarmos a reapropriar os seus significados... então muitos dos problemas que enfrentamos agora poderiam ser resolvidos. Por exemplo, nosso paradigma mais concreto, extremamente localizado e bastante institucionalizado de igreja deve ser redefinido no significado muito mais amplo e fluido usado na Bíblia.

O confinamento da igreja ao simplesmente local trouxe consequências desastrosas para a nossa capacidade de imaginar a igreja como um movimento transformador que pode

alcançar vastas regiões geográficas e penetrar inúmeras culturas. A igreja local como conhecemos mal consegue alcançar além de sua própria programação interna, quem dirá transformar culturas e sociedades inteiras. E, ainda assim, acredito que isso é o que Jesus designou a igreja para fazer. Precisamos expandir nossa compreensão de igreja para a de um movimento apostólico em expansão, não reduzi-la para uma instituição religiosa unidimensional. Essa é a igreja que é párea para os desafios do século XXI.

Partindo das categorias de Ralph Winter, do melhor pensamento sobre liderança missionária e anos de experiência, Sam desenvolve uma tipologia coerente e estrategicamente útil de liderança missional junto à organização missionária associada.

Mas em *Além da Igreja Local*, Sam não sugere apenas novas maneiras de organização. Ele também destaca a importância de expandir a nossa severamente diminuída compreensão de ministério para além daquela do pastor e do mestre para incluir os ministérios geradores do apóstolo (missionário), profeta e evangelista previstos em Efésios 4:1-16 (APEPM).

Sempre senti a urgência e o puro valor deste tão negado aspecto da eclesiologia bíblica e escrevi sobre ele em quase todos os livros que publiquei. Mais recentemente, e em sua mais consistente e exaustiva forma, escrevi sobre ele com Tim Catchim em *The Permanent Revolution* [A Revolução Permanente]. Estou completamente convencido de

que precisamos, antes de mais nada, conceber novamente a igreja como um movimento missional, ou melhor, *apostólico*. Quando abraçarmos esse paradigma mais bíblico de igreja, começaremos então a pensar e agir como o movimento que fomos designados para ser. Mas, se estamos prestes a adotar novamente esse formato de movimento (e eu não consigo ver um plano B viável para a igreja no Ocidente), então vamos precisar adotar outra vez aquelas formas de ministério que conseguem gerar, sustentar e desenvolver movimentos missionários. E não há nada melhor a se fazer do que recuperar as dinâmicas capazes de transformar o mundo latentes na tipologia APEPM.

Essa é uma contribuição muito bem-vinda para a área de estruturas e liderança missionais baseada na tipologia ministerial bíblica “APEPM” que vemos operando durante todo o livro de Atos e na igreja primitiva. Espero e estou confiante que esse livro irá ajudar o leitor a redescobrir a pura potência ligada a uma compreensão genuinamente missional de igreja.

Sente-se o amor de Sam por Deus, pela Bíblia, pela história e pela missão da igreja ao longo do livro. Estou confiante que, tendo lido, e seguido seu conselho, todos nós nos encontraremos mais fiéis à obra particular de Deus em nossa geração.

Se você é um daqueles cujo coração foi agitado por esse volume — e que sentiu uma nova liberdade e oportunidade de atender a um chamado apostólico — Eu te encorajo a agir. Se você tem o dom e está disposto, então, por favor, entre de

cabeça nisso, seja no contexto da igreja local ou nos tipos de estruturas que Sam defende com tanto vigor. Não fique esquentando banco. Há muita coisa em jogo!

### **Alan Hirsch**

Autor de inúmeros livros sobre cristianismo missionário e fundador da Forge Mission Training Network e Future Travelers.

[www.alanhirsch.org](http://www.alanhirsch.org)



# Introdução

*A renovação da igreja virá de um novo tipo de monasticismo, o qual só tem em comum com o velho uma aliança inabalável com o Sermão do Monte. Já passou da hora de homens e mulheres se juntarem para fazer isso.*

Dietrich Bonhoeffer

*Envie-nos pessoas com iniciativa. Envie apenas Paulos e Timóteos... que sejam cheios de zelo, santidade e poder. Todos os outros são empecilhos. Se você mandar dez homens assim, o trabalho será feito. Quantidade não é nada; qualidade é o que importa.*

C.T. Studd, missionário pioneiro na China, Índia e África

Lembro-me de uma brincadeira de quando eu era criança, na qual dobrávamos um joelho, segurávamos o nosso pé nas costas e aí tentávamos correr — mancando, tropeçando e caindo enquanto nos esforçávamos ao longo da grama para alcançar a linha de chegada.

É isso que acontece quando temos apenas uma perna para nos manter de pé, ou assumimos que, de alguma forma, dois

pés esquerdos bastam para fazer isso. Esse padrão de equilíbrio se repete na maior parte da natureza. Dois olhos dão perspectiva. Dois braços e duas mãos dão destreza. Dois lados do cérebro operam separadamente, mas ainda assim em conjunto. Todas essas coisas vêm em pares, porque existem muitas coisas no mundo físico que funcionam melhor quando têm equilíbrio e complementaridade.

É isso que acontece quando assumimos incorretamente que a igreja local é tudo o que existe, ou que deveria existir no que se refere aos propósitos redentores de Deus. É como tentar correr com dois pés esquerdos. Os resultados podem ser tão tristemente hilários quanto eram quando eu corria aquelas corridas quando criança, mancando em um pé só.

Há uma simetria divina e estrutural que ignoramos por nossa conta e risco. No mundo protestante, do qual faço parte, a negação da legitimidade da outra forma da igreja — o tão necessário pé direito — tem sido prevaLENcente demais e até mesmo a norma durante os últimos quinhentos anos desde que Martinho Lutero pregou suas Noventa e Cinco Teses à porta da Igreja de Wittenberg.

## **PROCURANDO POR MAIS?**

Cresci em uma casa na qual o envolvimento com a igreja local era um fato e, em minha experiência, foi na maior parte saudável e acolhedor. Mas, desde cedo, tive dificuldades com o desconfortante sentimento de que para mim tinha que ter algo a mais, algo além daquela experiência. Quando, durante

os meus dias de ensino médio e universidade, entrei em contato com ministérios como Young Life, Campus Crusade (Cru), the Navigators, InterVarsity, World Vision e muitos outros, um mundo mais amplo de ministério se abriu pra mim. Descobri através da experiência que o pé esquerdo não bastava, pelo menos não pra mim — e achei aquela descoberta incrivelmente libertadora. Imagino que eu teria descartado a minha fé se não fosse por esse envolvimento além da igreja local.

Mas, ainda que eu soubesse e entendesse isso intuitivamente, foi só alguns anos depois que descobri o porquê, quando fui exposto à evidência bíblica e histórica que embasava o entendimento da igreja em ambas as suas formas de pé direito e pé esquerdo. Descobri que essas estruturas missionárias além da igreja local eram os lugares onde muitas pessoas com o que a Bíblia se refere como *dom* ou *chamado apostólico* poderiam se realizar. Essas estruturas eram as plataformas ideais em que os “enviados” — o significado básico da palavra “*apostólico*” na Bíblia — poderiam prosperar e fazer a sua maior contribuição aos planos e propósitos de Deus.

E descobri que, ao contrário do que eu havia escutado no contexto da minha igreja local, esses ministérios fora e além da igreja local não eram aberrações. Eles não existiam apenas porque a igreja local não estava fazendo o que ela deveria fazer. Longe disso. Essas estruturas apostólicas missionárias existiam por desígnio e plano de Deus. Elas nunca foram um plano B.

## VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO

O que descobri, após décadas de ministério em dezenas de países com centenas de líderes, pastores e missionários em todas as configurações que você possa imaginar, foi que não estou sozinho. Envolve-me consistentemente com aqueles que foram frustrados de maneira similar e estão mancando em um pé só, acreditando falsamente que estão rebaixados a esse estado para o resto de suas vidas. Pode ser que você seja um desses. Você gostaria que houvesse algo diferente que se encaixasse com os seus dons e seu chamado, mas quando você o encontra, você se sente de algum modo culpado, porque é “*para-eclésiástico*” e não é legítimo o bastante. Se você se sente assim, esse livro é especificamente para você.

Travis era exatamente esse tipo de pessoa. Depois da faculdade, ele fazia parte de uma plantação de igreja (que fracassou) e então trabalhou como *barman* durante o seminário. Em retrospectiva, ele diz, ele tinha um ministério muito mais autêntico atrás do balcão do que na plantação de igreja.

Quando nos encontramos, Travis estava se perguntando “e agora?”. Ainda que ele apreciasse a igreja local que o havia nutrido nos anos anteriores, ele sabia no âmago do seu ser que ele, de alguma maneira, não se encaixava no contexto da igreja local. Hoje, com seus trinta e poucos anos, ele lidera equipes de missionários que pensam como ele — pessoas altamente comprometidas que, enquanto vivem a vida juntos em comunidade, buscam uma visão focada e missional em bairros e cidades ao redor do mundo. Ao seu redor, novas expressões de

igreja local estão surgindo. Mas essas equipes que Travis está liderando não são igrejas locais, nem tentam ser.

Em todo o mundo protestante, muitos de nós seguimos adiante com uma desvantagem autoinfligida, a qual não valida ou afirma inteiramente aqueles com um chamado apostólico como Travis, ou as estruturas missionais necessárias para que homens e mulheres como ele possam florescer. Partindo de um nobre senso de lealdade à igreja local, mancamos cegamente como aleijados eclesiológicos.

Deixar de lado o chamado apostólico e as estruturas necessárias para a sua expressão integral é primariamente um problema protestante — os católicos romanos e os ortodoxos não se debatem muito com essa questão. Eles simplesmente pegaram a realidade bíblica, histórica e missiológica das duas expressões complementares de igreja e a institucionalizaram através de suas ordens religiosas. Dessa forma, eles validaram uma infinidade de estruturas não locais que são fontes contínuas de vitalidade espiritual e renovo para todo o corpo de Cristo. E eles têm sido extraordinariamente eficientes. Apesar dos inevitáveis “empurra-empurra” políticos e internos por poder e influência ao longo dos séculos, os católicos e os ortodoxos têm tido bastante sucesso no aproveitamento das dinâmicas e estruturas organizacionais apostólicas.

## **VOLTEMOS AOS MONGES!**

Em agosto de 1988, um editorial apareceu na revista *Christianity Today* intitulado *Let's Remonk It* [Voltemos aos

Monges].<sup>1</sup> Era um maravilhoso chamado ao restabelecimento de uma ampla e robusta expressão de igreja no mundo protestante, a qual levaria a ministérios mais parecidos com as ordens monásticas. O que também levaria a mais equipes e comunidades como aquelas que Travis lidera. O que, por sua vez, levaria a uma expansão do nosso entendimento de igreja para incluir tanto as expressões do “pé direito”, quanto as expressões do “pé esquerdo”.

Quando esse editorial foi publicado, achei-o ousado e até mesmo perigoso para seus escritores. Ele mostrava um profundo grau de visão missiológica — muito mais do que eu teria antecipado naquela época da emblemática revista da cena evangélica norte-americana.

Atualmente sou responsável por mais de quinhentas pessoas trabalhando em mais de oitenta nações. Onde quer que essas pessoas estejam, elas fazem uma ou mais destas três coisas. Primeiro, elas vivem entre povos não alcançados, desigrejados ou desviados, criando movimentos do Evangelho onde igrejas existentes não podem ir ou não vão. Segundo, eles ajudam a mobilizar as igrejas existentes e seus líderes para a missão, para que esses corpos locais possam alcançar os seus próprios “vizinhos” e vê-los tornarem-se seguidores obedientes de Jesus. E terceiro, eles vivem encarnadamente entre os pobres e os marginalizados para ver os discípulos de Jesus se multiplicarem e as suas comunidades transformadas pelo poder e pela presença de Cristo.

Dessa posição, cheguei à conclusão de que a essência daquele editorial na “*Christianity Today*” era mais do que ousado. Era profético. Quer seja o ministério entre os povos não alcançados remanescentes no mundo, quer seja retomar o impulso do movimento cristão no Ocidente pós-moderno, uma chave essencial para a eficiência é o ressurgimento de estruturas apostólicas de igreja e de pessoas com chamado apostólico para populá-las. Tal ressurgimento irá requerer uma mudança de pensamento, particularmente entre alguns líderes religiosos — tanto pastorais quanto denominacionais — sobre a legitimidade e essencialidade das estruturas necessárias para que muitos com dons apostólicos possam prosperar. Tanto o pé direito quanto o esquerdo são necessários.

### **PARA QUEM É ESTE LIVRO?**

Meu foco está sobretudo naqueles de nós que são chamados por Deus a viver e trabalhar em ministérios não locais da igreja, atraindo aqueles que desejam se tornar seguidores de Jesus. Meu propósito é validar o nosso chamado: mostrar que nosso chamado e as estruturas nas quais vivemos e trabalhamos são tão anatomicamente essenciais para a missão de Deus quanto as igrejas locais e que, sem nós, movimentos raramente aconteceriam. Nós vivemos, dia sim, dia não, ao redor do mundo com as implicações do que “igreja” de fato significa para pessoas que estão radicalmente distantes de Deus. Para as pessoas entre as quais ministramos, nosso entendimento dessas verdades tem consequências de vida ou morte, e o destino das multidões está em jogo.

Este não é um argumento esotérico para os corredores da Academia. Estou convencido de que o futuro do movimento cristão depende da nossa habilidade de não apenas entender esses conceitos, mas de colocá-los em ação e envolver outra vez as culturas que estão à nossa volta com um Evangelho bíblico e holístico. É viver em um cenário contemporâneo a verdade articulada em Nicéia: “Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica”. Espero demonstrar nesse livro que uma perspectiva missional e bíblica como essa é difícil, senão impossível, quando nos agarramos a um conceito limitado do corpo de Cristo, segundo o qual a igreja em sua expressão local é a única coisa válida.

A mensagem é simples: a criação e a multiplicação de estruturas onde chamados apostólicos podem ser vividos em sua plenitude são imprescindíveis para a missão de Deus e para a saúde e vitalidade do corpo de Cristo, e são essenciais para os movimentos das Boas Novas de Jesus acontecerem. E as pessoas chamadas por Deus para popular essas estruturas missionárias e apostólicas devem ser validadas, apoiadas e afirmadas.

## **AS LIMITAÇÕES DE DOIS PÉS ESQUERDOS**

Esses chamados e paixão apostólicas são raramente, se é que são, completamente incorporadas na igreja em sua expressão local. E eles não são uma aberração. Esse sempre foi o plano e o propósito de Deus, demonstrado de novo, de novo e de novo ao longo da história da redenção. A igreja em sua forma local, intergeracional, paroquial e diocesa nunca foi — teológica, histórica, sociológica ou missiologicamente — designada



por Deus para cruzar barreiras em prol da expansão de Seu Reino. A igreja local não inicia movimentos sozinha. Ao invés disso, ela é supremamente designada para uma missionalidade de vizinhança *e para* ser uma base apoiadora de esforços apostólicos de enviar e equipar aqueles que de fato cruzam barreiras assim.

O que escrevi nestas páginas pode ser perturbador para alguns pastores e oficiais denominacionais no mundo protestante que continuam a defender a visão de que a igreja tem dois pés esquerdos. Infelizmente, isso é o que muitos de nós aprendemos e aceitamos sem críticas, sobretudo no Ocidente, desde os dias da Reforma em diante.<sup>2</sup> Nesse volume, irei desafiar alguns dogmas tradicionais a respeito da natureza e da missão da igreja, e pode ser que eu derrube algumas vacas sagradas institucionais. Posso desafiar suposições amplamente aceitas para as quais missionários — quem as melhor conhece — se sentem constantemente obrigados a dar palavras vazias. Creio que devemos pensar criticamente a respeito de mantras e suposições eclesiológicas que, quando postas em prática, contribuíram para a impotência e regresso do movimento cristão, independente do contexto.

Estou cada vez mais convencido de que agir com base nesse axioma é essencial se a igreja quiser retomar o seu impulso no Ocidente, à medida que a cultura continua sua decadência para a pós-modernidade secular. Creio que aplicar essas verdades também é essencial se a igreja no sul global e nos países emergentes quer evitar os erros de seus irmãos e irmãs no Oci-

dente ao adotar sem críticas uma compreensão truncada e inadequada do que a igreja é — uma inadequação que contribui para a estagnação contínua e o declínio evidente na Europa e na América do Norte.

Este tema não é passageiro. Na verdade, é um tema atemporal para qualquer um que esteja genuinamente preocupado com o estado do movimento cristão em nosso mundo, e em particular no Ocidente. É um tópico importante para qualquer um que leve a sério a obediência das palavras de Jesus em Mateus 28 e 20 e ao movimento que Ele começou. Isso porque nunca houve um submovimento significativo dentro do movimento cristão como um todo que não exemplificou e utilizou uma estrutura apostólica dinâmica em sua essência.

## **O IMPERADOR NÃO TEM ROUPAS**

Quero ser claro desde o princípio. Não sou anti-igreja local. Longe disso. Na verdade, estou preocupado com a aceitação sem críticas do entendimento de que a igreja em sua forma local é tudo o que há quando se trata das expressões autênticas do movimento cristão, ou da Igreja com “I” maiúsculo.

Se formos brutalmente honestos, vivemos em um contexto na América do Norte que está amplamente desiludido com essas expressões de igreja local que permeiam a nossa cultura. As estatísticas mostram isso.<sup>3</sup> A espiritualidade não está em declínio, mas a religião institucionalizada e as expressões estagnadas e irrelevantes de Cristandade estão em queda livre. As pessoas podem ser positivas em relação a Jesus, mas elas

não querem ter nada a ver com a igreja do modo que a veem ao seu redor.

Na América do Norte, o segmento da população que mais cresce, categorizado por afiliação religiosa, são os “*nones*”, ou seja, aqueles que deixaram a afiliação religiosa formal. Isso inclui os desviados, os quais constituem a maior categoria de pessoas da geração mais jovem que não pertencem a nenhuma igreja.<sup>4</sup> Em minha experiência, um dos modos mais eficientes de envolver os “*nones*” com a realidade de Jesus e Seus propósitos no Reino é a paciente e amável presença de pessoas apostólicas trabalhando através de estruturas apostólicas.

As vozes que prevalecem na cultura ocidental olham muito para a igreja local e pronunciam, através da mídia, das artes, da política e da educação, que o imperador não tem roupas. À medida que a cultura ocidental continua sua decadência em direção ao secularismo, não apenas as mensagens de muitas de nossas igrejas locais, mas o seu próprio tecido e estrutura estão cada vez mais sendo deixados de lado e fora de alcance. Isso não pode ser atribuído apenas a uma cultura adversária que é antagônica a tudo que é percebido como cristão. Na verdade, aqueles de nós que somos seguidores de Jesus no mundo ocidental trouxemos muito disso sobre nós mesmos. Apesar dos nossos números, nossa riqueza e das nossas instituições, nossa influência continua seu declínio precipitado. Como Alan Hirsch e Tim Catchim observam tão astutamente: “A igreja dos Estados Unidos gasta US\$70 bilhões todas as décadas em plantação de igrejas e recursos, e estamos experimentando um

declínio na aderência e membresia em um ritmo sem precedentes”.<sup>5</sup> Eles continuam:

Todos os indicadores estatísticos mostram uma séria infertilidade no cristianismo ocidental e então também somos pegos em uma desesperadora espiral de declínio espiritual e de número em quase todos os cenários do mundo ocidental... precisamos reconhecer que depois de quase vinte séculos de cristianismo em cenários ocidental, nós em geral não vimos o tipo de transformação implicada no Evangelho.<sup>6</sup>

Eu estava em Londres folheando um dos onipresentes tabloides britânicos e um anúncio para um novo clube de saúde me chamou atenção. A foto era de um magnífico santuário de uma igreja gótica que havia se transformado na piscina de um novo spa. Era um retrato revelador da contínua desapareção da Igreja Anglicana na cidade onde mais pessoas vão à mesquita do que à Igreja da Inglaterra em qualquer fim de semana. Ou veja o caso deste outro edifício da igreja, a uma quadra da Milha Real de Edimburgo, que agora é uma boate e um *lounge*. Para adicionar um insulto à injúria, a boate é chamada *Sin*, do inglês “pecado”, e a logo que substituiu o vitral retrata um anjo caído descendo das alturas do céu.

O declínio do movimento cristão no Ocidente é bem documentado e pouco surpreendente para observadores honestos.<sup>7</sup> Infelizmente, muitos de nós somos como aquele sapo proverbial na chaleira. Permanecemos em nossas bolhas religiosas, alheios à velocidade da mudança ao nosso redor, até

que seja tarde demais. Mas o ponto é que sem uma restauração da função apostólica e das necessárias estruturas apostólicas, creio que há pouca esperança de que o movimento cristão reganhe sua iniciativa no ocidente. Até compreendermos, legitimarmos e adotarmos a essencialidade de tais chamados e estruturas apostólicas, e liberá-los das limitações impostas por igrejas locais bem-intencionadas, pelos líderes de igrejas locais e autoridades denominacionais, nunca seremos capazes de superar a irrelevância e a marginalização que as Boas Novas de Jesus enfrentam no mundo ocidental.

## **A NECESSIDADE DE ESTRUTURA**

Ainda que haja sinais encorajadores de renovo e reinvenção, conversas sobre estrutura sempre me parecem estranhamente ausentes. Por isso a ênfase no tema desse volume: visão apostólica sem estrutura apostólica é apenas um sonho. Creio que isso foi essencial para todos os movimentos missionários desde o Pentecostes.

Por exemplo, a estrutura foi o fator diferencial entre a relativa falta de resultados de longo prazo no ministério de George Whitfield quando comparados àqueles de John Wesley. Whitfield pode ter sido considerado a voz mais influente do cristianismo no mundo anglófono no século XVIII, mas Wesley entendeu que um movimento com estrutura teria uma influência mais duradoura. Foi através dos “métodos” dos Metodistas que o poder de seu movimento foi aproveitado, com resultados que duraram por muitas gerações.

Exemplos como Whitfield e Wesley podem ser encontrados em todas as épocas e eras, em todos os povos e culturas nos últimos dois mil anos, onde quer que as Boas Novas de Jesus se enraizaram. E em todas as instâncias nas quais o Espírito de Deus é derramado em Seu povo e há uma dinâmica estrutural que se segue, na qual o povo de Deus é livre para prosperar tanto nas expressões locais de igreja quanto nas expressões apostólicas de igreja, vemos movimentos do Evangelho emergir, todos apontando para o trabalho da poderosa mão de Deus em seus amorosos propósitos redentores.

## **O IMPRESSIONANTE POTENCIAL DE MOVIMENTOS APOSTÓLICOS**

Eu gostaria de ver um entendimento, uma afirmação e um revigorado alavancar da legitimidade para o ministério apostólico e para as estruturas necessárias para o seu cumprimento. Se esse paradigma missiológico, bíblico e histórico puder ser adotado mais completamente, é extraordinário imaginar as forças espirituais, revigoradas pelo Espírito de Deus e os agentes do céu que poderiam ser liberados em nosso tempo. O tipo de movimento que esse livro descreve pode se tornar a norma, ao invés da exceção.

Anseio ver ondas de indivíduos com chamados e paixões apostólicas liberados em campos de colheita no mundo e os movimentos autênticos e revigorados que inevitavelmente surgirão como resultado. Quero ver pessoas apostólicas mobilizadas para o ministério eficiente nos cenários da igreja local e transbordando no ministério além da igreja local, tanto longe

quanto próxima. Há gente demais esquentando banco. A quantidade de talento inexplorado, dons frustrados e habilidades mal-aproveitadas é esmagadora. O desperdício é terrível.

E, finalmente, quero ver e participar em movimentos nos quais milhares de pessoas, que estão agora distantes de Deus, vão em Sua direção e encontrem liberdade definitiva através de um compromisso irrestrito com Jesus. Tais movimentos aconteceram raramente — e não serão possíveis no futuro — fora da liderança de pessoas apostólicas e da multiplicação de estruturas apostólicas através das quais eles são livres para exercer seu ministério. Dois pés esquerdos não bastam. Precisamos de estruturas apostólicas e missionais para acomodar os dons apostólicos. Os resultados dos movimentos não são apenas divinos, mas profundamente efetivos aqui e agora. Os resultados serão profundamente transformadores para um mundo que sofre grandes dores e tem uma necessidade cada vez maior.

O governo de Jesus e a presença de Seu Reino podem irromper mais profunda e amplamente para nós e para as próximas gerações? Com certeza! Mas um componente essencial e crucial desse Reino é liberar esses empreendedores pioneiros do Reino chamados apóstolos e revigorar as estruturas nas quais eles prosperam com energia e recursos. O mundo está sedento por expressões do corpo de Cristo que correm com os dois pés! Em prol de Seu nome e em prol de Sua criação, que o Rei do Reino assim o faça em nossos dias.

## CAPÍTULO 1

# O Poder de uma Anatomia Balanceada

A genialidade e desígnio bíblicos para movimentos e estruturas apostólicas

*A missão de Deus é limitada, porque os modelos através dos quais ela pode acontecer foram restringidos.*

George Lings

*Creemos na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.*

Crede de Niceia

Ele era o pastor de uma igreja local que havia sido uma apoiadora generosa de várias pessoas que serviam ao redor do mundo com a Church Resource Ministries (CRM), a organização que lidero. Mas ele estava se debatendo com a questão de onde a responsabilidade dele por aquelas pessoas terminava e onde a nossa, como uma entidade missionária com a qual eles serviam, começava. Foi uma boa luta e uma muito comum para muitos que querem sinceramente afirmar e apoiar aqueles dentro das suas congregações a quem Deus



separou e chamou para serem enviados — pessoas apostólicas, aquelas que atravessam barreiras sociais, culturais, linguísticas ou geográficas em prol das Boas Novas de Jesus.

Conversando com ele durante o almoço, comecei a apresentar cuidadosamente as distinções, como eu as vejo, entre igrejas locais e ministérios como o nosso, e como eu considerava que uma interdependência saudável entre essas duas formas de igreja deveria ser. Parte disso foi fácil, porque nós dois tínhamos um profundo compromisso com a missão e com o que Deus queria fazer entre as nações. Mas, infelizmente, nós tínhamos poucas categorias para o ministério externo, ou que não estivesse sob o controle da congregação local. Pessoas e estruturas apostólicas que operam fora de sua igreja local não eram de fato uma parte legítima de seu paradigma de ministério.

Quanto mais conversávamos, mais a dissonância vinha à tona. Finalmente, ele deixou escapar: “Sempre suspeitei que havia pessoas como você no mundo das missões, mas você é a primeira que ouvi dizer essas coisas abertamente. Você realmente acha que você o que você faz é tanto ‘igreja’ quanto o que nós fazemos? De onde você tirou isso da Bíblia?” Continuando, ele sugeriu que seria uma boa ideia para mim conversar com um teólogo respeitado em um seminário ali por perto com a esperança de que a minha teologia pudesse ser melhor informada.

Esse encontro em particular me assombrou depois. Ali estava um pastor fiel e consciente, praticamente implorando por algum tipo de justificação bíblica para o que eu considerava ser uma eclesiologia saudável. Creio que ele queria genuinamente validar aqueles de sua congregação que tinham escolhido uma vocação missionária, mas ninguém — nem no seminário, nem depois — havia dado a ele uma lógica convincente para tal estrutura.

## O PARADIGMA DAS DUAS ESTRUTURAS

Ralph Winter foi um dos gigantes icônicos do mundo missionário durante a segunda metade do século XX. Depois de conseguir diplomas de Caltech, Columbia, Cornell e Princeton, ele e sua esposa, Roberta, começaram a ganhar experiência como missionários na Guatemala. Ali, eles foram os pioneiros do TEE (Educação Teológica por Extensão), um conceito que tem sido reproduzido ao redor do mundo desde então.

Depois de uma década na Guatemala, Winter se tornou um dos principais dos missiologistas eminentes recrutados por Donald McGravan no Seminário Teológico Fuller, no qual Winter influenciaria diretamente mais de mil missionários, especialmente através de seu revolucionário curso “A História do Movimento Cristão”. Ele passou a fundar várias organizações, incluindo o *U.S. Center for World Mission* [O Centro para Missões Mundiais dos Estados Unidos], o qual encabeçou o conceito de povos não alcançados e exerceu uma influência de longo alcance nas prioridades missionárias globais que se estende até os dias de hoje.

Uma das contribuições mais importantes de Winter para a missiologia foi um artigo seminal redigido pela primeira vez em 1973, intitulado *The Two Structures of God's Redemptive Mission* [As Duas Estruturas da Missão Redentora de Deus].<sup>1</sup> Nessa ampla visão histórica geral, Winter esboça — como só ele poderia fazer — os grandes temas da atividade redentora de Deus, e junta todas as peças de forma a fazer sentido de séculos de história missionária. É o melhor tratado histórico de uma eclesiologia missional integral que já encontrei. Ele explica como o desígnio de Deus, desde o tempo do Novo Testamento em diante, foi trabalhar através da igreja local e da igreja em sua forma missionária.

Quando eu estava no Fuller para os meus estudos de graduação e me deparei com o artigo de Winter, fiquei em choque. Ninguém nunca tinha explicado nada disso para mim. Eu nunca tinha ouvido aquilo antes. Foi como se todas as luzes se acendessem, e me fosse concedida uma licença de legitimidade para o ministério — uma que eu nunca tinha experimentado antes.

Winter argumenta que Deus escolheu trabalhar ao longo de toda história através de duas estruturas redentoras principais. Winter deu a essas duas estruturas títulos antropológicos. Ele chamou a igreja em sua forma local, paroquial e diocesana (a qual chamo de “pé esquerdo”) de uma *modalidade*, e descreveu a igreja em sua forma missionária e orientada a tarefas de uma *sodalidade* (a qual chamo de “pé direito”). Ambas são igreja. Ambas são necessárias.

Esses termos são entendidos e usados nos círculos da Igreja Católica Romana e são também ocasionalmente usados por protestantes também, como o historiador Kenneth Scott Latourette de Yale em seu marcante trabalho: *Uma História do Cristianismo*.<sup>2</sup> Mas, na maior parte do tempo, ninguém parece lembrar qual é qual, se é que eles de fato os conhecem. Nesse livro, estamos usando analogias práticas, como *pé direito e esquerdo*, para ajudar a distinguir essas partes complementares da anatomia da igreja.

Enquanto há muitas implicações que podem ser tiradas do artigo de Winter, acredito que três que são especialmente profundas:

1. A igreja em sua forma missionária e apostólica é tão “igreja” quanto a igreja em sua forma local e paroquial. Deus nunca teve como desígnio ou intenção que uma fizesse o trabalho da outra.
2. A evidência da história é abundante de que sempre que essas duas estruturas trabalham cooperativamente e interdependentemente o movimento cristão prospera e avança. Quando uma estrutura domina ou tenta controlar a outra, o movimento sofre.
3. Líderes apostólicos prosperam mais em estruturas desenhadas unicamente para o cumprimento do seu chamado, e esses líderes devem ter acesso a estruturas assim para poder alcançar o seu potencial dado por

Deus. Quando líderes pastorais ou denominacionais assumem erroneamente que tais estruturas apostólicas não têm validade ou estão sujeitas ao seu controle, todo mundo sai perdendo.

## COMPARANDO MODALIDADES E SODALIDADES

A tabela a seguir é uma maneira útil de comparar e contrastar essas duas expressões de igreja. Ainda que existam estruturas de pé direito que não são apostólicas (descritas no capítulo cinco), meu interesse aqui e ao longo desse livro é naquelas estruturas que são apostólicas por natureza, nas quais dons apostólicos florescem.

<b>Estruturas de pé esquerdo (Modalidades)</b>	<b>Estruturas de pé direito (Sodalidades)</b>
A igreja local	A igreja móvel
Forma paroquial, diocesana	Forma missionária
Estruturadas primariamente para nutrir e cuidar	Orientadas a tarefas, móveis, flexíveis e enxutas
Conservam um novo terreno	Conquistam novos territórios, cruzam barreiras
“Primeira decisão” das pessoas	“Segunda decisão” das pessoas
Ministérios generalistas	Ministérios especializados
Multitarefa	Foco específico

Inclusivas	Exclusivas
Pastores e mestres prosperam	Líderes apostólicos prosperam
Recursos para sodalidades	Criam modalidades e novas sodalidades
Relacional	Podem ser transdenominacionais
Multiplicam ocasionalmente	Expansionistas
Ciclo de vida de cinco gerações	Ciclo de vida geracional estendido
Principalmente missionalidade de vizinhança (E-0) <sup>3</sup>	Capacidade transcultural (E-1 a E-3)
Constroem, estabelecem e preservam	Intrinsecamente empreendedoras

Uma série de analogias — além de pé esquerdo e pé direito — podem ajudar a ilustrar a distinção entre essas duas estruturas. Um jeito simples de visualizá-la é pensar no contraste entre *colonos* e *pioneiros*. Os pioneiros vão a algum lugar. Eles exploram novos territórios. Eles cruzam barreiras em seus esforços. Pioneiros imaginam o que poderia ser e são motivados pelo novo e pelo desconhecido. Essa ideia é capturada nas famosas falas introdutórias de todos os episódios de *Jornada nas Estrelas*:

O Espaço: A fronteira final. Estas são as viagens da nave Enterprise. Sua missão de cinco anos: explorar estranhos mundos

desconhecidos; descobrir novas formas de vida e novas civilizações; ir corajosamente a lugares que nenhum homem foi antes.

Colonos, por outro lado, são aqueles que conservam o fruto da exploração. Eles estabelecem. Eles criam raízes e constroem. Eles garantem que o que foi realizado será preservado para eles e para as gerações futuras.

Os valores e a mentalidade de pioneiros e colonos são bem diferentes. Inevitavelmente, eles têm valores diferentes que podem entrar em conflito. Como diz George Lings, “Para o aventureiro a palavra ‘colono’ é tão atrativa quanto lama. Para a pessoa sistemática, pioneiros são um pesadelo”.<sup>4</sup>

Cada função pede habilidades diferentes e diferentes conjuntos de habilidades. Cada uma pede por uma estrutura na qual suas habilidades e conjuntos de habilidades possam ser vividos efetivamente. Mas ambas são válidos. Ambas são importantes. Ambas são necessárias.

A distinção de duas estruturas pode ser vista em uma série de outras áreas da vida. Existe uma diferença entre o empreendedor clássico que começa um negócio e o gerente empresarial que o constrói e mantém. Existe uma diferença entre um pesquisador médico pioneiro e um médico de família. Existe uma diferença entre um soldado que serve nas Forças Especiais e aquele que serve no exército regular. Em quase todos os esforços humanos existem distinções entre especialistas e generalistas e estruturas sociais que acomodam unicamente cada um

deles. Não é diferente para a igreja — a expressão universal na Terra das pessoas comprometidas com Jesus.

Gostaria que houvesse um vocabulário melhor para explicar a distinção entre *sodalidade* e *modalidade*. Outros tentaram vários termos, mas eles não pegaram: “igreja enviada” versus “igreja reunida”; “pioneiros” versus “colonos”; “especialistas” versus “generalistas”, etc. Mas, em nosso tempo, e para aqueles imersos na tarefa missional do movimento cristão, Winter trouxe clareza a esses conceitos fundamentais. George Lings escreve:

Eu resisti à linguagem por anos, porque eu não a entendia e a achava obscura. As palavras não significavam quase nada para mim, além do meu próprio senso de incompreensão. Tendo sido iluminado, elas são agora uma parte central da minha compreensão de missão e igreja, e lamento profundamente que esses termos não sejam mais acessíveis. Pensei por alguns anos sobre como eles poderiam ser melhorados e estou aberto a sugestões, mas as alternativas propostas por outros até agora parecem apenas parciais ou até mesmo estar um passo atrás.<sup>5</sup>

O artigo *Two Structures* [As Duas Estruturas] de Ralph Winter é primariamente um argumento da história. Ele não dedica muito tempo com uma justificação bíblica ou exegética para a distinção entre essas duas estruturas ordenadas por Deus. Ele não faz muita coisa para extrair o paradigma — especialmente a legitimidade da estrutura apostólica — da Escritura.



Isso é compreensível, porque para a mente judaica, tanto do Antigo Testamento quanto nos estágios iniciais da era cristã, tais estruturas seriam óbvias. Haveria pouca necessidade de justificar suas existências. Mas esse não é mais o caso em nossos dias e particularmente não é a visão de mundo que prevalece no Protestantismo. Então, podemos mostrar alguma justificação bíblica para esse paradigma missiológico? Posso responder satisfatoriamente à pergunta feita pelo meu amigo pastor na conversa do começo deste capítulo? A resposta é um inequívoco *sim*.

## **A EVIDÊNCIA NO ANTIGO TESTAMENTO**

Ainda que o Novo Testamento ofereça um solo mais fértil para entender esses conceitos, existem exemplos de equivalentes funcionais de estruturas apostólicas e missionárias tecidas ao longo do Antigo Testamento e do período intertestamentário. É claro, eles podem ser mais implícitos do que explícitos, mas eles não são obscuros.

Um exemplo no Antigo Testamento de indivíduos operando fora do estabelecimento religioso são os Nazireus. Eram homens e mulheres que voluntariamente faziam votos como indicação de serem separados ou consagrados como santos a Deus (Números 6:8). Na *Halachá* (A Lei Judaica) existe uma rica tradição a respeito dos Nazireus, e existem dezesseis usos da palavra hebraica *nazir* na Bíblia hebraica. Na verdade, existiam níveis ou graus de Nazireus e alguma variação do que significava ser um Nazireu em diferentes épocas. Encon-

tramos exemplos de votos Nazireus em Juízes 13:5 (Sansão) e 1 Samuel 1:11 (Samuel). Eles também são mencionados em Amós 2:11-12.

Os Nazireus aparecem nos escritos de Josefo e do rabino Gamaliel e são referidos em 1 Macabeus 3:49. No hebraico moderno, a palavra *nazir* é usada para monges — quer sejam cristãos, budistas ou de outras expressões religiosas não judaicas — assim como para aqueles que foram separados para propósitos específicos e sagrados. Lucas 1:13-15 sugere que João Batista foi designado Nazireu desde o seu nascimento.

Um outro exemplo de estrutura que acomodava pessoas separadas no Antigo Testamento eram as escolas ou grupos de profetas iniciados pelo profeta Samuel e descritos em 1 Samuel 19:19-20. Enquanto os profetas trilhavam uma estrada impopular, a estrutura para viver o seu chamado profético e ser aprendiz de outros profetas floresceu nos dias de Samuel, Elias e Eliseu, e por todo o Antigo Testamento.

Essas “escolas” eram grupos de homens que viviam juntos para instrução, adoração, treinamento e serviço (1 Samuel 10:2-11; 19:19-20; 1 Reis 18:4; 22:6; 2 Reis 2:3-5; 4:38; 6:1). Alguns comentaristas se referem a elas como “ordens” proféticas, e sua influência foi sentida desde o tempo de Samuel até o exílio na Babilônia. Encontramos referências a esses grupos vivendo em Ramá, Betel, Gilgal, Jericó, Carmelo e Samaria, onde infere-se que moravam em seus próprios edifícios, com o seu próprio e claro sentido de comunidade e missão. Havia

estudo, adoração e tarefas para os outros e para Deus, tudo supervisionado pela liderança definida (Samuel, Elias e Eliseu, por exemplo). Eles eram amplamente dependentes da caridade do povo hebraico para suporte.<sup>6</sup>

Durante o período intertestamentário, os Essênios (por volta de 150 a.C. a 68 d.C.) foram outro exemplo de uma estrutura judaica de sodalidade. Eles praticavam a vida comunitária, asceticismo, pobreza voluntária e abstinência de prazeres mundanos, e eram comprometidos com a piedade, expressões de caridade e benevolência. Eles são mais conhecidos por nós hoje como aqueles que produziram — ou pelo menos os que preservaram — os Pergaminhos do Mar Morto. João Batista provavelmente foi influenciado pelos Essênios e seus valores, já que eles viviam perto de lugares ao longo do Rio Jordão, onde João oferecia o batismo para o arrependimento.

Esse padrão de estruturas judaicas continuou durante o período intertestamentário e no começo do primeiro século d.C. Johannes Blauw, em *A Natureza Missionária da Igreja*, escreve um curto, porém fascinante capítulo sobre a atividade missionária entre os judeus — o “movimento proselitista”, no qual grupos de judeus comprometidos viajavam pelo Império Romano para encontrar convertidos.<sup>7</sup> Winter também se refere a eles:

Poucos cristãos, lendo casualmente o Novo Testamento (e somente com o Novo Testamento disponível a eles), suporiam o grau em que haviam evangelistas judeus que foram por todo

o Império antes de Paulo — um movimento que começou 100 anos antes de Cristo. Algumas dessas pessoas são as que o próprio Jesus descreveu como “atravessando terra e mar para fazer um único prosélito”. Saulo seguiu o caminho deles; mais tarde, como Paulo, ele construiu sob os seus esforços e foi além deles com o novo Evangelho que pregava.<sup>8</sup>

Essas estruturas judaicas eram chamadas *khevra*, uma palavra hebraica para uma associação voluntária ou para estruturas missionárias mesmo. Nos dias do Novo Testamento, isso incluía os Fariseus, os Essênios e os Saduceus. F.F. Bruce os chamava de “irmandades” e Alfred Edersheim dizia que “Os Fariseus eram uma ‘ordem’ e uma ‘fraternidade’”.<sup>9</sup> Robert Blinco fornece uma discussão extensa sobre o pano de fundo judaico dessas estruturas e é uma fonte incrível de documentação adicional sobre a relação entre as sinagogas e o *khevrot* judaico.<sup>10</sup>

Todos esses movimentos — Nazireus, as escolas ou grupos de profetas, os Essênios e os proselitistas judeus — incorporam características que vemos expressas mais tardes, tanto em maior quanto em menor grau, não apenas no ímpeto missionário dos grupos apostólicos primitivos do livro de Atos, mas também nos movimentos monásticos missionários do início do Cristianismo.

## A EVIDÊNCIA DO NOVO TESTAMENTO

Alguém poderia argumentar que Jesus e Seu grupo itinerante de discípulos fossem outro exemplo de uma estrutura

como essa. O Seu método de ministério e de ensinar a outros era uma forma religiosa comum fora do estabelecimento religioso e da tradição templo/sinagoga. Porém, a evidência mais óbvia de estruturas apostólicas no Novo Testamento é encontrada no livro de Atos e ao longo dos escritos subsequentes de Paulo, o “apóstolo”, e de outros que faziam parte de seus grupos missionários. O primeiro registro de um ministério pós-Pentecostes como esse está em Atos 13:

...disse o Espírito Santo: “Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado”. Assim, depois de jejuar e orar, impuseram-lhes as mãos e os enviaram. (Atos 13:2-3)

E não foram apenas Barnabé e Saulo que fizeram parte desse esforço. A menção de João e Marcos no versículo 5 e dos “companheiros” de Paulo no versículo 13 implica que havia outros participantes.

Então, o que de fato está acontecendo aqui? Isso é um exemplo da igreja em sua forma local “enviando” pessoas ao ministério que irá cruzar barreiras geográficas e culturais? E qual é a verdadeira relação entre a igreja em Antioquia e esse recém-formado grupo missionário? Esse é mesmo um exemplo de Paulo e Barnabé sendo autoritativamente comissionados pela igreja de Antioquia? Duas coisas precisam ser ditas que vão lançar muita luz sobre a legitimidade dessas estruturas missionárias e apostólicas em sua relação com o corpo da igreja local dessa passagem.

***Paulo e seu grupo foram “liberados”, não enviados.***

Vamos fazer a exegese corretamente. Primeiro, o agente operador aqui é o Espírito Santo, não a igreja local ou qualquer outra entidade humana. Segundo, o que aqueles ao redor de Paulo e Barnabé fizeram foi reconhecer a atividade do Espírito e Sua escolha soberana, e eles responderam *liberando* Paulo e Barnabé. Como escreve C. Peter Wagner em seu comentário ao livro de Atos:

Alguns acadêmicos apontam um uso interessante de duas palavras gregas para “enviar” nessa passagem. Obviamente, o mandante chefe era o Espírito Santo e o verbo grego nessa frase “Então, sendo enviados pelo Espírito Santo” é *pempo*, o qual era, geralmente, um jeito mais proativo de enviar ou despachar. O “envio” em “eles os enviaram” vem da palavra grega *apoluo*, a qual frequentemente significava liberar algo que tem a sua própria fonte de energia. Portanto, pode ser dito que “eles os liberaram”. Certamente, aqui temos uma combinação de dois tipos de envio e poder espiritual para atividade missionária que vem em um última instância do Espírito Santo.<sup>11</sup>

Não existe evidência exegética que apoie a tão citada perspectiva de que a igreja de Antioquia tenha exercido de alguma forma autoridade em enviar Paulo e Barnabé. Das sessenta vezes que o verbo *apoluō* é usado no Novo Testamento, apenas uma única vez (em Atos 15:30 — e não é claro nessa passagem) é o conceito próximo de uma função de envio com algum sentido de autoridade por parte de quem está enviando. Essa não é a forma que a palavra é usada, e dizer o contrário

é ler no texto algo que simplesmente não está lá.<sup>12</sup> Paulo e Barnabé foram, na verdade, “liberados de suas responsabilidades locais e autorizados a retornar ao tipo de trabalho que os tinha trazido a Antioquia em primeiro lugar”.<sup>13</sup>

Não há nenhum texto do Novo Testamento que descreva a congregação local como “enviando” ou “comissionando” pessoas para o serviço pioneiro de longo prazo de plantar igrejas onde não havia nenhuma. Isso não significa que é contrário à Escritura que uma igreja faça isso hoje; apenas significa que não há nenhum texto bíblico que apoie diretamente o uso dessa terminologia.<sup>14</sup> Como escreve Robert Blincoe: “Apelar para Atos 13:1-3 para assegurar uma base bíblica para a avaliação, o financiamento e supervisão dos missionários pela igreja de hoje é como pisar em ovos”.

Não existem exemplos em lugar nenhum na Escritura do governo da igreja local sobre os empreendimentos missionários. Uma passagem que poderia ser citada — e é um trecho — é Gálatas 2:11-14, e esse exemplo em particular é negativo. Não é um precedente que eu citaria se eu fosse uma igreja local que acredita em um controle mais rígido de pessoas enviadas e apostólicas.<sup>15</sup>

*Aqueles que fizeram a liberação talvez não fossem de fato os líderes da igreja local.* Um argumento interessante poderia ser feito de que aqueles que impuseram suas mãos sobre Paulo e Barnabé eram, na verdade, outros líderes apostólicos — não diferentes de Paulo e Barnabé — que estavam

liberando alguns dos seus para uma nova tarefa. Precisamos considerar a possibilidade de que nenhum desses fosse de Antioquia ou residentes de lá a longo prazo. E em um ambiente onde a igreja local consistia de diversas igrejas nas casas, nenhum desses eram pastores ou anciãos desses grupos. Atos 13:1 implica que os profetas e mestres não eram também chamados “anciãos”. É possível que esses profetas e mestres fossem o que frequentemente encontramos quando pessoas se movem interculturalmente e ministram junto a igrejas que estão florescendo ou em expressões já existentes da igreja, ou seja, missionários.

Então, é bem possível que os três da equipe de Paulo estejam — pelo processo de imposição de mãos — separando dois dos seus para serem enviados. Como escreve Peter Wagner:

Quem impôs as mãos? No que diz respeito ao texto, os outros três teriam imposto as mãos sobre Barnabé e Saulo. Se outros de uma sodalidade ou de uma modalidade foram convidados a participar é uma questão de conjectura. A maior parte dos estudantes de Atos pensa que a igreja em geral teria tido algum papel. Muito provavelmente teve, mas deveria ser visto como um papel secundário, não primário.<sup>16</sup>

Em outro lugar, Wagner explica:

Não se esqueça de que Barnabé e Paulo não se tornaram missionários agora nesse momento. Eles já eram missionários, simplesmente sendo redesignados. O processo de ouvir de Deus e



redesignar os missionários de acordo com o que se ouve aconteceu dentro daquilo que os missiologistas chamam de “sodalidade”, ou da agência missionária MCC [Missão do Chipre e de Cirene], não a “modalidade”, ou a igreja de Antioquia como tal... Essa não é uma tentativa de rebaixar a igreja local, mas é simplesmente para mostrar que... quando se trata das particularidades da estratégia missionária... Deus fala mais frequentemente com equipes apostólicas do que com as congregações caseiras.<sup>17</sup>

Compreendo que a visão de Wagner é especulativa, mas não há nada no texto que a impeça. Independente disso, a crença de que Atos 13 de alguma forma demonstra que congregações locais deveriam ter autoridade sobre o envio e a gestão contínua de equipes missionárias é simplesmente impossível de ser sustentada pelo texto. Como nota Craig Van Gelder, “...uma vez que Paulo e Barnabé foram enviados pela igreja de Antioquia, eles estavam basicamente por conta própria. Eles não estavam nem sob o controle de Antioquia para a tomada de decisões, nem dependiam de Antioquia para apoio financeiro”.<sup>18</sup>

Então, desde Atos até as três viagens missionárias de Paulo, vemos o poder, a utilidade e a efetividade desses grupos apostólicos. Eles eram flexíveis e nunca estáticos. Eles eram móveis. Eles eram orientados a tarefas. Pessoas iam e viam, como Lucas, Tito, Timóteo e João Marcos. Havia comunicação entre as equipes. Pelo menos trinta ou mais indivíduos são nomeados especificamente em um ponto ou outro do Novo Testamento como participantes nesta Missão do Chipre e de Cirene.

## ABERRAÇÕES OU IGUAIS?

Existem implicações significativas se de fato Wagner e os comentaristas missiológicos que concordam com ele estiverem corretos em seu entendimento dessas passagens e da atividade ministerial subsequente de Paulo e de seus grupos missionários. Isso fala diretamente do relacionamento entre a igreja em sua forma missionária e a igreja em sua forma local.

Primeiro, esses grupos apostólicos não eram aberrações. Como afirma Charles Mellis:

Uma outra característica interessante é que essas equipes nunca são descritas de forma didática. Ainda assim, a evidência abundante de sua atividade mostra o quão profundamente eles eram aceitos como uma estrutura válida e vital da igreja, o Corpo de Cristo. Mas é tão estranho assim que Paulo, que foi responsável pela maior parte do ensino formal do Novo Testamento, não descrevesse o grupo missionário? Afinal de contas, ele estava *demonstrando* a sua função em cada passo. E ele também demonstrou sua relação com as comunidades locais que ele e a sua equipe plantaram — pelo modo como escreveu a essas congregações em certas cidades.<sup>19</sup>

A ausência de uma descrição explícita desses grupos apostólicos como “igreja” nos escritos que vieram após os Evangelhos não exclui a descrição de serem legitimamente aplicados a Paulo e seu(s) grupo(s) apostólico(s). Não é apenas a igreja “local” que é igreja. Não há simplesmente nenhuma razão textual para proibir que todos os mesmos descritores bíblicos e

essenciais de “igreja” que são aplicados a entidades geograficamente locais e congregacionais sejam igualmente aplicados a estruturas móveis e apostólicas.

Segundo, a estrutura primária usada no Novo Testamento para esforços missionários — ou seja, o cruzamento de barreiras culturais, linguísticas ou geográficas em prol da missão — não é a igreja em sua forma local. Na verdade, é a igreja em sua forma missionária, cheia de pessoas apostólicas. Essa forma não existe por acidente ou defeito, mas por desígnio e providência divina. Como diz Wagner:

....a estrutura predominante para extensão do Reino de Deus para novas fronteiras missionárias tem sido a sodalidade, não a modalidade. Cada uma tem seu lugar essencial no Reino, mas para missões interculturais, Deus parece ter favorecido a sodalidade. É por isso que creio que é importante entender que em Antioquia o Espírito Santo falou evidentemente à sodalidade (a MCC) ao invés da modalidade (a igreja em Antioquia) para “separar-me Barnabé e Saulo para a obra a qual os tenho chamado” (13:2). É por isso que creio que é inexato dizer, como muitos dizem, que Paulo e Barnabé foram enviados pela igreja em Antioquia.<sup>20</sup>

## **CONTROLE E PRESTAÇÃO DE CONTAS**

Implícita nessa conversa está a questão do controle e da prestação de contas. Às vezes escuto pastores e líderes denominacionais dizerem que eles — e suas igrejas locais ou estruturas denominacionais — é que deveriam controlar

líderes apostólicos e seus esforços ministeriais. Mas essa é uma posição difícil de justificar a partir da Escritura.

Primeiro, não há evidência de que Antioquia, ou qualquer outra congregação local, tenha exercido um papel controlador na função e nas decisões de Paulo e de sua equipe apostólica. Nenhuma. Na verdade, o contrário acontecia com muito mais frequência. Quando Paulo recrutava pessoas, ele não tinha que submeter seus currículos para as igrejas locais ou buscar a aprovação delas. Ele talvez tenha pedido seu conselho (como com Timóteo em Atos 16:2), mas não há evidência de controle. Quando Paulo fazia decisões estratégicas, como partir para a Macedônia ou ir para a Roma, ele recebia suas ordens de marcha diretamente do Espírito Santo. Ainda que ele reportasse sua atividade para as igrejas locais (Atos 14:26-28) e enviasse cartas regulares e mensageiros (os quais eram a rede social da época), não há evidência de que os seus esforços ou os esforços de seus grupos missionários estivessem sob a autoridade ou controle de congregações locais. Na verdade, o contrário é mais verdadeiro. A maioria dos escritos do Novo Testamento que vieram após os Evangelhos são na verdade cartas de pessoas apostólicas operando em estruturas apostólicas a pessoas de igrejas locais sobre como viver, ministrar e funcionar. Mellis escreve:

...não há evidência de que a vida de um grupo missionário estivesse “enraizada” na ou controlada por essa igreja. Nem há nenhuma pista de uma relação de apoio financeiro. Pelo contrário, a evidência aponta para o fato de que os grupos tinham

uma vida própria, e lançaram os brotos que se tornaram as comunidades plantadas de crentes. Green (seguindo a Harnack) chama atenção para essa distinção, já que ela se prolongou até o século II... Ele fala de uma divisão de “líderes Cristão peripatéticos que era extremamente antiga, e provavelmente modelada sobre o precedente judaico; eles se destacam com um forte contraste ao ministério estabelecido dos bispos, presbíteros e diáconos... Ambos os tipos de ministério são encontrados lado a lado na *Didaque* e em *O Pastor de Hermas*... O ministério itinerante não era... escolhido pelas igrejas, como o ministério estabelecido”. Temos aqui uma estrutura claramente autônoma.<sup>21</sup>

O teólogo Arthur Glasser resume bem:

Não há indícios de que a equipe apostólica missionária fosse ou dirigida por ou responsável perante aos cristãos em Antioquia... Afirmamos isso sem qualificação, mesmo que ao retornar de sua primeira viagem, Paulo e Barnabé tenham “se juntado a igreja e declarado tudo o que Deus havia feito com eles”.<sup>22</sup>

Autonomia não significa falta de colegialidade ou reciprocidade. Como veremos nos próximos capítulos, os movimentos, na verdade, ocorrem e são sustentados quando há um saudável senso de interdependência entre as expressões apostólicas e locais de igreja.

Entretanto, uma questão justa pode ser levantada sobre essa relação não controladora de Paulo no que diz respeito ao seu relacionamento com o conselho de Jerusalém. Talvez não

houvesse controle exercido pelas congregações locais, mas e as autoridades mais altas desse corpo? Concordo com Charles Mellis quando ele escreve:

O material da escritura é extremamente escasso no que diz respeito a conexão entre os grupos apostólicos e quaisquer comunidades “de envio” ou “originadoras”. Estaríamos em terreno movediço colocando a igreja de Jerusalém em uma categoria como essa. Sua principal ligação com os grupos missionários parecia ser um sem-fim de perguntas doutrinárias minuciosas (Atos 11:2-3; 15:1, 5; etc.). A tendência se tornou tão forte que uma vez fez com que Pedro sacrificasse os seus princípios (Gálatas 2:12, 13) (imagino que todo líder missionário lendo isso fará imediatamente uma imagem mental de uma ou mais igrejas de suas circunscrições pelas quais ele se sente ameaçado!). Essa tendência continuou até o ponto em que Tiago e os anciãos precisaram avisar Paulo, quando ele chegou em Jerusalém para sua última visita, sobre os milhares de crentes judeus ali, “todos zelosos da lei”, que tinham acreditado em alguns rumores distorcidos sobre sua atitude a respeito da lei... a igreja cada vez mais endogâmica e impositiva da lei de Jerusalém dificilmente é um modelo para uma igreja com mentalidade missionária que possui uma mensagem universal para toda a humanidade.<sup>23</sup>

## ENCONTROS NO LESTE EUROPEU

Depois da queda do comunismo, eu estava sentado com alguns dos nossos membros da equipe da CRM em Budapeste, na Hungria. Enquanto estávamos nos dedicando a um ministério itinerante e encoberto em todo o Bloco Oriental

durante os anos sombrios antes do comunismo desmoronar, tínhamos também alguns pioneiros visionários na Hungria que estavam vivendo e trabalhando “fora do radar” durante os difíceis dias do totalitarismo.

Eu estava curtindo meu cafézinho e o papo quando uma mulher chegou perto de mim e se apresentou. Ela era outra expatriada. Naqueles dias, ser “reconhecido” naquela parte do mundo não era algo a ser desejado. Porém, ela de alguma forma tinha me reconhecido — talvez por causa dos que estavam me acompanhando — e só queria dizer “obrigado” por um artigo recente que eu havia escrito na revista *Evangelical Missions Quarterly*. O artigo *When Local Churches Act Like Agencies* [Quando Igrejas Locais Agem Como Agências] descrevia em detalhes práticos o que acontecia quando igrejas locais assumiam que eram capazes de um ministério apostólico importante por conta própria.<sup>24</sup>

Acontece que essa mulher e sua família estavam servindo com uma outra organização missionária no Leste Europeu. Ela queria me contar que ela e seu marido tinham se identificado muito naquele artigo. Ele colocou em palavras o que eles e muitos outros missionários sabiam e sentiam, mas hesitavam em dizer, por medo de ofender a pastores e igrejas apoiadoras nos Estados Unidos — principalmente, por medo de ofender as pessoas nessas igrejas que controlavam a carteira. Mas, para ela, o artigo foi libertador. Ele legitimou o que eles sabiam ser a verdade sobre o seu chamado. Ele os dava validação. Eles *não* eram uma aberração.

Uma eclesiologia bíblica e integral compreende que a igreja pode ser expressa em duas formas legítimas e autônomas, mas em expressões estruturais interdependentes, ambas necessárias para a saúde e vitalidade do movimento cristão como um todo. Ambos os pés direito e esquerdo são absolutamente necessários. E essas duas estruturas — a igreja local e a igreja enviada, a estrutura paroquial e a estrutura missionária — podem ser encontradas funcionais ao longo do Novo e do Antigo Testamentos, e podem ser claramente justificadas a partir das páginas da Escritura. Mas, somado à Escritura, há um testemunho avassalador dos últimos dois mil anos da história, para o qual agora voltaremos a nossa atenção.



## CAPÍTULO 2

# Mancar ou Saltar no Tempo

### O incentivo à missionalidade apostólica na história

*...para enraizar a sua consciência no Evangelho e nas Escrituras; para te ajudar a experimentar a presença do Deus triuno e uma vida com poder; para te ajudar a descobrir e cumprir a sua vocação; e para te dar experiência no ministério com aqueles que buscam.*

George G. Hunter III, *The Celtic Way of Evangelism* [O Jeito Celta de Evangelizar]

*...uma teologia que declara que apenas a Igreja organizada deveria estar envolvida na missão, é uma teologia que tem uma briga séria com a história.*

Paul Pierson, em *The Dynamics of Christian Mission* [As Dinâmicas da Missão Cristã]

A ilha de Iona é um afloramento árido, varrido pelo vento na costa oeste da Escócia. Em seu litoral, no ano 563 d.C., o monge irlandês Columba chegava com doze companheiros

e fundava uma abadia. A abadia de Iona se tornaria sua base missionária da qual eles iriam espalhar o Evangelho entre os Pictos, os habitantes de onde hoje é a Escócia, e além. Aqueles treinados em Iona eventualmente chegariam na Alemanha, Suíça e nas terras europeias que ficam entre elas como embaixadores missionários, proclamando e vivendo as Boas Novas de Jesus.

São Columba e os grupos apostólicos que Iona geraram foram apenas uma das expressões do grande movimento missionário celta iniciado por São Patrício no século anterior, o qual mudou o rumo da história europeia e produziu um movimento de cristianismo autêntico que durou por mais de mil anos. Foi um movimento que demonstrou a dinâmica sinérgica entre estruturas apostólicas — como Columba e seus companheiros — e as incontáveis igrejas paroquiais locais que resultaram e brotaram ao redor desses grupos celtas onde quer que eles fossem, preservando o trabalho desses empreendedores espirituais pioneiros.

O impacto transformador desse movimento foi tão significativo que historiadores de todos os tipos aludem a sua contribuição inquestionável ao desenvolvimento do mundo ocidental. Textos antigos como *The Life of St. Patrick* [A Vida de São Patrício] de Muirchú e *Life of St. Columba* [A Vida de São Columba] de Adomnán de Iona são extraordinários relatos em primeira mão desses líderes e dos movimentos que eles inspiraram. Nos dias de hoje, o livro *Como os Irlandeses Salvaram a Civilização* de Thomas Cahill e a obra *The Celtic*

*Way of Evangelism* [O Jeito Celta de Evangelizar] de George Hunter são estudos históricos fascinantes do movimento celta e de como a sua dinâmica é particularmente aplicável a pós-modernidade do Ocidente dos dias de hoje.<sup>1</sup> Eu já estive naquela ilha e via a abadia de Iona restaurada, maravilhado pela magnitude da visão e da realização de Columba e seu grupo. É um relato fascinante e inspirador do poder e da efetividade de estruturas missionárias e apostólicas para produzir movimentos que têm um gigantesco efeito transformador no mundo ao seu redor.

## DEPOIS DO LIVRO DE ATOS

É impossível catalogar completamente a vasta expansão da história da igreja e os seus incontáveis exemplos de movimentos apostólicos, os quais começaram com alguns dos seguidores originais de Jesus. A tradição apostólica começou cedo com alguns dos seguidores originais de Jesus. O martírio de Mateus foi a centelha que se transformou na chama de um movimento entre os canibais do Mar Negro; Tomé, aquele que duvidava, chegou até a Índia; e André viu o movimento cristão florescer entre os “bárbaros” da Síria e de Pártia.

Uma das obras clássicas que chega perto de fazer justiça a esse assunto é o livro *Uma História do Cristianismo* do historiador Keneth Scott Latourette de Yale. É uma das panorâmicas mais completas que já li. Diferente de muitas outras histórias da igreja — que podem ser tão empolgantes quanto comer serragem — Latourette aborda em 1.500 páginas a dinâmica estrutural da expansão (e retração) do movimento

cristão, tanto no mundo Oriental, quanto no mundo ocidental. *The Apostolic Through The Ages* [O Apostólico Através do Tempo] é um resumo online — baseado primariamente em Latourette — que enfatiza líderes e movimentos apostólicos que surgiram durante o período de dois milênios desde Pentecostes.<sup>2</sup> Estou certo de que muita coisa foi deixada de fora, e que o que está registrado ali é um resumo e apenas a ponta do *iceberg*, mas, ainda assim, podemos extrair dele a noção do vasto potencial do ministério apostólico e de pessoas apostólicas quando são liberadas.

## **A VISÃO MISSIONAL DAS ORDENS RELIGIOSAS**

Desde o tempo dos grupos apostólicos descritos em Atos até Constantino e o Edito de Milão trezentos anos depois, as equipes apostólicas foram um meio robusto através do qual o Evangelho permeou o Império Romano. Duas estruturas muito distintas emergiram — o monastério e a diocese. Nos dias da igreja primitiva, elas deveriam ser parecidas com grupos apostólicos itinerantes e “sinagogas cristãs”. Ambas eram essenciais para a saúde e para a expansão do movimento cristão como um todo. Mas após ondas de perseguição e a inevitável deriva das expressões paroquiais locais em direção à estabilidade, a dinâmica das estruturas apostólicas começou a se formalizar, particularmente depois da institucionalização do movimento cristão durante os tempos de Constantino. Como Winter explica em *Two Structures* [As Duas Estruturas], as sodalidades podem ter evoluído para diferentes *formas* por volta do ano 350 d.C., mas elas eram funcionalmente a mesma coisa das suas primeiras encarnações. Em alguns aspec-

tos, a formalização e crescimento dessas estruturas apostólicas era um antídoto para o cristianismo cultural (ou nominalismo) que inevitavelmente resultava do estabelecimento de Constantino.

O que podemos dizer com confiança é que o motor primário do vigor espiritual e da visão missional no Catolicismo Romano ao longo de sua longa história foram as ordens religiosas: os Beneditinos, Dominicanos, Franciscanos, Jesuítas, Missionários de Caridade, etc. As ordens, que são difíceis de numerar precisamente, foram, e ainda são até hoje, a espinha dorsal da Igreja Católica.

A melhor estimativa coloca o número de mulheres ao redor do mundo em ordens católicas perto de 713.000 e o número de homens a pouco menos de 200.000. O *Anuário Pontifício* coloca o total de número de adeptos ao Catolicismo em torno de 1,23 bilhões no final de 2012.<sup>3</sup> Isso significa que aqueles comprometidos com as ordens religiosas contam como apenas um décimo de um por cento de todos os católicos!

O impacto fenomenal de um número tão pequeno de pessoas é incrível. A influência das pessoas nessas ordens ultrapassa de longe os seus números. Elas obtêm resultados incríveis com poucas pessoas e recursos em comparação com toda a Igreja Católica. Os fatos são:

- A maioria das renovações fluiu historicamente das

ordens para as estruturas diocesanas e modálicas da Igreja Católica Romana.

- Ao longo da história, por volta de cinquenta por cento dos papas vieram de fora da hierarquia eclesiológica, ou seja, vieram de ordens religiosas. Papas de ordens frequentemente trouxeram um sopro de ar puro e renovo às instituições quadradas e ossificadas. O papa atual, o papa Francisco (um jesuíta), é um exemplo notável.
- A expansão histórica da Igreja Católica é devida quase inteiramente aos esforços evangelísticos e proselitistas das ordens missionárias.

Ainda que todas as ordens sejam sodalidades, nem todas as sodalidades dentro da Igreja Católica são ordens, e menos ainda são ordens apostólicas. Isso é verdade para a Igreja Católica e também para as ordens não católicas. Ordens, por definição, são um subconjunto particular da vasta gama de sodalidades que a Igreja Católica empregou tão eficientemente através dos séculos (mais sobre isso no capítulo quatro). Então, o que podemos aprender dos católicos?

1. Estruturas de sodalidade, e especialmente aquelas que são apostólicas por natureza, são essenciais e integrais para a saúde e vida da igreja como um todo. Não há nada “para” sobre elas.
2. Proteger e isolar pessoas apostólicas e estruturas apos-

tólicas do controle das modalidades — de tudo, desde o ocasional burocrata eclesiológico até às demandas do padre paroquial local — é essencial para manter a integridade da função apostólica.

3. Aqueles que são chamados para um ministério apostólico a ser vivido em estruturas apostólicas são mais frequentemente pessoas de “segunda decisão”, ou seja, eles fazem uma decisão vocacional deliberada de se juntar a uma ordem, a uma organização missionária ou alguma forma de ministério à parte da igreja local. Eles escolhem unir o seu destino com outros com um chamado vocacional semelhante, e o que se pede deles é um grau maior de compromisso, sacrifício e frequentemente também de espiritualidade do que é esperado daqueles que fazem compromissos de “primeira decisão” no nível da igreja local (mais sobre as distinções entre primeira e segunda decisão nos capítulos adiante).

## **A GRANDE OMISSÃO**

Um dos aspectos mais preocupantes da Reforma protestante foi a sua resposta a essas estruturas católicas. Em sua reação contra muitas coisas católicas, os Reformadores infelizmente jogaram fora coisas boas e necessárias em meio a sua reação às coisas ruins. Eles rejeitaram estruturas que tinham dado à Igreja Católica vigor ao longo de muitos séculos, das quais alguns dos Reformadores, como Lutero, tinham feito parte

anteriormente. O que resultou foi uma eclesiologia funcionalmente truncada que dificultou a habilidade dos protestantes de viver a *missio Dei* — a missão de Deus — em sua totalidade e tem tido efeitos prejudiciais residuais até o dia de hoje. Como escreve Winter:

Essa omissão, na minha avaliação, representa o maior erro da Reforma e a maior fraqueza na tradição protestante... falhando em explorar o poder da sodalidade, os protestantes ficaram sem nenhum mecanismo para missões por quase trezentos anos, até que William Carey... propôs “o uso de meios para a conversão dos pagãos”. A sua palavra-chave “meios” se refere especificamente à necessidade de uma sodalidade, do organizado pela iniciativa não eclesiástica dos bondosos.<sup>4</sup>

Com uma pitada de humor, Ken Mulholland escreve que logo após Lutero “cravar” suas Noventa e Cinco Teses à porta da igreja em Wittenberg”, surgiu

uma grande explosão de expansão missionária no despertar da Reforma, já que os missionários quase imediatamente começaram a ir aos confins da terra. Correto? Errado. William Carey só lançou o movimento missionário protestante até 275 anos depois do início da Reforma. Literalmente nenhuma atividade missionária protestante aconteceu entre 1517 e 1792. Ainda assim, esses anos constituíram a era de ouro das missões católicas romanas.<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo, quero tomar o cuidado de não pintar um quadro inocente das sodalidades medievais. Existiam algumas



boas razões pelas quais os reformadores reagiram tão fortemente contra elas — a sua corrupção e ganância são bem documentadas. Mas, como afirma Bruce Demarest: “Os reformadores e nós, seus descendentes evangélicos, agindo em reação à Roma medieval, jogamos fora uma grande quantidade de sabedoria espiritual, visão, e práticas importantes, junto com a água de banho doutrinal e eclesiológica”.<sup>6</sup>

A falta de empreendimento missionário dos reformadores pode ser referido justamente como “A Grande Omissão”. Foi um período amplamente vazio de esforços missionários significativos, e a saúde e a expansão do movimento cristão sofreram. Para ser justo, houve alguns pontos luminosos nesse período da história, como os Huguenotes indo ao Brasil em 1556 e Nicolaus de Zinzendorf e o movimento Morávio no início do século XVIII,<sup>7</sup> mas os protestantes ignoraram amplamente a importância das estruturas de solidariedades até o final do século XVIII e o surgimento do que foi chamado de “movimento missionário moderno” com o inglês William Carey como seu primeiro catalisador. Antes de Carey — com poucas exceções — esse foi um período árido para a atividade missionária protestante.

Um dos pontos cegos de Martinho Lutero foi que ele reagiu com tanta força contra os aspectos corruptos do movimento monástico (ele pertencia à ordem Agostiniana) que ele falhou em apreciar o que eles estavam fazendo bem. Não passou pela sua cabeça reformar as missões católicas enquanto ele estava

reformando a igreja Católica. Então, o movimento da Reforma Protestante acabou totalmente estrutura congregacional e nenhuma estrutura missionária. Não há dúvida de que o próprio Lutero desejava que o Evangelho fosse levado a toda Terra. Lutero afiou a mensagem missionária, mas mesmo com todo o seu brilhantismo, as estruturas missionárias nunca ficaram claras para ele.<sup>8</sup>

Quando os esforços missionários protestantes de fato avançaram, bem depois da Reforma, suas estruturas missionárias estavam à típica moda protestante, fiéis ao estereótipo da cultura organizacional protestante: caóticas, descentralizadas e altamente empreendedoras. Mais foi feito por paixão e intuição missionária do que por um entendimento eclesiológico sólido.

Ainda que faltando lamentavelmente disciplina, historicidade e estrutura hierárquica das ordens católicas, essas incontáveis estruturas de sodalidades protestantes — e os empreendimentos apostólicos e missionários entre elas — tiveram um enorme efeito ao redor do mundo durante os últimos três séculos. Com todas as suas deficiências, Deus usou o movimento missionário protestante, e as muitas pessoas apostólicas comprometidas que trabalharam nela, de maneiras incríveis. Foi uma das forças primárias — se não a força primária — no surgimento do movimento cristão como um fenômeno verdadeiramente global pela primeira vez na história da humanidade.

## OS PROTESTANTES VOLTAM AO JOGO

Começando com Carey, os protestantes começaram a multiplicar sodalidades, especialmente expressões missionárias apostólicas, com entusiasmo. Durante os próximos trezentos anos, onda após onda de estruturas protestantes surgiram, gerando e contribuindo para novos movimentos.

Quando Henrique VIII da Inglaterra se separou da Igreja Católica em 1534, ele dissolveu logo em seguida as ordens religiosas católicas em todo país. Os anglicanos sofreram durante os anos da Grande Omissão, mas eventualmente experimentaram um avivamento das ordens religiosas, especialmente no meio do século XIX. Essas ordens eram frequentemente fiéis às suas raízes católicas, seguindo regras Agostinianas, Beneditinas, Carmelitas e Franciscanas. Ordens religiosas anglicanas para mulheres foram renovadas para o seu ministério holístico e sacrificial. Os anglicanos também se reinventaram e foram os pioneiros de suas próprias estruturas apostólicas, como a Sociedade Missionária da Igreja (1799) e o Exército da Igreja (1882).

Nos séculos XVIII e XIX, a Grã-Bretanha era uma fonte de iniciativas apostólicas inovadoras e das estruturas correspondentes para facilitá-las. Em 1878, William e Catherine Booth fundaram o Exército de Salvação, que cresceu e se tornou em um ministério que tem alcance global e uma reputação que se estende até o dia de hoje. A YMCA, que começou em 1844 no meio do desespero de uma Londres industrializada, cresceu a ponto de ter um impacto missionário global. Por exemplo,

Oswald Chambers, autor do devocional *Tudo para Ele* — um dos devocionais mais lidos da língua inglesa — estava servindo o YMCA em Cairo, no Egito, quando faleceu, e muitas das entradas de seu clássico devocional foram escritos durante seus anos missionários no Norte Africano.

Já vivi no distrito londrino de Islington. Perto do nosso apartamento ficava a imponente fachada de pedra do edifício que uma vez abrigou a Missão para o Interior da China, a estrutura missionária fundada por Hudson Taylor. Perto dali fica a área do Mildmay Center, onde milhares se reuniam para conferências missionárias no século XIX e onde centenas foram treinados e enviados como missionários ao redor do mundo. Tudo isso em um raio de dois quarteirões. Instalações históricas como essa são abundantes em Londres e o legado britânico de criar e lançar expressões apostólicas missionárias é realmente impressionante. O que deixa ainda mais trágico ver quão rápido o fervor apostólico declinou na Grã-Bretanha pós Segunda Guerra Mundial.

Na América do Norte pós Segunda Guerra Mundial houve uma explosão de atividade na criação e multiplicação de estruturas apostólicas. Juventude com uma missão (YWAM), Cruzada Universitária para Cristo (CRU), os Navigators, Visão Mundial, Juventude por Cristo e Young Life são alguns dos mais proeminentes — e haviam muitos, muitos outros. Uma variedade de fatores contribuiu para essa profusão repentina de estruturas de sodalidades: a grande agitação social após a guerra, a ascendência do empreendedorismo americano e um

tempo de saúde e estabilidade econômica. Esses ministérios ocuparam um vácuo deixado pelas estruturas religiosas institucionais, as quais não estavam apenas sofrendo do conflito teológico e organizacional que vinha sendo travado desde o início das décadas do século XX, mas também lutavam para se adaptar à rápida mudança cultural e social. Tal adaptabilidade sempre foi uma característica das estruturas apostólicas e é particularmente aplicável nos nossos dias. A própria natureza dessas estruturas as permite mudar, adaptar e ajustar agilmente mesmo em meio às mudanças sociais, políticas e tecnológicas mais tumultuosas.

Nos anos 80, outra safra de estruturas de sodalidades surgiu, às vezes chamada de “ministérios dos *baby-boomer* e *baby-buster’s*”: Pioneers, Frontiers, CRM e outros. No começo do século XXI, existiam mais de 1.700 entidades acreditadas pela ECFA (O Conselho Evangélico de Responsabilidade Financeira) nos Estados Unidos — e elas representam apenas a tradição evangélica.

## LIÇÕES APRENDIDAS

Que observações podemos tirar da experiência protestante?

1. Por não terem uma aliança centralizada, é mais difícil para os protestantes manterem as distinções e separações necessárias entre o controle de modalidade e sodalidade. As distinções essenciais se tornam embaçadas por causa das inadequações no treinamento missiológico protestante e a malcompreendida distinção sodalidade/modalidade

nas igrejas locais, frequentemente perpetuada por pastores e mestres bem-intencionados.

2. Estruturas apostólicas protestantes podem ser divididas em dois grupos gerais:

a. Estruturas interdenominacionais, as quais pegam pessoas de diversas tradições teológicas, porque o seu compromisso a uma causa comum supera divergências teológicas.

b. Estruturas denominacionais, nas quais denominações protestantes criam as suas próprias estruturas. Por exemplo, a Junta de Missões Internacionais da Convenção Batista do Sul — a maior denominação nos Estados Unidos — tem mais de cinco mil pessoas servindo sob a sua tutela. Não muito diferente das ordens católicas, a chave para efetividade e vitalidade das estruturas nas denominações é manter uma autonomia saudável. Ser absorvido pela igreja local ou pela liderança denominacional pode colocar essas solidariedades em risco. É um dos desafios inerentes para qualquer um que esteja buscando um chamado apostólico dentro de uma estrutura maior de modalidade.

3. Mais do que suas contrapartes católicas, as estruturas apostólicas protestantes têm o potencial de se transformarem em estruturas de igreja local. Esse é um fenômeno sociológico e organizacional previsível que pode resultar

da falta de uma liderança centralizada, missiologia inadequada e da propensão daqueles com dinheiro e poder de exercer controle.

Eu estava almoçando com o líder de uma igreja de uma das antigas e respeitáveis denominações protestantes na América do Norte. Ele era responsável pelos esforços de recrutar, treinar e enviar missionários. Sua denominação tinha mais de 120 anos e tinha começado como um vibrante movimento missionário apostólico. Ao longo dos anos, ela tinha se tornado em uma estrutura denominacional conservadora e com aversão a riscos que lutava para reafirmar um espírito e visão empreendedora.

Durante a conversa, perguntei, “Quanto tempo leva desde do momento em que alguém se compromete a servir com você como missionário até que você o coloque em uma missão ao redor do mundo?” “Em torno de sete anos”, ele respondeu. Meu queixo bateu na sopa.

Essa denominação descarregava uma asfixiante — se não avassaladora — quantidade de pré-requisitos no treinamento de seus potenciais missionários. Havia exigências educacionais. Havia anos de estágios e experiência requeridas. Havia requerimentos para a preparação em igrejas locais. Era triste.

Minha próxima pergunta não foi muito diplomática. “Então deixa eu ver se entendi direito. Sua organização está

fazendo um excelente trabalho, através do seu critério de qualificação e veto, de cortar qualquer um que tenha um senso de visão, chamado ou espírito empreendedor. O que sobra são os perseverantes que aguentam o seu sistema sufocante. Certo?” Ele baixou a cabeça. “Sim”, foi a resposta.

Ainda que eu admire a perseverança e tenacidade daqueles que conseguem passar por um processo como esse, o problema é que personalidades empreendedoras podem ser perdidas no meio do caminho.

4. Protestantes são uma raça interessante. Como um todo, relutamos para aprender da história. Frequentemente repetimos nossos erros. Isso é compreensível, considerando as nossas raízes como um movimento de “protesto”. Essa característica se torna ainda mais exagerada na América do Norte, onde somos influenciados pelas dinâmicas sociais do individualismo e do empreendedorismo intrínsecos à experiência americana.

O resultado é que existem muitas correntes e redemoinhos na parte protestante do movimento cristão na América do Norte, dentro e fora das estruturas denominacionais tradicionais: a igreja missional, a igreja orgânica, a igreja simples, a igreja emergente, uma infinidade de igrejas carismáticas e pentecostais independentes, megaigrejas, igrejas nas casas, novos frades, grupos neomonásticos, comunidades missionais... as distinções e nuances continuam, continuam e continuam.



Mas em todos os âmbitos, há uma tendência persistente — que remonta à Reforma — dos protestantes deixarem pouco clara a necessária distinção entre estruturas de sodalidade e estruturas de modalidade, uma distinção que é absolutamente indispensável para a saúde de ambas. Outro fator que paralisa nossos esforços é a falta de validação e apreciação pelas sodalidades — especialmente aquelas que são apostólicas em chamado e foco — que surge como uma corrente subterrânea em muitas correntes protestantes. Os católicos e os ortodoxos acertaram no que diz respeito a essa distinção. Nós protestantes ainda estamos aprendendo a lição.

## **O ÚNICO PAPEL DE AVIVAMENTOS E DESPERTARES**

Na tradição protestante na América do Norte, muitos passaram a ver o termo *avivamento* sob uma luz negativa. Infelizmente, ele passou a ser sinônimo desses encontros periódicos, geralmente anuais, feitos por algumas igrejas. Esses encontros são agressivamente evangelísticos e aplicam várias formas de pressão, culpa e manipulação para coagir pessoas para o caminho reto e estreito. Encontros como esses são meros e frágeis ecos do avivamento dos séculos XVIII e XIX e dos grandes movimentos que periodicamente varreram a América do Norte.

Ainda assim, esses cultos são uma tentativa de recriar um fenômeno espiritual e sobrenatural importante que é um componente vital para a saúde do movimento cristão como um todo e dos submovimentos que estão dentro dele. Aviva-

mentos genuínos são aqueles tempos nos quais o Espírito de Deus se manifesta na vida de Seu povo em grande poder, e ali há um encontro avassalador com a santidade e a presença de Deus. Os resultados transbordam para a sociedade ao redor de tal forma que ela é despertada para a realidade espiritual, e todo aspecto do tecido social é transformado correspondentemente.

Provavelmente o mais eminente historiador de avivamentos e despertares genuínos foi J. Edwin Orr, educado em Cambridge. Ele catalogou esses notáveis movimentos do Espírito Santo através da história em mais de trinta livros. Baseado em sua meticulosa pesquisa, tirei algumas conclusões.

1. Líderes apostólicos e movimentos são invariavelmente o *resultado* de avivamentos e despertares, não o contrário. Líderes apostólicos não criam a onda; na verdade, eles surfam a onda.

O ministério de Jonathan Edwards não criou o Primeiro Grande Avivamento. O seu ministério foi criado por ele. Evan Roberts era uma figura de liderança no Avivamento no País de Gales de 1904-1905, mas ele não o causou. Semelhantemente, os ventos do avivamento mundial e o Grande Despertar de 1858 — às vezes chamado do Avivamento da Reunião de Oração sopraram vida e impulso no Exército de Salvação e energizou os seus fundadores, William e Catherine Booth. O Exército de Salvação não criou o avivamento, mas navegou em seu despertar.

2. Estruturas apostólicas e pessoas com dons apostólicos sempre foram agentes indispensáveis para capturar e pressionar ainda mais o impulso desses derramares espirituais. Vemos pessoas assim em pontos de articulação cruciais à medida que o fogo espiritual se espalha.

A Aliança Cristã e Missionária, o YMCA, Young Life, os Navigators, A Cruzada Universitária para Cristo (Cru), a Associação Billy Graham, o Movimento dos Estudantes Voluntários e outras inúmeras estruturas de sodalidades são ilustrações desse fato.

Às vezes esses derramamentos soberanos do Espírito Santo são isolados. Um bom exemplo é o avivamento do Lar da Floresta de 1949. Uma vez escutei J. Edwin Orr descrever os detalhes desse movimento de sua própria experiência, já que ele foi um dos oradores nesta extraordinária reunião. Esse avivamento teve um profundo efeito em muitos que se tornariam líderes cristãos na geração pós Segunda Guerra Mundial na América do Norte: Billy Graham, Richard Halverson, Bill Bright, etc.

A CRM experimentou um derramar único como esse em 1985 em Glen Eyrie, um centro de retiros em Colorado Springs. Deus manifestou a Sua presença em formas completamente inesperadas. A experiência foi caracterizada por um profundo senso de assombro espiritual, e com sinais e milagres que estavam fora dos paradigmas que qualquer um de nós havia sido exposto antes. Esse mover soberano

de Deus não era parte de nossa herança religiosa. Minha esposa tinha ficado na Califórnia para cuidar das nossas duas crianças pequenas durante a reunião. Quando liguei para ela e tentei explicar o que estava acontecendo, eu não tinha palavras para expressá-lo. Tudo o que eu podia fazer era soluçar no telefone, de tão profunda que era a presença de Deus.

Os paradigmas que nos mudaram naquele evento — tanto pessoalmente, como corporativamente — foram significativos. Dentro de um ano, estávamos mobilizando nosso primeiro pessoal internacionalmente e transculturalmente. Começamos a levar a sério iniciar e multiplicar novas igrejas. Nossos entendimentos rígidos de igreja foram despedaçados e mergulhamos de cabeça em novos — para nós — meios de ouvir a Deus e canalizar as profundezas de um relacionamento com Jesus que nenhum de nós tinha sonhado ser possível.

Esse evento em Colorado foi uma experiência de mudança de paradigma completamente bíblica e totalmente consistente com as outras vezes no curso da história quando Deus entrou e falou com grande poder a Seu povo. Os resultados e as ramificações daquele derramar estão conosco até hoje, e o impulso criado por ele não esmaeceu.

3. Um derramar genuíno do Espírito Santo não pode ser fabricado, manipulado ou controlado. Ainda que a oração predominante seja sempre um fator e característica, ela

não necessariamente produz tais fenômenos sobrenaturais. O Espírito Santo é como o vento, que “sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai”. (João 3:8)

É tão humano querer capturar uma dinâmica espiritual e colocá-la em uma caixa, para tentar transformar a obra extraordinária do Deus triuno em uma mercadoria e reduzir as Suas santas prerrogativas a fórmulas. Porém, não é bem assim que funciona.

O que podemos dizer com toda a certeza é que a criação e a multiplicação de estruturas apostólicas e o chamado de pessoas apostólicas que lideram e trabalham dentro delas é um processo inteiramente sobrenatural. É um trabalho dos céus. Para que as estruturas apostólicas sejam eficientes e duradouras, o Espírito Santo precisa ser o vento em suas velas. Já vi pessoas tentando gerar essa dinâmica por conta própria. Eles criam um ministério ou se mexem para resolver uma necessidade. Ainda que não seja ilegítimo, iniciativas assim podem cair por terra se não tiverem a unção que só vem do alto.

Uma necessidade não é um chamado. Só porque há uma necessidade, não significa que Deus me escolheu para ser aquele que irá resolvê-la. É muito comum começar um ministério ou uma iniciativa para então vê-lo se tornar como um barco à vela acalmado em águas paradas. A não ser que o Espírito de Deus mova em suas velas, o barco fica enca-

lhado. Não importa quão bom o marinheiro ou o capitão seja, ou quão navegável o barco é. Ele precisa ter a benção e o poder do céu.

## **O MOVIMENTO CELTA**

Abundam na história da igreja relatos de Deus criando e usando pessoas apostólicas para realizar os propósitos de Seu Reino através de estruturas apostólicas além da igreja local. A evidência ao longo do grande panorama da história da Redenção é avassaladora.<sup>9</sup>

Movimentos como esse abundam nas três principais tradições cristãs: A tradição Católica Romana na igreja do Ocidente, a tradição Ortodoxa no Oriente, e a tradição protestante de 1517 em diante (embora principalmente depois do final do século XVIII). O padrão de pessoas apostólicas levando o ministério apostólico está entrelaçado no tecido de cada uma. Onde quer que houvesse homens e mulheres de fé permanente, obedientes aos mandamentos de Cristo de fazer discípulos de todas as nações, pessoas apostólicas, funções e estruturas proliferaram. Não é surpresa que a casa de Deus está “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas” (Efésios 2:20).

Por volta de 432 d.C, São Patrício e um grupo de recrutas chegaram à Irlanda. Com o apoio do Papa Celestino I e da liderança da igreja Britânica, Patrício e a sua equipe apostólica lançaram o que se tornaria um dos exemplos principais do ministério apostólico na história da igreja. O seu trabalho para

evangelizar a Irlanda e a maior parte do resto da Europa gerou um movimento que manteve o fervor apostólico por muitos séculos através da multiplicação de comunidades monásticas (sodalidades) e, orbitando em seu entorno, milhares de igrejas locais (modalidades). Como Steve Addison reconta:

Durante os quinhentos anos que se seguiram, a juventude da Irlanda e seus discípulos se dispersaram através da Europa, ganhando convertidos, fazendo discípulos e multiplicando postos avançados missionários. Eles revitalizaram a cultura europeia e possivelmente salvaram a civilização após a queda do Império Romano.<sup>10</sup>

De muitas maneiras, o movimento Celta é um exemplo clássico das dinâmicas do ministério apostólico e de como ele se desenvolve em estruturas apostólicas. O movimento ilustra o que pessoas apostólicas são e a interação entre as estruturas que eles criam e as igrejas paroquiais locais em seu entorno. Patrício zelosamente manteve as distinções entre seus grupos apostólicos e as expressões da igreja local que eles multiplicaram. Ele entendia intuitivamente a diferença, e isso era uma parte significativa da genialidade da sua liderança.

## **CELTAS CONTEMPORÂNEOS**

Essas dinâmicas históricas se repetiram de novo e de novo ao longo dos quinhentos anos desde Patrício. Esses processos apostólicos foram repetidos em pequenas formas, além do alcance da visão dos historiadores. Eles foram duplicados em

movimentos maiores, mais visíveis, como os Morávios, os Metodistas, o Exército de Salvação, Juventude com uma Missão (YWAM) e muitos outros que estão se esforçando para lançar movimentos evangélicos em nossos dias.

Precisamos que esses precedentes sejam novamente contextualizados na nossa época e repetidos mais ampla e profundamente do que já foram no passado. Deveríamos implorar e suplicar que a história se repita, com novas gerações de pessoas apostólicas sendo liberadas para voar. Mas temo que se prendermos a respiração para as igrejas locais existentes catalisarem movimentos assim, ficaremos rapidamente sem ar. Como George Hunter observa, “Nenhuma denominação maior nos Estados Unidos vê o ministério apostólico para... estrangeiros pré-cristãos como a sua prioridade ou mesmo como um ministério normal”.<sup>11</sup> Porém, há muito que os Ocidentais podem aprender dos nossos irmãos e irmãs em outros lugares do mundo, onde movimentos evangélicos assim são a norma, ao invés da exceção.

Recentemente, eu estava em um país no Oriente Médio em uma reunião com uma dúzia de jovens convertidos que estavam liderando um movimento desses. Eles estavam fazendo isso há vinte quatro meses, e eu perguntei por detalhes. Mais de dezessete mil pessoas estavam em grupos que estavam se transformando em novas igrejas, onde aproximadamente doze mil (a maioria de origens muçulmanas) tinham se tornado seguidores comprometidos de Jesus. Ainda que esses esforços fossem altamente intencionais, tudo isso estava sendo con-



quistado inicialmente sem pregadores, sem mestres e sem especialistas. Era um testemunho tremendo do poder da Bíblia e da presença manifesta do Espírito Santo. Posso apontar movimentos semelhantes em outras partes do Oriente Médio, também na África do Sul, no chifre africano, China e no Sudeste Asiático.

São Patrício está vivo e bem. Encontrei várias de suas encarnações contemporâneas e os seus seguidores.

A história se repete? Com certeza — e, apesar da queda da Cristandade no mundo ocidental, estamos vendo uma proliferação de movimentos assim em nossos dias. Isso é obra de Deus. É maravilhoso em Sua visão. E o melhor de tudo: podemos ser seus parceiros nessa grande aventura.

## CAPÍTULO 3

# Madre Teresa não era uma “Para-católica”!

Porque “para-eclésiástico” é um termo sujo

*As sociedades voluntárias foram tão revolucionárias em seus efeitos quanto os monastérios foram em sua esfera. As sociedades que agora precisamos podem acabar se provando igualmente perturbadoras.*

Andrew F. Walls, em *Missionary Societies and Fortunate Subversion of the Church* [Sociedades Missionárias e a Bem-Aventurada Subversão da Igreja]

*...deve-se evitar deliberadamente falar em “igreja” e “para-eclésiástico”.*

Arthur Glasser, em *Announcing the Kingdom* [Anunciando o Reino]

No início do meu ministério, eu estava tentando conseguir apoio de pastores que seriam úteis em explicar o nosso trabalho a outros. Um dos membros da nossa equipe tinha um bom relacionamento com a equipe pastoral de uma megaigreja proeminente na Califórnia, então ficamos contentes em

saber que um apoio do pastor sênior estava por vir. Queríamos alguma diversidade teológica nesses apoios, então apreciamos especialmente a possibilidade de uma carta desse pastor, por causa da tradição da igreja que ele representava. Pelo menos, foi o que pensamos até a carta chegar.

*Querido Sam,*

*Não há como fugir da realidade da igreja local no Novo Testamento. É obviamente a instituição estabelecida por Deus nos nossos dias.*

*Também seria o desejo de Deus que igrejas locais fortes estabelecessem outras igrejas ao redor do mundo. Como pastor em uma igreja que está comprometida com esse processo, é empolgante vê-lo acontecer.*

*Existem numerosas organizações que dizem que o seu propósito é ser um “braço” da igreja. Porém, na realidade elas nunca parecem fazer acontecer. É revigorante quando um grupo como o seu aparece. Eles não apenas afirmam que o seu propósito é a igreja local, mas a própria arena na qual eles trabalham.*

*Me juntei à equipe da CRM orando para que a necessidade da sua existência se tornasse obsoleta, porque as igrejas obteriam uma perspectiva bíblica de ministério e se reproduziriam em outros rebanhos de crentes. Até então, sei*

*que o Senhor continuará usando o espírito de cuidado nos homens com a CRM.*

*Seu, em serviço a Ele, [etc.]*

Quando recebemos aquela carta, fiquei sem palavras. De acordo com esse pastor, nós éramos ilegítimos e desnecessários, e quando as igrejas locais finalmente se levantassem para a ocasião e se tornassem o que ele presumia que elas deveriam ser, as sodalidades não seriam mais necessárias. E que, até aquele momento, os *homens* seriam com certeza abençoados.

Nem preciso dizer que nunca a usamos como carta de recomendação. Porém, eu a uso regularmente quando oriento novas pessoas que estão se comprometendo ao ministério vocacional como missionários ao redor do mundo. Ela ajuda a ilustrar a eclesiologia deficiente e até mesmo aberrante na qual a igreja em sua forma local é considerada suprema e todo o resto é “para” — ou, ainda pior, ilegítimo. Uma bomba como essa carta é um choque de realidade para novos missionários, já que representa algumas das atitudes opositoras com as quais eles podem se deparar. Eles precisam saber porque essa perspectiva é teologicamente, historicamente e missiologicamente falsa.

## **EXORCIZANDO “PARA”**

Uma forma de disciplina corretiva que era comum na minha casa quando eu era criança era lavar a minha boca com sabão sempre que eu dizia alguma coisa inapropriada ou “res-

pondia” a um adulto em autoridade. Hoje essa disciplina seria provavelmente considerada uma forma de abuso, mas para a minha geração, era uma forma eficiente de dissuasão para o controle da língua.

Quando estou interagindo com pessoas novas no ministério — especialmente aqueles que estamos treinando em equipes ou comunidades apostólicas — frequentemente digo a eles que existe um termo que eles nunca devem usar. Se eles usarem, eles devem lavar a boca com sabão. É o termo *para-eclesiástico*. Ele precisa ser exorcizado do nosso vocabulário. Não existe isso. Ou somos parte da igreja ou não somos. E como vimos da Bíblia e da história nos capítulos um e dois, a igreja não é limitada à sua forma local.

Há muitas razões pelas quais o termo *para-eclesiástico* teve um efeito tão prejudicial no movimento cristão, especialmente no Ocidente protestante:

1. *Para* pode significar “nem tanto assim”. Então chamar algo de “para” implica que aquele não é o negócio de verdade ou não é o negócio completo. Pense em paramédico, paralegal ou paramilitar. Ainda que eles sirvam e estejam ao lado, alguém que é rotulado de “para” nunca tem a total legitimidade aos olhos daqueles a quem servem.
2. A tão necessária interdependência entre a igreja local (modalidade) e a igreja móvel (sodalidade) é atrofiada

quando uma é considerada inteira e completa e a outra é apenas “para”. O relacionamento pode facilmente se tornar de controle e dominância, ao invés de uma parceria genuína.

3. O uso de *para-eclésiástico* produz falsas expectativas do que pode e do que não pode ser feito no contexto da igreja local. Se alguém acredita que a expressão local da igreja é tudo que há ou que deveria haver, então o que Deus espera da igreja como um todo nunca será alcançado adequadamente. Isso é porque as igrejas locais e as hierarquias denominacionais nas quais elas existem são, por si mesmas, estruturalmente incapazes de cumprir as intenções completas de Deus para o Seu povo e as Suas intenções redentoras para o mundo.

4. Falar em linguagem para-eclésiástica pode minar e diminuir o valor do chamado apostólico, e o uso de para-eclésiástico pode tornar mais difícil recrutar aqueles que deveriam estar ministrando em estruturas apostólicas. Por que ser uma pessoa para-eclésiástica quando eu poderia estar em uma posição pastoral ou de ensino em uma igreja local, e portanto ser mais inteiramente “igreja”? Por que ser de segunda categoria?

A terminologia para-eclésiástica reforça uma eclesiologia aberrante — a que chamo de “supremacia da igreja local” — que é prejudicial para a saúde e para a vitalidade do movimento cristão onde quer que ele se manifeste.

## MADRE TERESA ERA UMA “PARA-CATÓLICA”?

Essa pergunta por si só mostra o quão deficiente o conceito de para-eclésiástico é em seu valor nominal. Ninguém com uma cara séria chamaria Madre Teresa de uma “para-católica”. Nem ninguém chamaria um Jesuíta, um Dominicano, um Franciscano ou nenhum de uma miríade de homens e mulheres comprometidos com ordens católicas de “para-católicos”. Na verdade, o que acontece é o contrário.

Padres na tradição monástica têm sido chamados historicamente de *padres regulares*. Padres que cuidavam de paróquias ou dioceses — ou seja, de uma hierarquia modállica, eclesiológica — têm sido chamados de *padres seculares*. O precedente histórico na tradição católica implica que os padres seculares não eram tão completamente espirituais ou de ponta como aqueles padres que faziam compromissos de segunda decisão para uma ordem religiosa (veja o capítulo seis para uma discussão completa sobre “segunda decisão” e “primeira decisão”). Padres seculares não obrigados a uma *regula* (uma “regra”), a qual era um meio primário de reforçar a disciplina e dar uma plataforma para a coesão e comprometimento mútuo para uma tarefa em comum.

Ao longo dos séculos, essa distinção gerou conflitos periódicos dentro da Igreja Católica, já que essas duas expressões complementares de igreja brigavam por posição e status. Uma das formas pelas quais o “secular” tentou exercer controle

sobre o “regular” (e eles tiveram sucesso em algum grau) foi em fazer a ordenação dependente de bispos provenientes do clero secular, que em troca populava a hierarquia. Mas, de forma geral, os católicos esculpiram um equilíbrio eficiente entre as duas categorias, o que tem sido um fator principal na vitalidade espiritual e organizacional católica. Como comenta Ralph Winter:

A harmonia entre a modalidade e a sodalidade alcançada pela Igreja Romana é talvez a característica mais significativa dessa fase [o período medieval] do movimento cristão mundial e continua a ser a principal vantagem organizacional de Roma até hoje.<sup>1</sup>

## **A SUPREMACIA DA IGREJA LOCAL**

A falha missiológica da Reforma Protestante em rejeitar estruturas missionárias e apostólicas teve profundas repercussões que reverberam até hoje. Um dos resultados persistentes é o conceito da “supremacia da igreja local” que, infelizmente, permanece entre alguns pastores e líderes denominacionais dentro do Protestantismo.

“A supremacia da igreja local” é a visão de que a igreja em sua forma local é a única forma de expressão legítima do corpo de Cristo. De acordo com essa visão, a congregação local, ou diocese, ou paróquia, é a única expressão verdadeira do que “igreja” realmente significa. O conceito de para-elesiástico flui diretamente desse conceito truncado e inadequado de igreja. Existem várias razões pelas quais a supremacia da igreja



local continua a ter tração.

***Muitos daqueles que lideram igrejas locais e estruturas denominacionais nunca ouviram ou aprenderam algo diferente.*** É um ponto cego educacional. Incontáveis vezes, eu ouvi pastores e outros líderes dizerem, “Eu nunca ouvi nada disso antes”, se referindo à legitimidade das estruturas apostólicas e qualquer coisa fora do seu âmbito local. Inclusive, isso se estende até mesmo para a cultura geral da igreja e é reforçado pelo estabelecimento religioso tradicional. Como nota George Barna:

Existe uma mentalidade onipresente entre muitos jornalistas, acadêmicos e líderes religiosos de que toda a atividade espiritual legítima deve fluir através de uma igreja local. Mesmo grandes ministérios para-eclesiásticos que se comunicam com dez milhões de pessoas, levantam milhões de dólares e impactam vidas em todo o mundo são lançados como segundo plano da igreja local. É quase como os seus esforços ministeriais fossem considerados subparte simplesmente porque eles não se originaram de um contexto congregacional.<sup>2</sup>

Charles Mellis afirma com precisão:

A liderança de estruturas nutridoras (congregações e estruturas de ligação) das quais dependemos amplamente para a nossa educação cristã sempre tendeu a ser uma visão mono-estrutural da igreja. De fato, os nossos teólogos tendem a definir a igreja em termos dessa estrutura nutridora.<sup>3</sup>

Infelizmente, essa visão truncada da igreja como válida apenas em sua forma local prevaleceu, como observa Mellis, na educação teológica ocidental, exceto no campo da missiologia. Missionários e outros indivíduos com dons apostólicos foram tradicionalmente exigidos a enfrentar um currículo teológico clássico, incluindo grego, hebraico e outros tópicos que são mais relevantes para a vida na Academia ou, secundariamente, para congregações locais. Para serem devidamente certificados para o ministério, missionários tiveram que saltar pelos obstáculos de um sistema educacional frequentemente tendencioso para o acadêmico ou pastoral. Felizmente, em instituições educacionais com visão do futuro, isso tem começado a mudar.

Em contrapartida, aqueles que vão para o ministério pastoral ou para “estruturas de ligação” hierárquicas (isto é, denominações) raramente precisam imergir em estudos missiológicos. Uma vez ouvi um missionário lamentar: “Preciso aprender todas as coisas deles, que são amplamente irrelevantes e inúteis para onde estou indo, mas eles nunca precisam estudar nenhuma das nossas coisas. Eles não têm ideia do que é ministério apostólico — especialmente em contextos transculturais e internacionais”.

É um pastor excepcional aquele que é exposto à teologia da missão, eclesiologia missional ou à história dos movimentos. Ainda que eles tenham estudado história da igreja da perspectiva da doutrina, heresias e apologética, eles raramente examinam as dinâmicas estruturais fundamentais que são essenciais

para o entendimento da saúde e da expansão do movimento cristão como um todo. Poucos chegam a lutar com *Uma História do Cristianismo* de Kenneth Scott Latourette ou qualquer uma das missiologias fundamentais de gente como Leslie Newbigin, Donald McGavran, Charles Van Engen, Alan Hirsch ou David Bosch. Como Alan Hirsch me disse uma vez, “Aqueles a cargo tanto das instituições educacionais que proporcionam as credenciais para aqueles que se destinam a vocações ministeriais quanto das expressões de igreja local que abrigam a maior parte dos recursos são pastores e mestres”.<sup>4</sup> Em *The Permanent Revolution* [A Revolução Permanente], Hirsch elabora:

O sistema de treinamento atual começou e ainda é operado pelo mestre e pastor da tipologia APEPM [apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, de Efésios 4]. É preciso perguntar-se como seria um sistema designado por e para um ministério APEPM pleno. O que mudaria? Quais seriam os resultados prováveis?<sup>5</sup>

Também encontro essa deficiência em algumas conversas entre aqueles que anseiam em recapturar o senso de missionalidade na igreja local e nas suas estruturas denominacionais no Ocidente. Escuto pastores ocidentais e outros debatendo questões e preocupações missionais que francamente já são batidas na comunidade missionária global.

Eu estava participando em uma pequena reunião que incluía alguns dos pastores mais proeminentes na igreja protes-

tante da América do Norte. Na sala também havia aqueles representando uma variedade de expressões criativas e inovadoras de expressões da igreja local no cenário nacional — igrejas em células, igrejas “orgânicas”, a igreja missional e novas redes e movimentos, todas representando um amplo pano de fundo de tradições: Anglicanos, Batistas do Sul, Presbiterianos e Pentecostais, juntamente com diversos grupos independentes. Estávamos discutindo juntos como recuperar a função do ministério apostólico no movimento cristão dos dias de hoje na América do Norte.

Um fato interessante é que eu era o único representando uma organização missionária, e um dos poucos vindo à discussão de uma posição prática além da liderança de uma igreja local, denominação ou estrutura de “rede”. Depois do primeiro dia de conferência, comecei a sentir o quão única aquela posição era. O melhor que posso fazer para descrever é que era como ser um Jesuíta em uma sala cheia de bispos todos desejando restaurar funções como as dos Jesuítas para suas paróquias locais e estruturas diocesanas. O problema é que não havia quase nenhum outro Jesuíta na sala. E no diálogo havia pouquíssimo entendimento das estruturas essenciais necessárias para ver a visão deles se realizar. Enquanto escutava, observei várias razões para essa carência.

Primeiro, quase todos esses líderes estavam operando a partir da postura do ministério da igreja local. Por isso, eles eram profundamente comprometidos com a igreja local e desejavam profundamente que uma missionalidade bíblica fosse expressada em sua plenitude no contexto da igreja local. Eles

não queriam desistir de que suas igrejas locais se tornassem mais missionárias.

Em segundo lugar, senti que a maioria tinha aceitado a ecle-siologia deficiente da supremacia da igreja local. Como me disse uma vez um pastor de uma megaigreja: “Sempre ensinei para o meu pessoal que entidades missionárias como as suas existem apenas porque a igreja local não está fazendo o que ela deveria fazer. Agora você me diz que isso não é verdade?”

Não era culpa deles. A maioria havia treinado nos nossos se-minários e faculdades teológicas ocidentais, nas quais pastores, mestres e acadêmicos predominavam e nas quais a ecle-siologia é raramente influenciada pela missiologia — se é que chega a ser. A maioria das pessoas na sala eram vítimas do nosso siste-ma teológico deficiente.

Ali estava uma sala cheia de homens e mulheres brilhantes se debatendo com o que muitos deles percebiam como “novas” visões missionárias e com como aplicá-las às igrejas na América do Norte. Mas pouco havia de novo sobre as suas conclusões. Essas eram questões que tinham sido centrais e primordiais em discussões missiológicas dentro dos círculos das sodalida-des por muitas décadas, mas que apenas recentemente haviam começado a ser aplicados na cultura de igreja rapidamente mutável da América do Norte e do Ocidente Europeu.

Com o Ocidente tornando-se cada vez mais um campo mis-sionário legítimo, tem sido encorajador ver líderes como esses

começando a pensar e a agir missiologicamente. Por outro lado, é decepcionante que as conversas deles raramente incluam pessoas apostólicas ou as agências apostólicas que têm lidado com questões missiológicas substanciais desde o começo do movimento missionário moderno em 1792. São mais de duzentos anos de lições importantes. Felizmente, alguns desses líderes contemporâneos gravitam intuitivamente em direção a esse entendimento, especialmente quando eles mesmos criam estruturas apostólicas para realizar o que eles não conseguem fazer em suas modalidades.

Essa falta de entendimento está difundida em um amplo espectro, que vai desde as igrejas históricas/tradicionais da modernidade, incluindo megaigrejas contemporâneas (que são especialmente suscetíveis a ela por causa de suas percepções de autossuficiência), até as expressões de igreja missionais e emergentes à medida que se debatem para se relacionar com a cultura dos dias de hoje.

Ainda assim, quando líderes — pastorais, leigos e aqueles liderando estruturas apostólicas — entendem isso, a sinergia resultante que decorre de uma interdependência bíblica e orientada pelo Espírito é uma coisa tremenda de se experimentar. E quando isso genuinamente acontece, a probabilidade de que o nome de Jesus se renove entre as nações à maneira de Efésios 3:20 — “infinitamente mais do que tudo que pedimos ou imaginamos” — torna-se uma realidade mais genuína.

*Líderes, especialmente líderes pastorais, acreditam*

*genuinamente na supremacia da igreja local.* Apegar-se à supremacia da igreja local pode ser uma tentativa honesta e ciumenta — no bom sentido — de manter a pressão na igreja local de viver e operar de modo missional. Estive em discussões com lideranças pastorais que, apesar de toda a evidência, recusam a abraçar a legitimidade das sodalidades, especialmente aquelas estruturas nas quais pessoas com fortes dons apostólicos e missionários podem florescer. Pastores bem-intencionados admitiram que simplesmente não conseguem reconhecer essa realidade, porque não querem desistir das suas expectativas de que resultados apostólicos podem ser completamente exercidos de dentro das e através das suas próprias congregações. Aceitar o paradigma das duas estruturas e dos dois pés seria de alguma forma abandonar o ideal do que eles acreditam que a igreja local poderia e deveria ser. Creio que a motivação desses pastores é nobre, mas seu medo é sem fundamento.

Para ajudar esses líderes a chegarem a uma eclesiologia mais completa, eu os encorajo a fazer o melhor possível para embutir *valores* e *visão* apostólicas dentro de suas congregações. Mas também peço a eles que não se agarrem de forma egoísta a pessoas apostólicas que possam encontrar mais realização em estruturas além da igreja local.

Toda expressão de igreja local deveria exortar fortemente seus membros e congregados a viver missionalmente, particularmente no contexto das relações com a vizinhança — o que inclui família, trabalho e comunidade. Mas viver missionalmente no contexto de vizinhança é muito diferente de ser

implantado como uma pessoa de segunda decisão que cruza barreiras culturais, sociais, linguísticas e, quando necessário, geográficas em prol do Evangelho. Essas pessoas comprometidas juntamente a outros para vocações de segunda decisão precisam de estruturas especificamente designadas para elas se querem ter sucesso. As igrejas locais deveriam enviar ou anexar pessoas assim a estruturas existentes, ou criar estruturas e dá-las a autonomia e o suporte necessário para florescerem.

***Existe um medo de incorporar completamente o sentido de Efésios 4.*** No capítulo 4, vamos examinar Efésios 4 e a ideia do chamado apostólico. Uma das razões que contribui para o conceito da supremacia da igreja local é que o entendimento bíblico do dom ou do ministério apostólico geralmente está ausente no nível da igreja local. A maioria dos cenários denominacionais e de igrejas locais oferecem pouco entendimento e apreciação pela taxonomia APEPM [Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres] encontrada em Efésios 4.

Uma das razões pelas quais ela tem sido ignorada é que a maior parte das igrejas locais é liderada por pastores e mestres. A liderança deles é esperada, já que essas estruturas servem primariamente para cuidar e nutrir pessoas de primeira decisão. Esse é o contexto no qual líderes pastorais prosperam. Infelizmente, líderes pastorais raramente sabem o que fazer com aqueles que começam a mostrar e viver um chamado apostólico. Quando alguém com chamado apostólico aparece, as igrejas locais têm uma tendência notável de esmagá-los, marginali-



zá-los ou taxá-los de rebeldes. Como Mellis observa:

As estruturas de nutrição ao longo da história têm sido relutantes em fornecer tais canais, e lentos em abençoar aqueles que surgiram. De fato, elas frequentemente têm se agarrado aos calcanhares desses membros que se empenharam em formas mais profundas de compromisso.<sup>6</sup>

Pessoas com dons apostólicos podem causar uma boa dose de angústia em líderes pastorais. Frequentemente, esses desordeiros apostólicos e os pobres pastores que tentam lidar com eles não entendem de onde a tensão está vindo, e os conflitos resultantes são com frequência caracterizados como espirituais por natureza. É a mesma dinâmica claramente evidente em Atos 9, quando a igreja de Jerusalém lutou para lidar com Paulo.

Nos anos iniciais do meu ministério, eu não entendia essa dinâmica e com frequência me encontrava em situações difíceis. Fui pessoalmente ferido, e feri a outros sem necessidade. Quando passei para posições de liderança, precisei aprender a cuidar da ralé apostólica (alguns dos quais eram muito parecidos comigo). Eles precisavam ser treinados com uma vara longa e com um grau maior de autonomia. Os seus espíritos empreendedores — às vezes frágeis — tinham que ser encorajados e ter bastante espaço para se movimentarem. Eu também via como a sua energia e visão poderiam revigorar a congregação local. Quando essas dinâmicas davam certo, isso acontecia, em grande parte, graças à presença de um pastor paciente e

seguro na mistura.

Porém, um pastor pode ter por fim que liberar uma pessoa, especialmente se a visão e os dons delas não puderem ser contidos em um cenário local. Entregue-os! Junte-os a estruturas apostólicas nas quais eles podem alcançar todo o potencial dado por Deus. Deixe-os voar.

### **ALINHANDO EXPECTATIVAS MISSIONAIS**

Alguns pastores e líderes denominacionais podem ser relutantes em aceitar dons apostólicos ou estruturas por causa de uma compreensão equivocada do que as igrejas locais são melhores em fazer, e especialmente de como as expressões de igreja local se multiplicam.

Precisamos desesperadamente de mais igrejas locais saudáveis. Centenas de milhões daqueles que seguem a Jesus encontram suas casas espirituais nesses corpos locais. Essas igrejas são o lugar onde a maioria esmagadora dos seguidores de Jesus irá crescer, ser nutrido e florescer como Seus discípulos. Isso é porque os cenários locais são as estruturas essenciais e intergeracionais que conservam o fruto do movimento cristão.

Mas a igreja local nunca será a estrutura primária para conquistar novos territórios, especialmente quando barreiras devem ser cruzadas em prol das Boas Novas de Jesus. Raramente modalidades são a vanguarda do novo. Elas são, pela sua própria natureza, avessas ao risco e designadas para conservar.

Igrejas locais preservam o que já existe, providenciam um lugar onde todos podem pertencer e, quando saudáveis, pressionam por um compromisso mais profundo e por uma espiritualidade vibrante. Paróquias locais assim são especialmente eficientes em seu próprio meio cultural imediato e podem exercer um enorme impacto transformador do Reino se estiverem comprometidas a viver em um Evangelho holístico em palavra, atos e poder para com a vizinhança. Como diz Wagner,

Uma modalidade é essencialmente uma estrutura orientada a pessoas, designada para servir às pessoas que são parte dela. Paz e harmonia são valores elevados. São vistos como superiores ao fazer. Processo é frequentemente mais importante do que objetivo. Discipulado geralmente não é estritamente aplicado, especialmente quando pode entrar em conflito com o contentamento.<sup>7</sup>

Expressões de igreja local nunca foram abençoadas por Deus para fazer em escopo o que estruturas missionárias e apostólicas conseguem fazer. É injusto esperar que as igrejas locais tenham o mesmo senso de disciplina e foco que as formas apostólicas de igreja.

Por exemplo, não conheço nenhum missiólogo que discordaria com o fato de que a multiplicação de igrejas locais é um resultado essencial da Grande Comissão de Cristo em Mateus 28. A multiplicação de expressões de igreja local tem sido um dos resultados primários quando essa comissão é colocada em

prática ao longo dos dois mil anos desde Pentecostes. É a história do livro de Atos, como a igreja passou de simplesmente agregar pessoas aos seus números para começar a multiplicar (Atos 6:1-7).

Entretanto, eu me estremeço quando escuto pastores bem-intencionados ou outros “especialistas” em plantação de igrejas falando em “igrejas locais plantando igrejas locais” como se essa fosse a única forma da multiplicação acontecer. Mas não foi bem assim que aconteceu ao longo dos séculos, e é uma falsa expectativa a ser colocada nas congregações locais, especialmente se colocada como uma expectativa para uma missionalidade que é mais do que a de vizinhança.

## **A MAIORIA DAS IGREJAS LOCAIS SÃO COMO EUNUCOS**

O que deveríamos esperar da igreja em sua forma local? Deve-se definitivamente esperar que as igrejas locais inculquem e vivam a missionalidade, para serem reprodutivas individualmente e corporativamente em seu contexto imediato, de vizinhança e para apoiar a missionalidade transcultural que se estende às nações. Deve-se esperar que as expressões de igreja local agreguem pessoas ao seu número através da conversão e se multipliquem dentro de seu próprio meio cultural — o que os missiologistas chamariam de evangelismo de “vizinhança”, ou E-0 e, em alguns contextos, E-1.

Esses termos vêm de uma escala — na verdade, de um continuum — que os missiologistas usam para descrever a distân-

cia cultural na obra evangelística.<sup>8</sup> E-0 é aquele ministério que ocorre dentro do seu próprio contexto cultural. E-1 é aquele ministério que tem alguma distância cultural minoritária, e E-2 e E-3 são níveis cada vez mais altos de distância e dissonância cultural.

Mesmo quando as igrejas tentam fazer esforços de E-0, o seu ministério pode ser mais efetivo quando feito em conjunto com pessoas apostólicas trabalhando em estruturas apostólicas. Mas, quanto mais barreiras estiverem presentes — desde E-1 até E-3 —, mais necessário e apropriado é para estruturas apostólicas únicas serem criadas para apoiarem a responsabilidade primária do ministério.

Infelizmente, mesmo com essa expectativa da missionalidade de vizinhança, a maioria das igrejas locais são como eunucos — elas não reproduzem ou plantam outras igrejas. A multiplicação eficiente entre a “vizinhança” é raramente vivida plenamente. A missionalidade além da “vizinhança” acontece menos ainda. Apesar das ilusões e da adulação daqueles que querem desesperadamente ver um renascer de uma visão e paixão apostólica na vida da igreja local, eles estão nadando contra a corrente se esperam que a igreja em sua forma local assuma todas as funções de uma sodalidade apostólica e missionária.

A igreja em sua forma local não está estruturada para a vida dessa maneira. As suas pessoas são sociologicamente incapazes desse tipo de comportamento, não importa o quanto elas sejam exortadas, treinadas ou encorajadas, primariamente porque elas são pessoas de primeira decisão. Porém, quando

pessoas com dons apostólicos em uma igreja local recebem permissão e os meios estruturais para se dirigir a uma vida de segunda decisão — na qual elas se comprometem vocacionalmente para uma sodalidade — então uma expressão apostólica e missionária pode nascer.

Quero ser claro. As igrejas locais têm um papel missional vital e importante para cumprir em sustentar os movimentos do Evangelho. “A *ecclesia* deve sempre estar se movimentando em algum grau, ou ela deixa de ser a igreja que Jesus pretendia que ela fosse”.<sup>9</sup> Mas, muito frequentemente, especialmente no Ocidente, os modelos inadequados de plantação de igreja que adotamos asfixiam passivamente o impulso missionário e raramente resultam em movimentos. Nós não estamos nem mesmo experimentando a multiplicação da “vizinhança” que poderia ser razoavelmente esperada de todas as congregações locais.

Das 400.000 igrejas nos Estados Unidos, apenas algumas podem ser consideradas reprodutivas e frutíferas. Por exemplo, Neil Cole, refletindo sobre a pesquisa realizada pelo centro de pesquisa e recursos da Batista do Sul, a Lifeway, notou que apenas quatro por cento das igrejas Batistas do Sul nos Estados Unidos plantaram uma igreja filha. Extrapolando nas denominações, isso significa que 96 por cento das igrejas convencionais nos Estados Unidos nunca darão à luz.<sup>10</sup>

Pense na seguinte analogia militar. Ninguém levaria os médicos, cozinheiros e o pessoal de logística militar e os co-

locariam para servir nas missões das Forças Especiais. Pessoas diferentes são necessárias para papéis diferentes. Esse princípio também é verdadeiro para aqueles em congregações locais. Não é razoável esperar que pessoas de primeira decisão ajam como pessoas de segunda decisão — uma distinção que desenvolveremos nos capítulos adiante. Não podemos esperar que todos os soldados sejam um SEAL da Marinha. Ainda que gostaríamos que os valores de Madre Teresa fossem inculcados em todos os seguidores de Jesus, quão injustificado seria esperar todo seguidor comprometido de Jesus adotar o estilo de vida e viver o chamado missionário e monástico dela?

É como pedir a todos que tenham dois pés esquerdos. Como escreve George Lings escreve:

Na minha cidade em Sheffield, como cidadão sou um membro modal de uma sociedade diversa de todas as idades, junto a outros ½ milhões. Somos os mais comuns e numerosos. Mas Sheffield têm sodalidades; elas incluem o Corpo de Bombeiros e a força policial. Seus membros também são cidadãos, mas eles têm um segundo chamado e o equipamento necessário para exercer aquela função em particular. Eles formam vínculos especiais de amizade nesses grupos sodais. Não posso, porém, não importa o quão divertido seria, aparecer no quartel de bombeiros amanhã e pedir para ir junto na próxima emergência. Não é assim que funciona.<sup>11</sup>

Hirsch e Catchim explicam assim:

A forma que estruturamos a organização impacta diretamente nos resultados — para bem ou para mal — e a liderança deve estar ciente das implicações, e lidar com as consequências... Não dá certo tentar construir um ministério e estrutura apostólicas avivadas ao redor de formas e organizações que foram construídas para entregar algo fundamentalmente diferente.<sup>12</sup>

As implicações desse entendimento são profundas. Estruturas apostólicas e missionárias fazem coisas que as expressões de igreja local não podem fazer. Quando expectativas pouco realistas são colocadas sobre as igrejas locais, elas não conseguem fazer nada além de falhar em atender a essas expectativas

Por exemplo, estou cansado de ouvir o tão repetido mantra que “a igreja local é a esperança do mundo”. Isso simplesmente não é verdade. A igreja em sua forma local não é tudo o que existe. Uma falsa expectativa assim justifica a sóbria observação de George Barna: “Se colocamos toda a nossa esperança na igreja local, estamos colocando a nossa esperança no lugar errado. Muitos pastores bem-intencionados promovem essa perspectiva proclamando: ‘A igreja local é a esperança do mundo’... Se a igreja local é a esperança do mundo, então o mundo não tem esperança”. Barna está certo. Assim como a Bíblia e a história nos mostram tão claramente, se dependemos apenas da igreja em sua forma local, não há esperança — e nunca houve.

## **A RELEVÂNCIA DAS VESTES PRETAS**

Eu estava fazendo um tour pela bela Catedral de Glasgow



da Igreja da Escócia, a qual é tecnicamente a *High Kirk* de Glasgow. Estima-se que mais de 50 mil estudantes universitários vivam pertinho desse extraordinário edifício. A congregação da própria igreja se reduz a um remanescente de menos de duzentas pessoas. Então, perguntei de propósito para a professora que estava guiando o tour, "Se este edifício ainda abriga uma congregação ativa, o que está sendo feito para alcançar esses 50 mil estudantes com as Boas Novas de Jesus?" A resposta dela foi chocante.

"As pessoas que estão ativas nessa igreja são em sua maioria velhas. E como você bem deve saber", ela disse, "os jovens de hoje não estão tão interessados em religião. Mas estamos tentando e fazendo ajustes. Por exemplo, a Igreja da Escócia historicamente usou vestes escuras ou pretas para o nosso clérigo. Mas, recentemente, para sermos mais relevantes, adicionamos cores!" Eu estava tão em choque que mal consegui me segurar.

Então, quem vai alcançar esses 50 mil estudantes que estão longe de Deus? A *High Kirk* de Glasgow não vai, apesar de usar vestes coloridas. Se houver alguma incursão entre a população estudantil, ela provavelmente irá requerer esforços apostólicos — e quanto mais melhor. E, à medida que essas estruturas apostólicas e missionárias forem efetivas, seus esforços resultarão na criação de incontáveis novas expressões de igreja local entre os estudantes, expressões que provavelmente não serão nada parecidas com a *High Kirk* de Glasgow.

Essas novas expressões de igreja local serão essenciais para

conservar o fruto dos esforços missionários e apostólicos entre esse segmento específico da população. Para um movimento ocorrer, ele irá requerer uma cooperação dinâmica entre esses esforços missionários e as expressões de igreja local resultantes. Por causa da desilusão da geração atual com o *status quo*, a maioria das novas expressões de igreja local que nascem ou são renovadas provavelmente serão odres novos de vinho. Eles incorporarão uma ortodoxia cristã vibrante, mas em formas que guardam pouca semelhança com as expressões tradicionais e institucionais das igrejas que estão morrendo ao seu redor. Esperar que a *High Kirk* de Glasgow seja uma agente de mudança depois de oitocentos anos está além da esperança, exceto através de uma intervenção dramática do Espírito de Deus.

A Re:Hope se tornou um estudo de caso de uma atividade missionária assim. Re:Hope é uma nova expressão de igreja local que começou em Glasgow durante a última década através dos esforços da equipe missionária da CRM — uma estrutura apostólica. A Re:Hope agora evoluiu e se tornou em um dos maiores, mais dinâmicos e mais prósperos ministérios na cidade. Com uma ênfase em usar e ler a Bíblia interpessoalmente, junto com a aceitação da presença manifesta e o poder do Espírito Santo, a Re:Hope se tornou em um corpo missional contagioso, que engaja uma geração que está sedenta e desesperada pela realidade espiritual em uma cultura pós-cristã. A Re:Hope é um bom exemplo do que pode acontecer quando estruturas apostólicas e estruturas de igreja local trabalham em saudável interdependência.<sup>14</sup>

## A NECESSIDADE DE MAIS

O ponto é que mais estruturas apostólicas e missionárias repletas de pessoas apostólicas são sempre necessárias. Muitas delas! Nunca teremos o suficiente de ministérios como: Juventude Com Uma Missão (YWAM), Young Life, Irmãos de Misericórdia, Cruzada Universitária para Cristo (CRU), o Exército de Salvação, a Junta de Missões Internacionais, InterVarsity, Frontiers, Pioneers, os Franciscanos, Word Made Flesh (WMF), International Justice Mission (IJM), os Navigators, e por aí vai. A proliferação e a multiplicação de tais estruturas sempre foi um sinal de saúde no movimento cristão.

Os números comprovam isso. A Young Life, por exemplo, alega que eles alcançam e impactam relacionalmente 1,7 milhões de crianças por ano. O filme *Jesus* — parte da Cruzada Universitária para Cristo (CRU) — estima que 3,8 milhões de pessoas decidem seguir a Jesus a cada ano como resultado de assistir ao filme. A equipe de campo da InterVarsity ministra para 40.299 estudantes principais e faculdades em 616 campi na América do Norte e como parte do IFES, que tem uma presença ministerial em 154 países. A Juventude Com Uma Missão (YWAM) tem mais de 16 mil obreiros de longo prazo ministrando em mil bases em mais de 180 países. Ainda que esses sejam alguns dos maiores exemplos, há milhares de milhares de expressões apostólicas da igreja como essas. E onde quer que vejamos movimentos do Evangelho decolar, essas expressões *sempre* estão no meio.

## NA ZONA NO ORIENTE MÉDIO

Eu o encontrei enquanto viajava e trabalhava no Oriente Médio. Vamos chamá-lo de Deioces — o nome de um famoso e mítico rei de Medes.

O pai de Deioces tinha sido morto no Irã porque era seguidor de Jesus, e Deioces tinha fugido com sua família para o norte do Iraque. Ainda que ele fosse parte de uma pequena igreja tradicional com foco no Medes, Deioces estava obviamente irritado com as limitações de sua congregação local. Ainda que ele fosse o único com apenas vinte e poucos anos, ele transbordava dons e visão apostólica, mas lhe faltava o veículo para que eles fossem adequadamente expressados.

Hoje, com a ajuda da nossa parceria, Deioces está no coração de um movimento florescente do Evangelho, especialmente entre refugiados sírios e iraquianos que estão fugindo da guerra civil na Síria. Milhares encontraram uma nova vida em Jesus e se tornaram discípulos comprometidos através de seu movimento. E Deioces não teve um papel visível, de linha de frente. No começo, não havia pregação, ou ensino, ou grandes ajuntamentos de pessoas. Deioces aprendeu e aplicou implacavelmente dinâmicas simples de movimentos, e os resultados têm sido impressionantes.

Ele percebeu que plantar igrejas nunca garante um movimento como resultado, mas que gerar movimentos saudáveis sempre resultará em novas expressões de igreja. Ele descobriu como identificar “pessoas de paz” naquele contexto — con-

sistente com as instruções de Jesus em Mateus 10, Marcos 6 e Lucas 9 e 10 — e como elas podem ser chaves para desbloquear grupos inteiros de pessoas para se tornarem discípulos de Jesus. E ele adotou um simples processo de descoberta pelo qual pessoas distantes de Deus podem explorar a Bíblia juntas, estando abertas à presença e obra sobrenatural do Espírito de Deus.

Fundamental para a eficiência de Deioes é a certeza de seu chamado apostólico e a plataforma para vivê-lo plenamente. Ele não é “para” para nada. Ele está na zona do que Deus o criou para estar, e os resultados são incríveis.

Então, *para-eclésiástico* é realmente um termo sujo. A saúde e a vitalidade do movimento cristão, onde quer que esteja, depende das sodalidades, e especialmente daquelas sodalidades em que pessoas apostólicas são autorizadas a ser tudo aquilo que Deus as designou para ser — inteiramente igreja e inteiramente liberadas para serem agentes do Reino, em lugares onde as expressões de igreja local não conseguem ser pioneiras.

## CAPÍTULO 4

# Afinal, o que é “Apostólico”?

O essencial frequentemente negligenciado para  
uma missionalidade autêntica.

*Ἀπόστολος: Aquele enviado como mensageiro ou agente, o  
portador de uma comissão, mensageiro; um apóstolo.*

*O Léxico Analítico Grego*

*O apóstolo é quintessencialmente a forma missional de  
ministério e liderança. O papel apostólico tem a chave que  
desbloqueio poder da eclesiologia do Novo Testamento no que  
diz respeito a seu ministério.*

Alan Hirsch & Tim Catchim, em *The Permanent Revolution* [A  
Revolução Permanente]

*Não faz muito sentido criar tigres se você pretende mantê-los  
presos em canis.*

George Lings em *Why Modality and Sodalility Thinking Is Vital to  
Understand Future Church* [Por que pensar em Modalidade e Sodalidade  
é vital para entender a igreja do futuro]

Encontrei Jeff sentado em um curso em um seminário. Ele

tinha 29 anos, era casado e tinha dois filhos, estava terminando a sua graduação e mantendo um cargo em uma equipe pastoral no centro-sul de Los Angeles — e ele estava indescritivelmente frustrado.

Ele era um líder forte, temente a Deus e com um claro dom apostólico. Ele transbordava potencial. Mas servir em um cargo pastoral tinha sido um sério descasamento entre quem ele era e as expectativas de uma igreja local. Eu não tinha certeza do que aconteceria primeiro — a sua igreja local matá-lo ou ele matá-la!

Encontro pessoas como Jeff regularmente: homens e mulheres com fervor apostólico e paixão se debatendo para encontrar o seu nicho no ministério. E muitos foram levados a crer que o único caminho que eles podem percorrer para cumprir o chamado de Deus para a vida deles é subir a escada pastoral no contexto da igreja local. Que trágico.

O fato histórico, bíblico, sociológico e missiológico é que dons apostólicos fortes — especialmente para aqueles chamados para viver como pessoas de segunda decisão — são melhores vividos em uma estrutura apostólica (um tipo de sodalidade), para que dons assim sejam desempenhados adequadamente.

Enquanto jovens líderes assim, tanto homens quanto mulheres, não encontrarem seu nicho em estruturas apostólicas nas quais eles possam partir da manutenção para a missionalidade e serem liberados para deixar a sua visão voar, suas vidas serão modelos de frustração permeadas por uma falta de sentido entorpecedora.

Eddie Gibbs, professor emérito no Seminário Fuller, nota que 50 por cento daqueles que se graduam em seminários norte-americanos e que eventualmente acabam em ministério pastoral o abandonam em dez anos. Meu palpite é que uma desconfortável porcentagem desse número é constituída de homens e mulheres como Jeff.

Então, há esperança para Jeff e outros como ele. Você não está louco! Você não é um rebelde. Não há nada de errado com você. A sua ambição, o seu impulso e o seu desejo de realizar muito com Jesus e para o Seu Reino não são impuros. Que Deus te guie para a estrutura apostólica e missionária correta, na qual você pode fazer a sua contribuição última para o Reino e viver do jeito único que Deus te criou para ser.

## **PARA O CAMBOJA, ROMÊNIA E ALÉM**

Diane era outra pessoa assim. Depois da universidade, ela trabalhou no mundo corporativo como contadora para uma firma nacional de sistemas de negócios. Durante todo esse tempo, ela estava inquieta e preocupada de não estar cumprindo o chamado único de Deus para sua vida. Conhecemos Diane no meio dessa luta quando ela estava fazendo uma



rápida viagem para a Hungria, e com o tempo nós a ajudamos a resolver o dilema. Ela se juntou ao InnerCHANGE<sup>1</sup> — uma ordem cristã entre os pobres — e por fim deixou a vida corporativa para ser parte de uma equipe no Camboja que resgatava meninas do tráfico sexual. Ela passou a oferecer uma liderança visionária para um programa de tratamento e prevenção da AIDS no interior do Camboja chamado Sunrise, o qual continua a ser um modelo para toda a nação. Ela liderou um time de pioneiros ministrando entre os pobres e marginalizados na Romênia por vários anos, e mais recentemente assumiu a liderança administrativa de 125 missionários similares servindo entre os pobres ao redor do mundo. Durante esse processo, ela se dedicou a se tornar proficiente nos idiomas de cada um desses contextos. Graças ao seu dom apostólico, Diane é unicamente apropriada para o ministério com tamanho escopo e diversidade, e é um notável exemplo do modo como Deus usa pessoas assim se elas receberem as estruturas apropriadas nas quais elas podem florescer.

## **APOSTÓLICO — AS DIFERENTES VISÕES**

Quando ajudo a preparar pessoas para ministrar ao redor do mundo com a CRM, frequentemente faço apresentações de como identificar, desafiar e fornecer um lugar para aqueles cujo chamado seria cumprido em nosso ministério. É uma iniciação na “nossa tribo”. No topo da lista de qualidades o que procuro é o “dom apostólico”. Mas o que é o dom apostólico e como ele é identificado?

Muito já foi escrito sobre isso. Alguns autores usam o termo *dom missionário* de forma intercambiável com *dom apostólico*. Outros lutam para encontrar uma base bíblica para o dom missionário, já que ele está apenas implícito nas Escrituras e não é mencionado abertamente nas três listas de dons espirituais no Novo Testamento. Outros fazem uma distinção clara entre *missionário* e *apostólico* e consideram ambos altamente relevantes (e negligenciados) na igreja contemporânea. Outros ainda dispensam totalmente o termo *apostólico*, considerando-o completamente irrelevante nesta dispensação. Existem várias opiniões.

Gosto da forma como Mike Breen descreve o ministério apostólico em seu livro *The Apostle's Notebook* [O Caderno do Apóstolo] e o paradigma que ele apresenta.<sup>2</sup> Baseando a sua análise na vida de Jesus, Breen diz que o ministério apostólico tem quatro tarefas distintas inerentes a ele:

1. Pioneirismo
2. Plantação de igrejas
3. Criação de pontes
4. Edificação

Breen usa a maior parte de seu livro para destrinchar cada uma dessas quatro tarefas e o modo como elas funcionam no campo para pessoas que têm um chamado apostólico. Ele apresenta um forte argumento em sua exegese de Efésios 4 de que todos na igreja funcionam ou como apóstolo, ou profeta, ou evangelista, ou pastor ou mestre. Ele baseia essa

conclusão tanto na evidência textual quanto em sua extensa experiência em primeira-mão.

Outro tratado detalhado do ministério e dom apostólicos no ministério contemporâneo está no excelente volume de Alan Hirsch e Tim Catchim, *The Permanent Revolution* [A Revolução Permanente].<sup>3</sup> Eles expõem de forma abrangente o caso teológico pelo chamado e dom apostólicos. É um texto fantástico e exaustivo e uma apologética bem pensada pela legitimidade e busca do ministério apostólico na igreja dos dias de hoje. A exegese deles de Efésios 4 e da natureza da taxonomia APEPM (Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres) é magistral. Ainda que o capítulo “Arquitetura Apostólica: A Anatomia da Organização Missional” seja um dos melhores tratados sobre o tópico que eu conheça, minha esperança é de que o que estou escrevendo neste livro possa ser construído sobre aquele fundamento e ser um argumento expandido para a necessidade de estruturas assim, nas quais o dom e chamado apostólicos podem ser vividos por inteiro.

Alan e Tim alegam sobriamente que,

na medida em que depender do agir humano, a capacidade da igreja de incorporar e estender a missão e os propósitos de Jesus no mundo dependem amplamente de uma intenção total em prover fundações teóricas robustas com as quais relegitimar e reestruturar o ministério da igreja como quántuplo e de abraçar novamente o papel revitalizante e intrinsecamente missional da pessoa apostólica.<sup>4</sup>

Creio que existem poucos resumos melhores a respeito da natureza do dom apostólico do que o deles:

No poder do Espírito Santo, os apóstolos são dados à *ecclesia* para prover o ministério catalítico, adaptativo, móvel, translocal, pioneiro, empreendedor, arquetônico, e de custódia necessário para acender, mobilizar e sustentar movimentos apostólicos.<sup>5</sup>

Vi entre muitos um medo de abraçar o dom apostólico — e a função apostólica referida em Efésios 4 — por causa dos abusos percebidos que ocorrem no nível que chamo de “macro” do engajamento apostólico. Isto é, quando alguém — talvez um líder em um movimento — assume, às vezes presunçosamente, que eles são o “apóstolo” para uma cidade ou região. Eles talvez exerçam o que alguns chamam de supervisão apostólica “vertical” ou “horizontal”<sup>6</sup> e talvez exerçam autoridade sobre uma grande parcela do corpo de Cristo, como um tipo de superpastor. Existem numerosos movimentos, especialmente dentro das alas carismáticas e pentecostais do movimento cristão, que abraçaram esse fenômeno nos últimos anos, descrito como “Nova Reforma Apostólica”. Porém, essa não é uma abordagem com a qual eu me sinta confortável, e não é como estou usando o termo neste livro.

Aprecio a distinção que Hirsch e Catchim fazem entre Apóstolos com “A” maiúsculo (os doze originais) e os apóstolos com “a” minúsculo (todo aqueles, do passado e do presente, que apresentaram dons e funções apostólicas). Creio que a

evidência bíblica é abundantemente clara que o termo “apostólico” nunca foi relegado para significar apenas os doze originais.<sup>7</sup> Hirsch e Catchim definem mais precisamente o que fazem os apóstolos:

Apóstolos, naquela época e agora, têm um propósito insubstituível em manter as capacidades missionais contínuas, gerando novas formas de *ecclesia*, e trabalhando para o renovo contínuo da igreja, entre muitas outras funções vitais. Por mais central e importante que seja a Escritura, ela nunca se destinou a substituir a função dinâmica missional dos apóstolos na igreja de Jesus.<sup>8</sup>

Prefiro não ser arrastado para a discussão sobre se o dom apostólico existe ou não nos dias de hoje, porque creio que é uma perda de tempo. É a minha convicção de que uma visão cessacionista é indefensável exegeticamente — e certamente experiencialmente também — à luz da avassaladora evidência histórica. Existem mais de oitenta referências no Novo Testamento a apóstolos, as quais claramente se referem a mais do que os doze originais. A existência e a legitimidade do dom apostólico é claramente um fato na Escritura. Para os meus propósitos, outras perguntas são mais importantes: O que é? O que fazemos com isso? E quais são as implicações para as estruturas missionais?

## DEFININDO APOSTÓLICO

Quando me refiro ao dom apostólico, a definição que estou usando em seu nível mais básico é simplesmente “um envia-

do". É um dom espiritual que não é diferente de nenhum dos outros disponíveis para aqueles que seguem a Jesus e é distribuído segundo a vontade do Espírito, seja livre ou ocasionalmente. Em outras palavras, creio que é mais útil considerar o dom e a função em um nível micro (o apostólico com "a" minúsculo). Creio que está mais alinhado com a função na descrição quántupla encontrada em Efésios 4. Portanto, o modo que prefiro usar esse termo inclui o seguinte:

- Pessoas apostólicas foram feitas para cruzar barreiras — culturais, linguísticas, socioeconômicas e geográficas — em prol da disseminação do Evangelho de Jesus (Paulinas), ou focar na vitalidade e vigor de expressões já existentes da igreja pelo bem de uma missionalidade maior (Petrinas).
- Na prática, aqueles com dom apostólico são empreendedores espirituais. Eles apresentam um senso agudo de aventura, eles inovam e abraçam o novo — às vezes só porque é novo. Eles desejam criar, construir e expandir as fronteiras do movimento cristão. Eles não conservam. Eles não mantêm. Eles apresentam um senso de rebelião que, a menos que seja santificado, pode tornar a vida difícil para aqueles ao seu redor. Eles frequentemente exibem um descontentamento santo — um tipo de TDAH ministerial.
- Muitas vezes, pessoas com um dom apostólico também têm habilidades (ou dom) missionário, ou seja, o cha-

mado e as habilidades para exercer uma função apostólica em locais transculturais.

- Pessoas apostólicas frequentemente têm a capacidade de ministrar unicamente para pastores e outros líderes eclesiais. Eles têm a maturidade, autoridade espiritual, visão e a habilidade para influenciar esses líderes.
- Pessoas apostólicas frequentemente são capazes de ministrar em um contexto mais amplo do que apenas uma única igreja local. Eles têm uma perspectiva mais ampla e o escopo de sua visão é maior do que uma congregação local.
- Eles valorizam resultados em vez de conformidade, caos em vez de controle e visão em vez de estabilidade. Eles desafiam os limites. Isso pode causar problema e angústia para o estabelecimento. Como observa George Hunter em seu clássico livreto, *The Celtic Way of Evangelism* [O Jeito Celta de Evangelizar], “Na maior parte das denominações americanas... as pessoas que controlam a denominação são as mesmas pessoas que são menos apostólicas em sua ênfase... Sua obsessão especial é controlar a asa crescente da igreja e corrigi-la... Como alguém observou tão apropriadamente, “É sempre mais fácil presidir um cemitério do que um jardim de infância”. Pessoas apostólicas preferem a bagunça em vez da alternativa.<sup>9</sup>

- Ainda que arrecadar fundos e viver do dinheiro dado por outros possa ser um malabarismo para qualquer um, aqueles com dom apostólico não são muito desencorajados por esse desafio. Eles frequentemente o abraçam. Eles o veem como uma montanha para subir e um obstáculo para superar em prol de uma visão maior do Reino.
- Pessoas com um dom apostólico terão mais chances de serem realizadas em sodalidades apostólicas, isto é, estruturas especificamente apropriadas para a expressão mais completa de seus dons. Se eles forem pessoas de segunda decisão, aqui é o lugar onde a maioria deles pertence.

## **NUNCA É MUITO ARRUMADO**

Chegou a hora dos avisos. Primeiro, sou suspeito para falar. Há definitivamente alguma projeção dos dons acontecendo no modo em que defino e uso o termo apostólico.

Segundo, creio que todos os dons espirituais operam em um contínuo e em combinações, ou como diria J. Robert Clinto, “em aglomerados”.<sup>10</sup> As características que listei acima são demonstradas em vários graus e em vários níveis, especialmente quando agrupadas com outros dons. Existem nuances e variações para esse tema.

Terceiro, não acredito que ninguém deveria reagir exageradamente ao examinar sua própria vida à luz dessas qualidades.



Frequentemente em casamentos, por exemplo, um cônjuge com um dom apostólico pode estar mais inclinado nesse caminho do que o outro. Se o casal está servindo em um ministério essencialmente apostólico, isso pode significar alguma dissonância e ajustes. Pelo menos, isso significará entender, apreciar e abraçar um dom como esse e suas implicações.

Finalmente, acredito que para uma estrutura apostólica ser saudável, a maior parte daqueles ministrando nele permanentemente deve, em um grau ou outro, exibir um dom apostólico em seus “agrupamentos” de dons. Certamente há espaço — e necessidade — para aqueles com outros dons que irão complementar esse primeiro impulso. Diversidade é uma coisa boa e algum balanço é útil. Mas para manter a sua integridade e chamado, uma estrutura apostólica deve ser sempre caracterizada por um DNA apostólico, o qual é representado pelos dons daqueles que servem dentro da estrutura. É a natureza desses ministérios. Está em seus valores, e na essência do chamado coletivo de Deus para eles como uma entidade.

Portanto, pode ser arriscado para uma estrutura apostólica colocar alguém com fortes dons pastorais ou de ensino no comando. Ter uma pessoa assim na liderança pode inibir o impulso apostólico. Esse problema pode ter estado fundamentalmente na raiz do conflito entre Paulo e Barnabé em Atos 15:39. Paulo tinha um forte dom apostólico, e entrou em conflito com Barnabé, o “filho do encorajamento”, que era relacional, gracioso e gentil — características que não são geralmente atribuídas ao Paulo linha-dura. Barnabé tinha um

dom pastoral forte, o qual é normalmente inapropriado para uma liderança contínua em uma estrutura apostólica. Como afirma Wagner:

Barnabé se encaixa claramente no perfil do que alguns missiologistas hoje chamariam de um “líder de modalidade”, em oposição a Paulo que seria visto como um “líder de sodalidade”. Suponho que por volta de 80 por cento do clérigo ordenado seja como Barnabé e essencialmente orientado a pessoas, e apenas em torno de 20 por cento deve ser do tipo sodalidade orientado a tarefas como Paulo... Os séculos subsequentes da história da igreja revelaram que em uma organização ativa e dinâmica só há espaço para um líder ou apóstolo. Não houve dois Hudson Taylors na Missão para o interior da China, ou dois Dawson Trotmans nos Navigators, ou dois Cameron Townsends na Instituição Wycliffe de Tradutores Bíblicos.<sup>11</sup>

Mais adiante, Wagner continua:

O pragmatismo consagrado de Paulo aparece quando ele parece se importar menos com ferir os sentimentos de Marcos e Barnabé do que estar certo em sua própria mente que a sua equipe missionária é tão altamente competente e qualificada quanto possível para realizar a formidável tarefa diante deles.<sup>12</sup>

Por outro lado, é incomum que alguém com um forte dom apostólico sobreviva às demandas da igreja local típica. Ocasionalmente, uma pessoa pode se tornar o pastor e, se receber a liderança e o espaço o suficientes para liderar, o ministério

daquela igreja local pode prosperar. Se aquele líder apostólico aguentar a turbulenta viagem, essas igrejas podem se transformar em megaigrejas. Não consigo pensar em um nome sequer ou em uma única pessoa que transformou uma igreja local em uma megaigreja que não tivesse pelo menos algum grau de dom apostólico. E, geralmente, eles têm pouco ou nenhum dom pastoral. Eles podem até ter o título de “pastor”, mas esse é um nome inadequado. O sucesso deles frequentemente depende da sua habilidade de recrutar outros ao seu redor (isto é, pessoas com dom pastoral) que podem cuidar das pessoas e liberar o líder com dom apostólico para fazer o pioneirismo.

### **PESSOAS QUE NÃO SE ENCAIXAM**

Quando oriento novos colaboradores na CRM, cito com frequência duas estrofes do poema *The Man Who Don't Fit In* [Os Homens que Não se Encaixam] de Robert Service para ilustrar o dom apostólico. A vida dele parece um romance de aventura cujo personagem principal ama ultrapassar os limites da convenção e irritar aqueles em autoridade. Tudo isso parece muito apostólico, mesmo que a evidência seja escassa de que Service fosse um seguidor de Jesus. Espero que você possa ignorar a exclusividade de gênero — afinal, ele nasceu no século XIX.

*Há uma raça de homens que não se encaixam  
Uma raça que não consegue se aquietar;  
Então, os corações de amigos e parentes despedaçam,  
E saem à vontade pelo mundo a vaguar.*

*Eles alcançam o campo e atravessam a inundação,  
E sobem até a crista da montanha;  
Deles é a maldição do sangue cigano,  
E nada sabem sobre descansar;*

*Se forem só em linha reta eles podem ir longe;  
São fortes e corajosos e verdadeiros;  
Mas estão sempre cansados das coisas como estão,  
E querem o estranho e o novo.  
Eles dizem: "Se eu pudesse encontrar a minha onda,  
Que profunda marca eu faria!"  
Então eles cortam e mudam, e cada movimento novo  
É apenas um erro novo.*

Quando uso esse poema, geralmente mudo as duas últimas linhas assim:

*Esses são os homens que não se encaixam,  
Para os quais o mundo é um lugar pequeno demais.*

## **CLITON SOBRE O APOSTÓLICO**

Um tratado mais abrangente e técnico a respeito do dom apostólico pode ser encontrado na obra de J. Robert Clinton, e especificamente em seu volume sobre dons espirituais (com a coautoria de Richard W. Clinton). Gosto de sua definição: "O dom do apostolado se refere a uma capacidade especial de liderança para se mover com autoridade dada por Deus para criar novas estruturas ministeriais (sodalidades e modalidades)

para suprir as necessidades e para desenvolver e nomear líderes nessas estruturas”.<sup>13</sup> Eu adicionaria à definição deles, “... para, primariamente, cruzar barreiras como cultura, idioma, status socioeconômico e distância geográfica em prol do Evangelho e do Reino”.

A tipologia de Clinton é especialmente útil quando ele define funções apostólicas em um estudo de caso de Tito e Timóteo. Ele resume dizendo:

As funções apostólicas envolvem o trabalho fundamental de expandir o ministério a novas situações. Sem essa expansão, o cristianismo morreria. Os apóstolos exibem fortes dons e forte liderança. Juntamente com essa força vem a fraqueza correspondente da independência. A *interdependência* é necessária — principalmente para prestação de contas. A maior parte dos trabalhadores apostólicos não presta contas pelos seus ministérios e por isso os abusos de poder e heresias, tanto ortodoxas como ortopráticas, acontecem.<sup>14</sup>

Clinton também aponta que trabalhadores apostólicos são indivíduos fortes, orientados a tarefas que com frequência carecem das tão necessárias habilidades relacionais. Eles são construtores. Eles são pioneiros. Eles têm uma paixão pelo que poderia ser e, acompanhado por um dom de fé, eles têm a capacidade de visualização e concretização do futuro contra todas as probabilidades. “Tirem os chapéus para os trabalhadores apostólicos! Eles estão cumprindo a Grande Comissão. Eles querem alcançar o mundo!”<sup>15</sup>

## AS INSTRUÇÕES DE CLINTON

Clinton também oferece ajuda prática no que ele chama das suas “Seis Maiores Instruções” para desenvolver o dom apostólico. Vale a pena repeti-las.<sup>16</sup>

1. *Estude a Bíblia.* Alguém com dom apostólico precisa ser um estudante completo da Bíblia. Você precisa focar especialmente nas passagens que lidam com o trabalho desse dom: as epístolas pastorais, as epístolas às igrejas, passagens de liderança ao longo da Bíblia, e o livro de Atos. Você basicamente precisa saber os limites dentro dos quais você irá operar introduzindo novas obras, nomeando líderes e avaliando a autenticidade das obras. Você precisa estudar todas as funções apostólicas como, por exemplo, a avaliação do cristianismo de Barnabé em Antioquia, a avaliação do conselho de Jerusalém de uma possível heresia, o papel apostólico de Tito em nomear líderes e treiná-los, o papel de Timóteo em corrigir os problemas em Éfeso, etc. Foque particularmente no peso de Paulo em multiplicar igrejas, sua paixão para começar e iniciar novas obras, estabelecer líderes e solucionar problemas.

2. *Estude sodalidades e modalidades.* Você precisa ter um entendimento claro da natureza da igreja juntamente com os seus propósitos, funções e processos de crescimento. Você também precisa ter um entendimento claro da natureza das sodalidades junto com seus propósitos, funções e processos de crescimento. Você precisa entender como essas duas expressões essenciais da igreja se relacionam.

### 3. *Desenvolva suas habilidades de liderança:*

- Como pensar estrategicamente e desenvolver estratégias
- Como planejar e implementar um plano
- Quais habilidades são necessárias para um agente de mudança
- Expertise em estilos de liderança situacional
- Como inspirar e motivar seguidores
- Habilidades de mentoria
- Habilidades organizacionais
- Habilidades de formação de equipes
- Como identificar, desafiar, recrutar e desenvolver líderes emergentes

4. *Habilidades de comunicação.* Dependendo do contexto ministerial específico, você precisa desenvolver as habilidades de comunicação apropriadas para aquela situação. O mais importante é o entendimento de como motivar pessoas através de uma liderança inspiradora.

5. *Aprenda de outros.* Biografias de outros líderes são uma fonte excelente de aprendizagem no que diz respeito a personalidades apostólicas. Tente observar e estudar outros que começaram novas obras e foram pioneiros. Se possível, estabeleça relações de mentoria com pessoas com dons semelhantes.

6. *Desenvolva a sua própria intimidade com Deus.* Aqueles com dons apostólicos precisam de uma medida maior de fé para operar efetivamente. A fé profunda vem de um relacionamento profundo com Deus. Esse tipo de relacionamento deve ser cultivado intencionalmente. Deve haver uma atenção especial em ouvir a voz de Deus, obedecer a essa voz e a demonstração de poder que vem com isso. A autoridade espiritual deve tornar-se a base primária de poder. Lembre-se, a autoridade espiritual é o direito de influenciar conferido sobre um líder pelos seguidores por causa de sua percepção da espiritualidade do líder. É delegado por Deus em sua essência, mas é manifesto através do líder por meio de três elementos:

- Conhecimento experiencial de Deus — Sua personalidade, Seu caráter, meios, propósito;
- Santidade no caráter — os efeitos de conhecer a Deus pessoalmente resultam em um caráter que é divino; e
- O poder que vem do dom — o líder opera no ministério com uma aura e com resultados manifestos do so-



brenatural sobre seu o conjunto de dons (habilidades naturais, habilidades desenvolvidas e dons espirituais).

## **CONFLITOS APOSTÓLICOS**

Das funções listadas em Efésios 4, duas têm o potencial incorporado de serem provocativas e, portanto, serem catalisadoras de conflitos. Profetas, por natureza, são confrontativos. Seja em seus papéis no Antigo Testamento ou no Novo Testamento, aqueles com dom profético irão bater boca com outros. Da mesma forma, aqueles com dons apostólicos podem ser fonte de conflito incessante. É inerente ao seu dom. Como sugere o poema de Robert Service, pessoas assim não estão “contentes com as coisas como estão”. Eles invariavelmente mudam o *status quo* e criam ondas.

Um exemplo bíblico interessante pode ser visto nos eventos de Atos 9:26-31. Mesmo com o apadrinhamento de Barnabé, os seguidores de Jesus em Jerusalém “estavam todos com medo dele [de Paulo], não acreditando que fosse realmente um discípulo” (versículo 26). Isso é compreensível à luz da história de Paulo como líder da perseguição contra os seguidores de Jesus. Ainda assim, essa passagem indica que Paulo alcançou algum nível de credibilidade e que ele “se movia livremente... falando com ousadia em nome do Senhor” (versículo 28). Como resultado, os judeus helênicos tentaram matá-lo. Para remediar a situação, os outros irmãos “o levaram a Cesareia e os enviaram para Tarso” (versículo 30).

Então há um pequeno versículo obscuro em que Lucas diz

o que aconteceu depois que eles conseguiram tirar Paulo, esse provocante líder apostólico, de Jerusalém. “Então a igreja por toda a Judeia, Galileia e Samaria passou por um período de paz” (versículo 31). Interessante — eles se livraram daquele que estava causando todos os problemas e as coisas se acalmaram. Essa dinâmica ilustra bem a relação entre pessoas apostólicas e aqueles dentro de estruturas congregacionais locais.

Ainda que Peter Wagner as chame de “três atitudes peculiares” que líderes apostólicos apresentam, penso que elas são bem normais, eu já as vi várias e várias vezes:

1. Primeiro, eles [líderes de estruturas apostólicas funcionais] pensam que a sua tarefa é a mais importante no Reino de Deus. Eles respeitam o que outros estão fazendo, mas eles experimentaram tamanha urgência no seu chamado que não conseguem imaginar qualquer outro ministério tão importante quanto o deles. É por isso que podem fazer o que fazem com uma paixão que ultrapassa de longe aquela de líderes comuns da estrutura congregacional ou da modalidade.
2. Segundo, eles acreditam que são os únicos fazendo bem aquela tarefa em particular. Poucos dizem isso em público, porque pareceria imodesto de imediato. Eles tratam líderes de sodalidades semelhantes com grande respeito e se referem aos seus trabalhos com uma diplomacia cautelosa. Mas, se eles são bons líderes de sodalidades, eles acreditam em seus corações que a sua metodologia é superior à de

outros, e se eles duvidam por um momento que ela não seja superior, eles darão imediatamente passos para retificar a situação.

As duas atitudes acima, que são precisamente as que são necessárias para excelência em executar a tarefa, geralmente colocam bons líderes de sodalidades em problemas. Eles tendem a irritar os líderes de modalidades e também outros líderes de sodalidades. Quando não fazem isso, eles costumam ser menos eficientes. Mas os líderes de modalidade não devem se deixar irritar por isso, porque eles devem manter uma visão mais ampla e serem aqueles que veem essas atitudes da parte dos líderes de sodalidade como ultimamente úteis ao Reino de Deus.

3. A terceira atitude característica de bons líderes de sodalidades é uma necessidade relativamente baixa por pessoas. Com isso quero dizer que pessoalmente e psicologicamente eles não desejam relacionamentos profundos, de longo prazo, de coração para coração com pessoas fora de sua família imediata. Eles ou sabem conscientemente ou subconscientemente que à medida que eles se tornam mais envolvidos pessoalmente com outros eles podem perder a objetividade requerida para monitorar a sua performance em cumprir a tarefa. É sempre uma tentação tirar os olhos da tarefa e colocá-los nas pessoas. Isso não impede alguns deles de gastar tempo com alguns líderes de gestão intermediária e derramar suas vidas diante deles em uma relação de discipulado. Mas eles só fazem isso quando percebem que facilita a tarefa.<sup>17</sup>

## A BÊNÇÃO DO EQUILÍBRIO

A maior parte das pessoas que conheço com fortes habilidades pastorais e relacionais iria ranger os dentes para a análise de Wagner. Ela parece tão não santificada e longe de ser ideal. Mas, na realidade, é difícil argumentar com ela. É simplesmente a verdade.

Norris é um desses caras. Com o físico de um tanque, ele jogava futebol americano na Universidade do Estado do Arizona e depois teve os seus dias de glória com os Pittsburgh Steelers antes de uma contusão terminar sua carreira no futebol. Depois do 11 de setembro, ele ajudou em um ministério pioneiro no Oriente Médio que hoje resulta em muitos milhares de pessoas se tornando seguidores comprometidos e obedientes de Jesus. Depois de graciosamente fazer a transição para líderes nacionais, ele capitalizou o que aprendeu naquela região volátil do mundo e começou a treinar e a catalisar lideranças de movimentos em lugares com Rússia, Nigéria, Venezuela e África do Sul, tudo isso enquanto plantava cerejas em uma fazenda na parte central do estado de Washington. Ele é o tipo de pessoa que eu nunca gostaria de me deparar em um beco escuro à noite, mas ainda assim seus olhos enchem de lágrimas quando ele descreve os movimentos do Evangelho que estão se multiplicando nesses contextos culturais tão diversos.

Conheço muitos líderes apostólicos — sendo Norris um deles — que são criticados regularmente por apresentar esses fortes traços de liderança. Eu também fui alvo da mesma resposta. Garanto que parte do montante pode ser justificado.

Todo dom espiritual deve ser colocado sob o controle do Espírito de Deus e está sujeito ao processo de aperfeiçoamento de Deus na vida de cada um. Mas a igreja precisa desesperadamente dessas pessoas apostólicas para que o impulso para catalisar e sustentar movimentos do Evangelho tenha alguma chance de sucesso.

Ao mesmo tempo, esses líderes apostólicos precisam desesperadamente de outros com dons complementares a seu lado. Por exemplo, muitos líderes apostólicos podem ser um desastre administrativamente. Eles precisam daqueles com o dom para lidar com os detalhes e garantir que o dinheiro seja bem gasto e que a visão seja sustentada com inquestionável integridade.

Minha esposa — com seus dons de misericórdia e compaixão — é muito apreciada quando ela ministra em conjunto com outros que têm as tendências linha-dura que vem com o dom apostólico. A piada interna entre aqueles que trabalham comigo é que “Sam aflige os acomodados e Patty conforta os aflitos!”. Da mesma forma, Deus com frequência considerou adequado colocar outros ao meu redor que poderiam complementar quem sou e preencher as lacunas na minha liderança que vêm das limitações do meu próprio dom. Para mim, isso frequentemente significa ter pessoas com dons pastorais ao meu lado. Eles são aqueles que amaciam as minhas pontas afiadas e trazem o contrapeso relacional para a minha energia e determinação.

Então, se você é uma dessas pessoas com dom apostólico, sinta-se encorajado. Você tem um papel importante e vital a desempenhar. Encontre a sua onda e “deixe a sua marca”, como admoesta Robert Service. E se você assim o fizer, que Deus te coloque lado a lado com aqueles que podem refinar, complementar e acelerar a sua contribuição única ao Rei e ao Seu Reino.

## CAPÍTULO 5

# Descontentamento Santo e Ambição Santificada

### O imperativo apostólico de Efésios 4

*Quando consideramos as promessas descaradas de recompensa e a natureza estarrecedora das recompensas prometidas nos Evangelhos, parece que nosso Senhor vê nossos desejos como fracos demais e não fortes demais.*

C.S. Lewis, em *O Peso da Glória*

*“Paixão apostólica”, portanto, é uma decisão deliberada e intencional de viver pela adoração a Jesus nas nações. Tem a ver com se comprometer a ponto de arriscar a sua própria vida para espalhar a Sua glória. É a qualidade daqueles que queimam por Jesus, que sonham por uma Terra inteira coberta com a Glória do Senhor.*

Floyd McClung, em *Apostolic Passion* [Paixão Apostólica]

*Deixe os outros reclamarem que os tempos são maus. Eu reclamo que eles são miseráveis, porque não têm paixão.*

Søren Kierkegaard, em *Ou-Ou: Um Fragmento de Vida*

Uma das chaves para mobilizar pessoas com chamado apostólico é identificar aqueles com descontentamento santo. Geralmente, considero uma perda de tempo tentar motivar o desmotivado em prol do ministério apostólico. Se alguém precisa ser motivado, então muito provavelmente o dom e o chamado apostólico não fazem parte do seu conjunto de dons.

Encontro com frequência o descontentamento santo entre os pouco desafiados, aqueles presos em uma função de manutenção em uma igreja local existente ou em um contexto ministerial que não se encaixa com os seus dons e paixão. Eu já estive frente a frente com incontáveis líderes jovens que foram educados em excesso, pouco desafiados, e que estão andando em círculos em becos ministeriais sem saída, muitos com dons apostólicos latentes apenas esperando por uma válvula de escape.

A segunda chave que procuro é a ambição santificada. No mundo cristão, frequentemente consideramos alguém com ambição como suspeito. Há algo secular ou mundano sobre a ambição que nos afeta do jeito errado. Nos acostumamos a equipará-la com falta de humildade ou inaptidão para depender de Deus. Mas, quando santificada, a ambição pode ser uma coisa boa e maravilhosa. Ela é necessária para a saúde e vitalidade do movimento cristão.

Infelizmente, muitos líderes altamente capacitados são reprimidos por causa do medo que outras pessoas têm de um visionário. William Carey, o pai das missões modernas, foi



desencorajado inúmeras vezes e colocado em seu lugar pelas autoridades eclesiásticas de seu tempo quando ele tentou reacender um fogo missionário na igreja inglesa. O seu famoso ditado “espere grandes coisas de Deus, tente grandes coisas para Deus” exala essa ambição santificada. Ou considere Hudson Taylor da Missão Para o Interior da China, que disse “Existem três estágios para cada grande obra de Deus: primeiro é impossível, depois é difícil, depois está feita”.

Líderes jovens são especialmente suscetíveis à desqualificação neste ponto crucial. Muitos têm os seus espíritos refreados por líderes mais velhos bem-intencionados que simplesmente não conseguem lidar com a paixão desenfreada da nova geração. Um modelo excepcional de líder que *não* foi intimidado pela paixão apostólica é Barnabé no livro de Atos. Se não fosse por Barnabé, nós nunca teríamos tido Paulo.

Quando eu estava com meus vinte anos, um líder mais velho me chamou à parte e me pediu para fazer um estudo das Escrituras sobre como Barnabé recrutou e treinou Paulo. Em outras palavras, como o “filho do encorajamento” encurralou e desenvolveu um líder muito mais apostólico e carismático que eventualmente iria superá-lo em influência e liderança? Era um estudo de caso fascinante. Me inspirei nessas lições muitas vezes nos anos seguintes quando trabalhei com jovens líderes apaixonados que tinham o potencial de ser os William Carey's ou Hudson Taylor's de sua geração.

Sem dúvida a chave em qualquer época ou contexto para fazer tanto o descontentamento quanto a ambição palatáveis é a santificação de ambos pelo Espírito de Deus. Uma vontade assim dada por Deus deve ser santificada ou se tornará destrutiva. Mas isso não é diferente de nenhum outro dom espiritual.

Eu gostaria de ter conhecido e entendido essas lições mais cedo, do que tê-las aprendido de um jeito muito mais difícil. Pessoas apostólicas podem ser muito cabeça-dura — é parte do que as faz resilientes e as permite perseverar. Na minha própria jornada, uma variedade de fatores foram necessários para me formar e moldar — um processo que continua acontecendo.

Tive mentores pacientes e compreensivos. Entrei para uma estrutura apostólica (uma organização missionária) com meus vinte e poucos anos que me proporcionou um forte senso de comunidade, disciplina e visão. Fui incubado como um seguidor, o que é um pré-requisito indispensável para liderança. Fui encorajado a sonhar e a imaginar com Deus o que *poderia vir a ser*. Fui fundamentado na Bíblia e em disciplinas espirituais básicas que têm durado a vida inteira. Eu era membro de equipes nas quais os colegas corrigiam, admoestavam e refinavam o meu caráter. E o mais importante de tudo, eu estava imerso e envolvido em um ambiente no qual a intimidade com Jesus e a obediência ao seu chamado eram as prioridades mais altas.

Uma das ambições da minha vida é proporcionar experiências como essa para outros, quiçá melhor desenhadas por causa dos meus próprios fracassos. Por exemplo, criei secretamente uma vaga para um “assistente de ministério” que poderia trabalhar comigo e me acompanhar onde quer que eu fosse. Percebi que para líderes mais jovens, mais coisas são captadas do que ensinadas, e consigo transferir mais para a vida de alguém a trinta mil pés de altitude do que em uma sala de aula. Esses assistentes de ministério têm a oportunidade de ver dezenas de países e ministérios transculturais e experimentar a vida apostólica e missionária de dentro. Foi um dos meus processos mais eficientes para passar o bastão para a geração emergente.

Creio que pessoas com um senso de dom e chamado apostólicos simplesmente sabem disso. Queima em seu interior. Precisa ser colocado para fora: para serem abençoados e libertados. Me sinto muito realizado de ser parte desse processo, porque sei que no fim das contas esses homens e mulheres são a chave para tornar o nome de Jesus conhecido entre as nações.

#### **EFÉSIOS 4**

A taxonomia de Efésios 4 é uma planta-baixa necessária para a saúde e maturidade da igreja em todas as suas formas. A igreja precisa de cada um desses referidos nessa passagem — Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres (APEPM) — sendo presentes e ativos. É um fato exegético e experiencial que me recuso a debater. A passagem inteira — do versículo 1 ao 16 — tem aplicação universal.

Até onde podemos discernir, é simplesmente impossível ser a igreja que Jesus intencionou se três (APE) dos cinco ministérios constituintes forem removidos. De acordo com o ensinamento explícito de Efésios 4:1-16, isso não pode ser feito. Mas, na verdade, isso tem sido feito, e as trágicas consequências têm sido demonstradas dramaticamente na e através da história da igreja cristã durante os últimos dezessete séculos... Cada vez que parecemos desenvolver alguma semelhança ao movimento e colocar a rocha missionária no topo da ladeira, ela rola de volta, e começa de novo o próximo ciclo de esforços aparentemente inúteis. Raramente (e talvez nunca) paramos para corrigir nossas más interpretações nesse ponto.<sup>1</sup>

Ao longo da história houve falsos argumentos teológicos usados para riscar as funções de A, de P, e às vezes do E. Mas creio que uma das razões principais para a falta de entendimento e aplicação do APEPM em sua totalidade na igreja como um todo é a estrutura. Sem as estruturas necessárias nas quais esses diversos papéis podem prosperar adequadamente, a tipologia está fadada ao fracasso. Tentar encaixar pessoas com dons apostólicos apenas em expressões de igreja local está destinado a resultar na frustração que Hirsch e Catchim descrevem.

Isso quer dizer que o nosso entendimento básico do que a igreja é deve ser expansivo o bastante para não limitar o APEPM para a igreja em sua forma local. Se acreditamos que o APEPM pode apenas — ou deve — ser inteiramente expres-

sado nas expressões de igreja local, congregacional e paroquial, isto é, em modalidades, então apenas continuaremos esse ciclo de expectativas frustradas que se repetiu inúmeras vezes ao longo da história. A rocha missionária continuará descendo a ladeira. É simplesmente irrealista esperar expressões completas dessa tipologia existindo em modalidades. Não é bem assim que acontece. A razão fundamental é que não podemos colocar pessoas de segunda decisão em estruturas para pessoas de primeira decisão. Apesar do compreensível desejo de alguns pastores e líderes de igreja local de ter tudo sob a sua tutela, esse controle produz resultados missionários limitados.

Então, como a tipologia APEPM tem a ver com estrutura? Especificamente, como a APEPM se encaixa com o paradigma de duas estruturas que os missiologistas defendem? Primeiro, precisamos perceber que todos esses papéis podem funcionar e funcionam em modalidades. Mas cada um deles também pode ser expressado em uma estrutura de sodalidade. Então, ainda que seja uma dinâmica de “ambos/e”, as proporções de como os dons são expressados em cada componente estrutural variam.

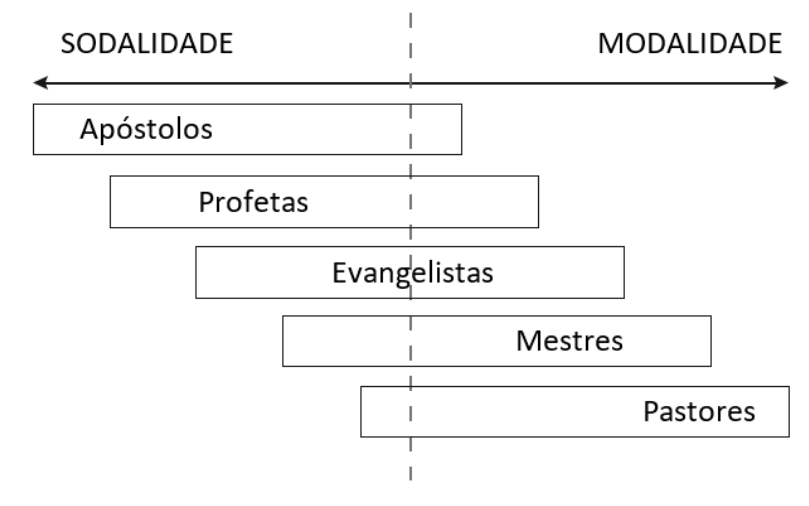


Figura 5.1

Esse diagrama não é inalterável, mas ele ajuda a ilustrar que alguns desses dons serão proporcionalmente realizados mais efetivamente em sodalidades. Outros papéis, mais na parte direita do diagrama, serão mais efetivamente expressos em modalidades. Essa é uma tecnicidade importante. O que estou chamado de “estruturas apostólicas” nesse livro são sodalidades lideradas por pessoas apostólicas que acomodam de forma única o dom daqueles na parte esquerda do diagrama.

### **APEPM EM MODALIDADES E SODALIDADES**

Quando a APEPM funciona em modalidades, esses dons e pessoas com os dons terão certas características distintas:

- Modalidades são estruturas generalistas. Portanto, esses dons e funções serão exercidos amplamente, de forma não seletiva e para grupos grandes de pessoas.
- As fronteiras e o escopo da APEPM operando em modalidades é mais eficiente para a “vizinhança”.
- Quando os dons APEPM são vividos em modalidades, o ministério é executado predominantemente por pessoas de primeira decisão.

Quando a APEPM funciona em sodalidades, esses dons e as pessoas com eles terão um conjunto diferente de características:

- Sodality são estruturas especialistas. Portanto, o exercício desses dons terá uma única tarefa e um senso estrito de chamado. Os dons serão exercidos intensamente, já que a sodality tem o luxo do foco.
- As barreiras e o escopo da APEPM operando em sodalidades podem ser maiores, porque as sodalidades são estruturadas para cruzarem barreiras culturais, sociais e geográficas.
- Quando as funções APEPM são vividas em sodalidades, o ministério é executado primariamente por pessoas de segunda decisão. Essa distinção sociológica não pode ser subestimada.

Vamos considerar alguns exemplos. Um mestre pode certamente encontrar espaço para exercer o seu dom no contexto da igreja local. Muitos de nós conhecemos tentativas de pastores de agregar um forte ministério de ensino em seu contexto de igreja local. Ao longo dos séculos, igrejas locais frequentemente apresentam um desconforto em relação ao ensino formal e superior, temendo que as instituições educacionais estejam de alguma forma cooptando funções que estariam melhor colocadas no contexto da igreja local.

Porém, existem aqueles para quem o ensino tem um atrativo tão forte que eles precisam fazer o pulo vocacional — uma segunda decisão — para estar em uma estrutura ministerial com outros que fizeram um compromisso vocacional semelhante, e na qual o seu chamado em comum como mestres pode ser mais inteiramente expresso. É assim que conseguimos escolas, faculdades e universidades. É impossível que mesmo a melhor e maior igreja local possa duplicar ou se aproximar da qualidade dessas instituições puramente educacionais. Essas instituições são, na verdade, sodalidades educacionais. Essa é uma realidade sociológica. Elas são sodalidades nas quais fortes dons de ensino têm o potencial de florescer, mesmo que instituições educacionais lidem com as suas próprias dificuldades com a inércia institucional.

O dom profético pode e deve ser exercido em qualquer expressão de igreja local. Mas quando essa função profética assume um escopo mais abrangente do que a “vizinhança”, e aqueles que o exercitam fazem uma escolha vocacional como



pessoas de segunda decisão, o dom é melhor vivenciado em uma sodalidade. Por exemplo, aqueles chamados para servir vocacionalmente na International Justice Mission (IJM), sediada em Washington, DC, vivem um ministério profético claro em sodalidade. Como uma das principais agências de direitos humanos, a IJM resgata vítimas da escravidão, exploração sexual e outras formas de opressão violenta e trabalha com oficiais locais ao redor do mundo para garantir que os sistemas públicos de justiça protejam as vítimas de injustiça.

Isso significa que igrejas locais não deveriam se preocupar ou comprometer com a justiça social ou com as questões de tráfico humano ou perseguição religiosa? É claro que não. Mas não há nenhuma igreja local — ou mesmo megaigreja — que possa chegar perto de se equiparar a expertise e foco da International Justice Mission (IJM). A tarefa singular da IJM, a expertise da sua equipe e o escopo global de seu trabalho estão muito além do alcance de qualquer expressão local de modalidade. É como a história de Diane no capítulo quatro. É necessário uma estrutura com escopo e diversidade que vai além da igreja local para catalisar um ministério entre as prostitutas no Camboja, criar uma clínica de AIDS, criar um trabalho pioneiro entre os pobres na Romênia e liderar equipes missionárias em todo o mundo.

Ou vamos considerar o papel do evangelista na tipologia APEPM. Aqueles com dom de Evangelista devem certamente ser capazes de exercitar o seu dom no contexto de sua própria igreja local, especialmente se o escopo daquele ministério é o

de “vizinhança”. Explorar essa função da APEPM é essencial para qualquer igreja local florescer e ter um impacto redentor.

Mas, quanto mais nos distanciamos daquela expressão local — tanto em cultura, idioma, status socioeconômico ou geografia — mais necessária se torna uma sodalidade. A Associação Evangelística Billy Graham e a Associação Luis Palau são exemplos de sodalidades que têm um foco evangelístico. Semelhantemente, a Cruzada Universitária para Cristo — agora chamada Cru — é uma sodalidade que tem o evangelismo como o seu foco primário. Nenhuma expressão de igreja local ou denominação em qualquer lugar no mundo é capaz de fazer o que a Cru faz, nem em seu foco específico, nem na magnitude de seu impacto, e essa nem seria uma expectativa realista.

Ainda que o meu foco nesse livro seja no aspecto apostólico da tipologia APEPM, um argumento semelhante pode ser feito para cada uma das funções APEPM em Efésios 4. Não é incomum ver pessoas em funções pastorais deixarem suas posições em igrejas locais, começar uma sodalidade e dedicar as suas vidas e ministério a uma obra focada e especializada que leva consigo um aspecto específico da APEPM. Eles talvez precisem ser liberados das demandas gerais de liderar uma modalidade local para focar em seu chamado e trabalhar vocacionalmente lado a lado com outras pessoas de segunda decisão.

## DE LOCAL A SODAL

Aproximadamente 30 por cento daqueles que servem com a CRM chegam até nós depois de trabalhar na equipe de uma igreja local. Isso acontece porque muitos deles perceberam intuitivamente que são pessoas de sodalidades. Eles são pessoas que anseiam pelo compromisso de uma segunda decisão e um lugar no qual a segunda decisão deles possa ser validada e afirmada. Já que os seus dons não podem ser cumpridos adequadamente dentro de uma congregação local, uma expressão diferente — e igualmente legítima — de igreja é necessária para que eles vivenciem o chamado de Deus em suas vidas.

- Bryan tinha sido pastor de jovens por oito anos antes de dar o passo para se tornar missionário. Ele primeiro foi enviado para a Austrália para treinar e desenvolver plantadores de igrejas, mas agora ele vive na América do Norte onde ele é um dos melhores treinadores de plantação de igreja no leste dos Estados Unidos.
- Bill e Jill eram pastores que lutaram valentemente por anos para ver a sua igreja na costa oeste dos Estados Unidos — e a sua denominação como um todo — reconhecer e infundir ministérios de cura física e do sobrenatural. Agora eles mudaram para um papel itinerante e apostólico em uma sodalidade, na qual eles são livres para fazer treinamentos assim amplamente e internacionalmente.

- David passou por vários pastorados no sudeste dos Estados Unidos. Agora ele lidera um time que treina e “pastoreia pastores” em toda América do Norte.
- Depois de irem ao seminário juntos e se casarem, Dave e Kim serviram em um ministério pastoral, mas logo perceberam que não se encaixavam. Eles agora vivem no interior da China e estão levando a frente um robusto ministério de treinamento de liderança que tem resultados de longo alcance em toda a Ásia.

Todos esses são homens e mulheres com dons maravilhosos que só precisavam de um contexto diferente — além da igreja local — no qual prosperar.

### **A FLEXIBILIDADE DA APEPM**

O contínuo na tabela acima (Figura 5.1) é uma generalização, e a tipologia APEPM não é rígida. É possível ter diferentes combinações de dons, como por exemplo, um mestre, que precisa estar em uma estrutura de sodalidade, também pode ter o dom apostólico. Por causa desse dom secundário, essa pessoa provavelmente irá encontrar mais realização em uma tarefa de ensino que seja transcultural, pioneira e radical em suas demandas.

Certamente existem exemplos de pessoas com forte chamado apostólico que escolhem trabalhar dentro e através de expressões de igreja local. Muitos líderes de megaigrejas na América do Norte são pessoas com chamado apostólico que

escolheram usar uma estrutura de igreja local como base para viver seu ministério. Alguns o fazem por causa de suas convicções a respeito da igreja local. Outros o fazem por pragmatismo — eles estão dispostos a sacrificar um pouco de sua liberdade e flexibilidade para ganhar acesso aos recursos do corpo da igreja local, recursos que são inerentemente maiores daqueles que comumente se encontram em sodalidades.

Também, em qualquer boa sodalidade apostólica, há espaço para poucos — não muitos — pastores e mestres. Todo exército precisa de um hospital. Toda equipe de *Navy SEAL's* precisa de um instrutor. Mas ajuda se aqueles com esses dons também tiverem um dom apostólico como um elemento secundário de seu conjunto de dons. Eles precisam, no mínimo, ter uma apreciação de sodalidades apostólicas e como o seu chamado pastoral pode fazer uma contribuição única para elas. Sem isso, essas pessoas podem entrar bastante em conflito. Já vi isso com frequência. Esses são os indivíduos que vêm e vão de papéis em igrejas locais e papéis especializados em ministérios além da igreja, e nunca estão contentes nem em um, nem em outro.

Ainda que eu não estivesse dentro do movimento Vineyard durante as duas últimas décadas do século XX, creio que isso era parte da dinâmica que o líder do movimento, John Wimber, experimentou. Wimber tinha um claro chamado apostólico. Ele transbordava isso. Ele sabiamente iniciou um movimento que tinha todos os tipos de apêndices de sodalidades ao seu redor — Ministério Internacional Vineyard, Vi-

neyard Música e assim vai, e o seu chamado era internacional em seu escopo — muito além de uma única congregação local.

Por outro lado, no fundo ele também era pastor. Ele achava difícil se abster de um envolvimento mão-na-massa no nível local, como um pastor relacionalmente conectado com as pessoas. Então consequentemente ele foi puxado de uma estrutura para a outra no contínuo acima (Figura 5.1). Como alguém que vê de fora, minha observação é que o movimento teve dificuldades em acomodar a esquizofrenia vocacional de Wimber.

Como regra geral, o contínuo na Figura 5.1 permanece verdadeiro. Eu já o vi no Ocidente, em cidades globalizadas em todos os continentes e em áreas rurais e em desenvolvimento nos países emergentes. Abrange também distinções culturais e socioeconômicas.

Também sabemos que APEPM — e em particular as funções APE — podem ser tristemente mal interpretadas e mal enfatizadas na igreja no Ocidente. Gosto do modo como Hirsch e Catchim ilustram esse desequilíbrio com o diagrama a seguir.<sup>2</sup>

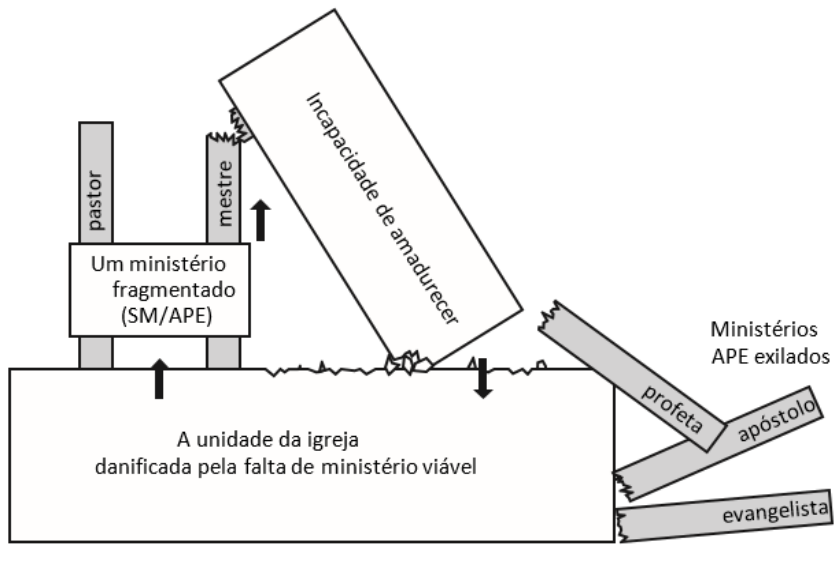


Figura 5.2. De Alan Hirsch e Tim Catchim, *The Permanent Revolution*, San Francisco: Jossey-Bass, 2012, p.17.

Consequentemente, apóstolos, profetas e evangelistas podem não estar bem representados ou utilizados nem em modalidades, nem em sodalidades. Quando isso acontece, toda a igreja é empobrecida.

No que diz respeito aos desavisados, ainda “não ainda” convencidos, ou até mesmo aqueles que nutrem uma antipatia em relação ao ministério quártuplo em geral e ao apostólico em particular, o nosso objetivo não é nada menos do que mudar a sua opinião a respeito da importância deles para a igreja de nossos dias. Não podemos abalar a convicção de que nada menos do que a viabilidade futura da igreja ocidental está de

alguma forma envolvida na revitalização de seu ministério em linhas mais bíblicas.<sup>3</sup>

## LÍDERES APOSTÓLICOS PAULINOS E PETRINOS

Uma útil distinção bíblica pode ser feita entre os dois tipos de líderes apostólicos: Paulino e Petrino. Dick Scoggins os descreve dessa maneira:

O apostolado Paulino é exercido através do pioneirismo, comunidades móveis que iniciam comunidades locais do Reino onde elas ainda não existem... Uma segunda forma de apostolado — o que eu chamaria de apostolado Petrino — também é retratada no Novo Testamento...[e] é muito mais prevalente do que eu imaginava... Há um ministério apostólico para os não alcançados (o Paulino), mas também há um ministério apostólico para o povo de Deus existente (o Petrino).<sup>4</sup>

Scoggins continua fundamentando o seu entendimento do apostolado Petrino em Gálatas 2:8-10, quando Pedro dá legitimidade a Paulo e a Barnabé e ao seu chamado, e Paulo e Barnabé da mesma forma retornam a recomendação reconhecendo o chamado de Pedro (e de Tiago e de João) aos circunscidados, isto é, ao povo de Deus já existente. Hirsch e Catchim também descrevem essa distinção.

Nos equivalentes modernos de ministério apostólico em contextos ocidentais, o Paulino é chamado para estender e estabelecer o cristianismo em novos territórios no Ocidente, enquanto o Petrino é chamado para ajudar a reestruturar



a natureza do cristianismo ocidental. Uma forma, portanto, é primariamente pioneira e transcultural e a outra é inovadora e intracultural.<sup>5</sup>

Enquanto apóstolos Paulinos tendem a cruzar culturas para serem pioneiros em novas comunidades missionais, apóstolos Petrinos tendem a mobilizar comunidades existentes para se tornarem e permanecerem missionais.<sup>6</sup>

Hirsch e Catchim dedicam um capítulo inteiro, chamado “Volte Pedro, Volte Paulo”, a essas duas funções apostólicas. É um panorama excelente, mas existem algumas implicações adicionais a serem tiradas dessa distinção quando aplicadas a estruturas.

Primeiro, quando uma pessoa de sodalidade ministra junto a uma modalidade, o dom apostólico Petrino será provavelmente mais tolerado do que o dom Paulino. Ainda assim, pessoas com dom apostólico Petrino ainda podem ser irritantes. Ainda que o foco do dom Petrino seja a igreja existente e o que “já é”, ao invés do tipo de ministério extremo e fora da caixa típico do dom Paulino, tipos Petrinos podem aparecer estar forçando uma bênção pela goela da igreja local e dos líderes denominacionais. Se as igrejas locais são as beneficiadas pelos esforços Petrinos, líderes congregacionais responsivos serão necessários, com um senso de visão além da igreja local, um entendimento de suas limitações e um desejo de acessar e receber ajuda externa. Sensibilidade e maturidade também serão necessárias daqueles exercendo apostolado Petrino.

Segundo, congregações locais vibrantes devem sempre estar procurando recrutar e incluir bons líderes Petrinos internamente. O desafio para esses líderes Petrinos surge quando eles se tornam membros internos da modalidade. Se eles são financeiramente dependentes dela, correm o risco de serem cooptados pelo sistema. Liberdade pode ser trocada por segurança.

Eu recentemente me encontrei com Matt, um jovem líder com habilidades apostólicas Petrinas muito óbvias. Ele está atualmente trabalhando para uma organização missionária — uma sodalidade apostólica — e está sendo ativamente cortejado por uma megagreja na nossa região para ocupar uma posição na equipe pastoral. Inicialmente, o trabalho era atraente para ele. Matt tem uma família jovem e a megagreja oferece um salário estável. No papel, parecia desafiador o bastante e parecia um bom encaixe para o seus dons e senso de chamado.

Mas durante o processo de cortejo as coisas começaram a mudar. A posição começou a mudar quase semanalmente e, cada vez que ela era alterada, a natureza apostólica do trabalho diminuía um pouco. Ela erodiu lentamente até se tornar uma posição de manutenção, ministrar para membros existentes da igreja com pouco ou nenhum foco missionário. O medo de Matt era que uma vez que ele entrasse, ele fosse consumido por demandas pastorais e qualquer impulso apostólico seria comprometido e controlado. Então Matt declinou o trabalho, percebendo que a sua contribuição para aquela congregação poderia ser melhor feita servindo a igreja lado a lado, ao invés de dentro dela.

Quando serve lado a lado, ao invés de servir de dentro, uma modalidade tem vantagens distintas e pode contribuir para uma dinâmica mais saudável na qual a presença apostólica pode ser mais efetiva. Ser alguém de fora pode liberar apóstolos Petrinos para falar mais profeticamente e honestamente do que se eles estivessem do lado de dentro e, conseqüentemente, eles podem exercer um grau maior de influência.

A equipe ReTurn da CRM é composta de pessoas maduras e experientes com dons apostólicos Petrinos que focam em igrejas e congregações em apuros — igrejas que estão em estado de emergência e precisam de intervenção ou morrerão. E se elas morrerem, a equipe ReTurn sabe como ajudá-las a morrer com dignidade.

A nossa equipe ReTurn é treinada para atender essas igrejas em crise e, como Paulo escreveu a Tito, “colocar em ordem o que foi deixado inacabado” (Tito 1:5). Eles assim o fizeram com sucesso em uma congregação atrás da outra. Uma das chaves para a sua efetividade foi a escolha de permanecer formalmente lado a lado das igrejas que eles servem e não ser financeiramente dependente delas. Isso os permite ser agentes de mudança mais honestos.

Terceiro, aqueles com chamado apostólico Paulino precisam de estruturas designadas para trabalhar e ministrar através de barreiras culturais, linguísticas, socioeconômicas e geográficas — isto é, estruturas que são missionárias por natureza. Trabalhar internacionalmente ou transculturalmente traz

uma quantidade enorme de desafios adicionais no mundo contemporâneo, o que requer entidades unicamente designadas para lidar com eles.

## **COMBINANDO PEDRO, PAULO E JOÃO**

Podem haver combinações de ministérios apostólicos Paulino e Petrinos. Por exemplo, existem pessoas com dons apostólicos Paulinos que viverão e trabalharam transculturalmente, mesmo que a sua função naquele contexto transcultural seja mais Petrina. Temos inúmeros missionários servindo com a nossa organização que trabalham para fortalecer igrejas existentes em cenários transculturais. Eles não estão necessariamente sendo pioneiros em novos territórios do modo Paulino.

Jim Creasman fez isso por anos. Depois de viver e aprender o idioma no interior da China, Jim e a sua família se mudaram para Cingapura. De lá, ele iniciou um ministério de mentoria e treinamento entre pastores e líderes de igrejas que fez uma contribuição substancial para o movimento cristão em inúmeras nações por todo o Sudeste Asiático. Ou considere Brad Braker, que em seus vinte anos se mudou dos Estados Unidos para a Hungria enquanto o Leste Europeu ainda estava de baixo do comunismo. Hoje, ele é um estadista missionário, fluente no idioma, e tem um ministério altamente alavancado entre múltiplas igrejas húngaras que emergiram desse capítulo sombrio do século XX.

Eu posso apontar muitos outros homens e mulheres como Jim e Brad, em dezenas de países, que têm habilidades trans-

culturais e conseguem se mover tranquilamente através de barreiras sociais, linguísticas e culturais em prol da missão, mas cujo foco é Petrino em sua natureza, ministrando incansavelmente lado a lado e entre igrejas locais existentes.

Interessantemente, houve algumas discussões entre misiólogistas sobre uma terceira função apostólica, chamado Joanina (o nome faz referência ao apóstolo João). Ainda que a evidência bíblica seja menos convincente e mais especulativa, a distinção é intrigante. As pessoas com dom apostólico Joanino são aqueles indivíduos altamente relacionais que se sobressaem em amar e cuidar de outros. Porém, eles com frequência tem uma aversão embutida à estrutura e pouco senso organizacional ou estratégico. Eles se desprendem em colmeias quando a liderança inspiradora ou orientada a tarefas supera a relacional. Mas eles amam as pessoas intensamente e trazem equilíbrio e coração para o ministério.

Por exemplo, na CRM temos um time especializado — o nosso SDCT (Equipe de Desenvolvimento e Cuidado) — com uma dezena de pessoas comprometidas com o desenvolvimento, cuidado e nutrição dos nossos colaboradores ao redor do mundo. O nosso SDCT inclui terapeutas, conselheiros, diretores espirituais e assim por diante, todos os quais são altamente relacionais e profissionalmente capacitados. É cheio de pessoas com habilidades apostólicas Joaninas. Com a enorme quantidade de apóstolos ao redor do mundo, queremos minimizar as baixas. Dirigir o nosso pessoal é um valor altamente estimado, e essa equipe é designada para fazer isso. O valor deles é inestimável.

Outro lugar no qual o exercício forte do dom apostólico Joanino aparece são nas sodalidades focadas em ministérios de misericórdia. Eu suspeito que isso seja verdade para as Irmãs de Misericórdia de Madre Teresa, uma sodalidade na qual há uma combinação de fortes dons apostólicos e misericórdia. Existem muitas agências de socorro e desenvolvimento nas quais o chamado apostólico Joanino pode florescer.

O padrão normal é que os apóstolos Paulinos, Petrinos e Joaninos gravitem em direção às estruturas de sodalidade que refletem essas distinções particulares. Porém, duas ou todas as três dessas funções podem existir sob o guarda-chuva da mesma sodalidade apostólica. E se assim for, podem existir tensões, não muito diferentes daquelas que aconteceram entre Paulo e Pedro ou Paulo e Barnabé.

Quando esses três tipos de pessoas com dom apostólico coexistem na mesma entidade, eles podem trazer forças muito necessárias para a liderança organizacional. Por exemplo, aqueles com dom apostólico Paulino irão tender a ser mais radicais. Eles irão forçar a estrutura a permanecer focada em sua tarefa e a ultrapassar os limites de chamado, mantendo todos nas margens e empurrando para as fronteiras.

Aqueles com dons Petrinos irão consolidar, construir infraestrutura e aumentar a capacidade apostólica. E aqueles com dom Joanino irão contribuir para a qualidade da vida em comunhão e, portanto, para a qualidade do ministério que está sendo multiplicado pelo mundo. Todos exercem um papel importante.

## VIVENDO NO LIMITE

Como clássicas pessoas radicais, apóstolos estão na linha de frente da extensão do Cristianismo em novos contextos. Como semeadores do DNA do povo de Deus, eles estão diretamente associados com a missão da igreja e estão empenhados em garantir que a mensagem seja transmitida de uma cultura para a outra. Eles têm que ser inovadores e empreendedores, porque o que funciona em um contexto não necessariamente funcionará em outro... o ministério missionário da pessoa apostólica é vital não apenas para a extensão do cristianismo em novos territórios, mas também para manter a saúde da base.<sup>7</sup>

Como descrevi no começo do capítulo dois, eu estive na costa de Iona, a ilha na costa oeste da Escócia da qual muitos missionários se dispersaram para evangelizar toda o país e muitos outros países da Europa Ocidental. Fundada por São Columba em 563 d.C., a abadia em Iona foi uma força missionária catalítica nas ilhas britânicas por séculos, exalando paixão, fervor e grande poder espiritual.

Lendo nas entrelinhas dos relatos históricos, como o *The Life of St. Columba* [A vida de São Columba], de Adomnán, fica claro que Columba operava com chamado e autoridade apostólicas.<sup>8</sup> Ele também demonstrava um dom profético e se movia confortavelmente pelo reino sobrenatural, seja através de curas, lidando com demônios ou discernindo a presença de anjos.

Columba tinha a mensagem, ele tinha os meios e ele masterizou as mecânicas do ministério apostólico. E com o seu grupo de peregrinos celtas, ele teve a necessidade de uma estrutura apostólica. Hoje a cultura mais ampla na Grã-Bretanha e de toda a Europa está madura para um renascer de tal fervor apostólico.

Já conheci e trabalhei com Columbas dos dias de hoje em cenários urbanos como Londres e Glasgow. Vi equipes de missionários contemporâneos parecidos com os celtas e comprometidos com a evangelização da Grã-Bretanha. Essas equipes apostólicas são notavelmente semelhantes em valores e filosofia de ministério de seus irmãos e irmãs de quinze séculos atrás. Vi jovens crentes britânicos serem cativados pela convincente visão dessas equipes e reconquistarem a sua motivação para um evangelismo e discipulado eficazes no meio da pós-modernidade secular.

Que Deus multiplique apóstolos em nosso tempo no molde de São Columba na Escócia, São Patrício na Irlanda e Aidan na Inglaterra e ao redor do mundo e além da igreja local, e que os seus movimentos proliferem. Que o Espírito de Deus libere multidões daqueles com descontentamento santo e ambição santificada para viver mais inteiramente a rica diversidade de Efésios 4, e através deles levar a igreja desta geração “de volta aos monges”.



## CAPÍTULO 6

# Liberando visionários

O pioneiro como um empreendedor de segunda  
decisão

*O sodal é distintivamente vocacional; um chamado que será  
testado por outros, e que nesse sentido é exclusivo. Nem todo  
mundo pode ou deveria entrar.*

*George Lings em “Why Modality and Sodality Thinking Is Vital  
to Understand Future Church” [Por que o Conceito de Sodalidade e  
Modalidade é Vital para Entender a Igreja do Futuro]*

*Os jesuítas levam a reputação de serem comandos clericais.  
No exército americano, um Green Beret (“Boina Verde”) não  
pode ultrapassar a patente de um coronel. Isso porque os  
homens treinados para trabalhar por conta própria como  
combatentes não se encaixam bem no sistema de comando e  
controle do Exército. A Igreja Católica teve uma conclusão  
semelhante sobre a ordem que Ignácio de Loyola fundou  
em 1534. O que os faz testemunhas criativas e eficientes nas  
fronteiras do cristianismo geralmente não é o que é necessário  
para a administração diária da igreja institucional.*

R. R. Reno

Vi pela primeira vez uma versão impressa da pintura *The Missionary's Adventures* [“As Aventuras do Missionário”, pendurada na Escola de Missões Mundiais no Seminário Teológico Fuller. Fiquei intrigado, então pesquisei sobre ela e descobri que a original estava no Museu Metropolitano de Arte na cidade de Nova York. Pintado por Jehan Georges Vibert (1840-1902), ela é uma representação visual poderosa da dinâmica entre pessoas apostólicas e estruturas eclesiológicas indiferentes.



Figura 6.1. *As Aventuras do Missionário*, Jehan Georges Vibert, CC0, via Wikimedia Commons

O cenário é opulento. No centro, inclinando-se para a conversa, está um frade. Sabemos quem ele é pelo jeito que ele está vestido. Ele está apontando para cicatrizes em suas mãos, provavelmente recebidas durante uma jornada missionária qualquer da qual ele acaba de retornar. Dois dos cardeais não estão nem ouvindo, mas conversando em paralelo. Os outros estão olhando céticos ou desinteressados e o rotundo bispo bem à direita está pegando os refrescos disponíveis no conjunto de chá de prata.

A pintura transborda ironia. No canto direito, um cachorro está sentado em suas patas traseiras, implorando por migalhas da mesa de seu mestre, uma forte imagem bíblica que traz à mente as palavras de Jesus sobre cães comendo migalhas de uma mesa. A cena inteira acontece sob o olhar de outra pintura, que não poderia ser mais pungente. Ainda que difícil de ver, na parede à esquerda está pendura a famosa pintura de José de Ribera *O Martírio de São Bartolomeu*, a qual ilustra a tortura e a execução do apóstolo Bartolomeu. O contraste entre aquela realidade e o luxo sufocante do cenário não poderia ser mais marcante.

O contraste entre a modalidade que se perdeu de seu caminho e da solidariedade falando profeticamente para os poderes eclesiásticos é como a picada de uma formiga. Está carregada de significados. Lembro-me da famosa história do papa dando um tour pelo Vaticano a São Tomás de Aquino. O papa disse a Aquino, “É óbvio que a igreja não pode mais dizer, ‘Ouro e prata não temos mais’”, ao que Aquino supostamente retrucou, “Nem pode dizer, ‘Em nome de Jesus, levanta-te e anda’”.

## A DISTINTIVA DA SEGUNDA DECISÃO

Talvez um dos fatores mais significativos de distinção entre sodalidades e modalidades é o de que sodalidades são feitas por pessoas de segunda decisão. Pessoas de primeira decisão são aquelas que fazem a decisão de seguir a Jesus e fazem parte de alguma forma da igreja local — uma modalidade. Pessoas de segunda decisão são aquelas que fazem um compromisso vocacional adicional para um ministério especializado, o qual é feito por pessoas como eles que fizeram escolhas vocacionais parecidas.

Essa distinção sociológica entre pessoas de primeira e segunda decisão permite às sodalidades fazerem três coisas únicas. Primeiro, elas podem reforçar a disciplina. É difícil imaginar a disciplina em uma igreja local sendo exercida da forma prescrita por São Bento na famosa *Regra de São Bento*, um dos modelos para ordens em toda a tradição monástica. Ainda que Bento admoeste àqueles servido como abades a serem santos e a liderar como amor e serenidade, ele também os empoderou para exercer disciplina com mão firme sobre aqueles sob seu comando. No capítulo dois ele escreve, “Mas àqueles que forem vis ou teimosos, arrogantes ou desobedientes, ele [o abade] pode refrear apenas por golpes ou alguma outra forma de punição física na primeira ofensa. Está escrito, ‘O tolo não pode ser corrigido com palavras’, e outra vez ‘Discipline a seu filho com a vara e você irá liberar a sua alma da morte’”.<sup>1</sup>

Segundo, sodalidades têm a autoridade de mover pessoas para dentro e para fora. Como a segunda decisão é uma es-

colha vocacional, as sodalidades têm a vantagem de reforçar a disciplina colocando pessoas para fora. Se um monge ou uma freira não vivem de acordo com as regras comuns, ela ou ele podem ser dispensados. Se um membro da Young Life, um missionário da YWAM ou um tradutor na Instituição Wycliffe de Tradutores Bíblicos exibem comportamento inconsistente com os valores, crenças ou expectativas do ministério, a organização pode mandá-los embora.

Terceiro, sodalidades podem manter um longo e vibrante ciclo de vida organizacional. Em seu estudo dos ciclos de renovação em organizações, J. Robert Clinton estima que o ciclo de vida típico em uma igreja no mundo ocidental é de cinco gerações, antes que o nominalismo ou a apostasia se instalem.<sup>2</sup> Pode ser difícil — como qualquer um que já esteve envolvido na disciplina da igreja no contexto de uma igreja local local pode atestar — manter os padrões com voluntários. Sodalidades, por outro lado, não são feitas de voluntários, o que é uma diferença inerente entre compromissos de primeira e segunda decisão. É mais fácil reforçar a disciplina e portanto sodalidades conseguem manter a sua vitalidade por muito mais tempo.

## UMA DECISÃO VOCACIONAL

Sodalidades oferecem um lugar *vocacional* para pessoas com um chamado de segunda decisão poderem viver e ministrar com pessoas com chamados parecidos. “Há também uma diferença nos padrões de ingresso; o modal tende ao auto-inclusivo; você entra se você quiser. O sodal é distin-

tivamente vocacional, um chamado que será testado por outros e, nesse sentido, é exclusivo. Nem todo mundo pode ou deveria entrar”.<sup>3</sup>

Isso pode ser problemático para aqueles que não estão empenhados nas pessoas em ministérios profissionais ou vocacionais que defendem de forma não crítica o sacerdócio de todos os crentes, um dos mantras fundacionais da Reforma Protestante. Acreditar que estamos (ou deveríamos estar) em uma nova “era do leigo” é uma perspectiva que periodicamente toma o movimento cristão como um todo. Mas se olharmos de perto, não deveria haver conflito entre esses valores e o chamado de segunda decisão devidamente compreendido. Ambos são necessários e complementares.

O conceito de pessoas separadas para o ministério vocacional é claramente evidente nas Escrituras. Os Levitas eram a classe sacerdotal e eram separados especificamente para o ministério em Israel. O mesmo acontecia com os profetas. O mesmo também pode se dizer daqueles que ministraram ao longo do Antigo Testamento, descritos no capítulo um. Esse padrão continua no Novo Testamento.

Ainda que Jesus tenha trabalhado inicialmente em um negócio, seu ministério público, que começou quando ele tinha 30 anos, foi uma vocação de tempo integral, e ele e os seus discípulos viviam da generosidade e doações de outros. É difícil argumentar com as claras passagens nas epístolas de Paulo (1 Coríntios 9, 2 Coríntios 8-9) que descrevem e justificam

peças que são chamadas para um ministério vocacional. É uma afirmação forte que “o Senhor ordenou que aos que pregam o Evangelho, que vivam do Evangelho” (1 Coríntios 9:14).

A postura de viver e trabalhar vocacionalmente não está limitada àqueles que pastoreiam igrejas locais. Como explica Paulo, aqueles que entraram em um ministério apostólico ou sodalidade são recipientes igualmente válidos das doações das pessoas. Vemos isso na Escritura. Também é uma dedução lógica, se abraçarmos a realidade de que as sodalidades são tão parte da igreja quanto as modalidades.

## **FINANCIANDO TRABALHADORES APOSTÓLICOS**

A arrecadação de fundos é um dos meios primários que Deus designou para apoiar o trabalho daqueles chamados para ministrar em sodalidades apostólicas. Existem alguns livros excelentes disponíveis sobre o assunto. O *Funding Your Ministry* [Financiando o Seu Ministério] de Scott Morton é um bom recurso, junto com o *Viewpoints* [Pontos de Vista] e o *The God Ask* [O Pedido Divino], de Steve Shadrach.<sup>4</sup> Você pode encontrar mais no site [cmmmpress.org](http://cmmmpress.org). Alguns dos princípios do apoio financeiro incluem:

1. O nosso dar não deveria estar limitado ou relegado à igreja em sua forma local.
2. Dar às igrejas locais não têm prioridade sobre a doação

às sodalidades. Não deveria haver diferença. A igreja local não recebe os “dízimos”, enquanto as sodalidades recebem as “ofertas”. Tem a ver — de novo — com a nossa definição de *igreja*. Se a nossa definição inclui ambas modalidades e sodalidades, então ambas são recipientes dignos da nossa administração.

3. A admoestação bíblica a respeito das nossas prioridades é dar primeiro aos ministérios que nos ministram pessoalmente (Gálatas 6:6). Eles podem ser tanto modalidades, quanto sodalidades.

## VIVENDO DO “SUPORTE”

Aprecio a observação de Michael Frost e Alan Hirsch sobre o financiamento para o ministério no mundo contemporâneo quando eles escrevem “o suporte à missão... é o sistema de apoio do futuro... A sustentabilidade e o crescimento orgânico estão em risco.”<sup>5</sup>

Minha esposa, Patty, e eu vivemos do suporte durante quatro décadas, o que quer dizer que levantamos os fundos necessários para o nosso salário, despesas e benefícios através das generosas doações de amigos, família e igrejas e outros entre os quais ministramos. Recentemente escrevi sobre isso para os nossos amigos e colegas que servem conosco ao redor do mundo. “Certamente houve altos e baixos — tempos de abundância e tempos de necessidade (Filipenses 4:11-12). Ainda que nunca tenhamos falhado em ver a fidelidade de Deus em suprir as nossas necessidades, houve temporadas em que a fadiga financeira se instalou”.



Já ouvi desculpas e justificações que argumentam que esse tipo de apoio financeiro é passado, e eu já inventei as minhas às vezes, quando a corda apertou no pescoço. Mas a validade desse paradigma de apoio permanece e creio que ele oferece duas forças principais para pessoas de segunda decisão.

Primeiro, levantar e viver de apoio reforça o chamado da pessoa para um ministério, especialmente se aquele ministério é apostólico por natureza e em uma estrutura apostólica. O processo pode servir como um meio de Deus validar aquele chamado. O desafio de confiar em Deus para necessidades tão tangíveis é com frequência um presságio dos desafios de fé que esperam aqueles comprometidos em viver um chamado apostólico.

Segundo, o processo pode ser uma ferramenta poderosa em ajudar aqueles que fazem parcerias conosco a tomarem decisões importantes sobre os seus recursos. Especialmente na igreja norte-americana, o que as pessoas fazem com os seus recursos pode ser uma das decisões de soberania mais importantes que elas farão na vida. Pedir às pessoas por suporte financeiro *nunca* é implorar. Pelo contrário, é ajudar pessoas a determinar, diante de Deus, o que ele gostaria que elas fizessem com o que ele tem dado a elas. É oferecer uma oportunidade para os seguidores de Jesus responderem com generosidade à liderança de Deus.

## O APOIO É O ÚNICO CAMINHO?

Então o paradigma do apoio é o *único* caminho para sustentar financeiramente aqueles em ministério vocacional? É claro que não. Nem é o único jeito que isso aconteceu na Bíblia. Há uma variedade de fatores e combinações que devem ser levadas em consideração, e os cálculos começam a ficar mais complexos — mas não menos válidos — em cenários transculturais, entre comunidades minoritárias e em contextos sem uma cultura doadora. Mas há meios de prover criativamente um financiamento sustentável, independentemente do contexto. *Business as Mission* [Negócios como Missão] (e *Business for Mission* [Negócios para Missão]) é um meio pelo qual empreendimentos podem ser usados para propósitos ministeriais e para prover fluxos complementares de receita.

O ministério que liderei esteve envolvido em inúmeros esforços criativos de *Business as Mission* (BAM) ao redor do mundo, dando oportunidades tremendas a pessoas com formação e habilidades em negócios para utilizar os seus talentos para propósitos do Reino. Alguns tiveram sucesso. Alguns falharam (e falharam de forma espetacular). Independente disso, continuamos a investir recursos e pessoas em esforços assim, crendo que eles podem fazer uma contribuição significativa para os planos e propósitos mundiais de Deus.<sup>6</sup>

Porém, não podemos usar meios alternativos de apoio financeiro para diminuir os exemplos bíblicos e as injunções sobre o direito daqueles que ministram para serem beneficiados de forma tangível pelos resultados de seu trabalho.

Infelizmente, existem aqueles que se cansam de viver nessa posição. Na minha experiência, às vezes essas pessoas não trabalharam duro o suficiente nesse processo. Eles falharam em perceber que ajudar apoiadores a fazerem decisões administrativas diante de Deus é parte contínua do ministério. Eles falharam em ver a arrecadação de fundos como uma parte integral e essencial do ministério apostólico.

Quando os males financeiros se amontoam, alguns infelizmente desistem. Alguns gravitam na direção da fabricação de tendas. Alguns buscam honorários por serviços. Outros passam a acreditar que arrecadar dinheiro é um obstáculo grande demais a ser superado, e culpam as mudanças demográficas culturais ou a falta de vontade da igreja local em seu contexto de dar. Outros ainda acreditam que eles esgotaram potenciais doadores em seu ciclo de relacionamentos. As razões — e desculpas — são muitas. Eu mesmo já as dei.

Uma organização que considero muito útil para ajudar alguém a entender esse tema é o Centro para Mobilização Missionária (*mobilization.org*). Eles fazem um trabalho excelente em treinar pessoas nos passos práticos de levantar o apoio para o ministério e desmistificar muitas das desculpas e pensamentos emocionais que podem rodear o tema. Existem outras organizações parecidas também, que treinam pessoas para levantar dinheiro transculturalmente nos países em desenvolvimento, onde as distinções culturais requerem adaptabilidade e contextualização. Um exemplo é a organização Stewardship no Reino Unido.<sup>7</sup>

Fundamentalmente, arrecadar dinheiro é um exercício de formação espiritual. Poucos articulam isso melhor do que Henri Nouwen em seu livro *A Espiritualidade da Captação de Recursos* no qual ele escreve “Captar recursos é, acima de tudo, uma forma de ministério. É um modo de anunciar a nossa visão e convidar outras pessoas para a nossa missão. Captar recursos é proclamar o que cremos de modo a oferecer às pessoas a oportunidade de participar em nossa visão e missão”.<sup>8</sup>

## **E A FABRICAÇÃO DE TENDAS?**

Um conceito que rotineiramente entra e sai de moda no mundo do ministério é a fabricação de tendas. Derivado do exemplo bíblico do apóstolo Paulo, que fazia tendas para pagar as contas (Atos 18:3), o conceito de fabricação de tendas pode ser atraente como uma alternativa ou um meio complementar de apoiar pessoas que querem fazer uma transição vocacional para o ministério.

A fabricação de tendas certamente tem um lugar nos propósitos missionários gerais de Deus em todo o mundo. Há muitas pessoas que deram saltos transculturais e que servem, com grande eficiência, como representantes de Jesus através de seus empregos em contextos transculturais complicados. Mas é necessário algum realismo e honestidade sobre o que a fabricação de tendas consegue e não consegue realizar.

Primeiro, o exemplo bíblico de Paulo fabricando tendas não é apresentado como o ideal. Paulo faz isso por causa da

imaturidade da igreja de Corinto. É claro para ele que ele tem o direito de esperar apoio financeiro, mas ele renuncia a esse direito para não ser pesado para eles em seu estado embrionário de desenvolvimento (1 Coríntios 9:7-18). A fabricação de tendas é uma postura padrão, não a norma.

Segundo, as limitações dos fabricantes de tendas são geralmente substanciais, e aqueles assumindo a fabricação de tendas devem ter expectativas claras do que eles estão indo atrás. É difícil manter uma vocação ou profissão quarenta e seis horas por semana em meio a significativos estresses e ajustes transculturais. Com frequência, pouca energia ou tempo sobra de fato para o ministério efetivo. Isso significa que o primário — e às vezes o único — contexto ministerial no qual fabricantes de tendas podem esperar funcionar razoavelmente é em seu emprego de fabricação de tendas.

### **ABSORVENDO FUNÇÕES SODÁLICAS**

Às vezes me perguntam se é possível incluir ou incorporar mais intencionalmente funções sodálicas em modalidades. É uma pergunta que recebo ocasionalmente quando estou interagindo com pastores — especialmente aqueles que desejam que o seu povo engaje mais nas missões. Creio que a resposta seja “sim”, mas com alguns qualificadores, porque as estruturas modálicas têm algumas limitações inerentes.

É sempre ideal que a característica de vitalidade espiritual das estruturas apostólicas flua para as igrejas locais. Quero ver congregações locais adotando as forças e expertises que as so-

dalidades, e especialmente as sodalidades apostólicas, têm para oferecer tanto quanto as igrejas locais são capazes de absorvê-las. Esse foi o padrão observável por dois mil anos. Por exemplo, na Igreja Católica Romana, renovo, visão e vitalidade espiritual fluíram rotineiramente das ordens e comunidades religiosas para a Igreja Católica como um todo. Essa é a realidade histórica e é uma dinâmica maravilhosa.

O mesmo é verdade da igreja Oriental, embora com uma reviravolta interessante que contribuiu grandemente para a vitalidade espiritual ao longo dos séculos. Na tradição ortodoxa, os padres paroquiais não são promovidos através da hierarquia eclesiológica para se tornarem bispos. Ao invés disso, bispos na igreja Oriental são tirados dos monastérios. Esse processo de popular a estrutura de liderança eclesiástica teve um efeito pronunciado. O fervor espiritual e a vitalidade receberam uma rota formalizada e institucional que vem das sodalidades e volta para as modalidades.

O que realmente precisa fluir para as modalidades é o *ethos* das sodalidades, não a sua estrutura. É a função, não a forma. A realidade é que a vitalidade espiritual irá declinar mais rapidamente em uma modalidade por causa de sua estrutura dada por Deus. As coisas que dão propósito a uma modalidade são as mesmas que diminuem a sua vida útil. Essa é uma das razões para a necessária relação e interdependência entre modalidades e sodalidades. O momento em que uma modalidade decide se tornar uma sodalidade, a sua missão e ministério para as massas terá um foco estreito e comprometido. Uma

sodalidade irá focar nos poucos em seu propósito claramente definido e raramente no bem-estar mais amplo de todos, ainda que muitos possam se beneficiar disso no longo prazo.

Essa visão a laser, orientada a tarefas é o gênio da sodalidade, e especialmente da sodalidade apostólica. Como Robert Coleman descreve, “A vitória nunca é conquistada pelas multidões... Esse princípio de seletividade e concentração está gravado no universo, e irá dar resultados independente de quem o aplicar, e de se a igreja acredita ou não nele”.<sup>9</sup>

## **A VIA DE MÃO-DUPLA**

Absorver funções sodálicas em modalidades é uma dinâmica organizacional que foi testada por séculos. Nos dias de hoje algumas megaigrejas e movimentos denominacionais tentam fazer isso, frequentemente através de estágios, programas de treinamentos ou arranjos quase-educacionais. Mas a efetividade desses esforços quase sempre dependeu de fazer uma distinção clara entre estruturas de sodalidade e modalidade. Essa distinção é embaçada com muita frequência. Ela precisa ser refletida estruturalmente e reforçada regularmente. Quanto mais clara a distinção, mais eficiente é o resultado. O que Jesus fez com as multidões foi diferente do que ele fez com os Doze. Ainda que integradas, as duas abordagens eram claramente diferentes.

Essa parceria e cooperação devem ser assumidas de tal forma que líderes e funções apostólicas recebam a liberdade adequada. Quanto mais liberdade e autonomia forem dadas para os líderes apostólicos, mais eficientes eles serão.

Por outro lado, uma preocupação pastoral deve fluir das congregações locais para as estruturas apostólicas e missionárias. É comum que pessoas e estruturas apostólicas se tornem tão orientadas a tarefas e obcecadas com a missão que pessoas acabam sendo engolidas nesse processo. É um fenômeno observável nos campos missionários do mundo — pessoas frequentemente são gastas e usadas. Assim como em um exército, deve haver um cuidado adequado pelas tropas. Todo exército precisa de um hospital. Mas o exército não é o hospital. No momento em que o pastoral assume, o exército deixa de ser exército. O propósito muda.

## **EU NÃO SOU O ESTALAJADEIRO**

Eu estava tendo uma conversa sobre essa dinâmica com Tim, um jovem líder que era parte de uma comunidade intencional vivendo em uma cidade americana do interior. A comunidade de Tim estava determinada a manter altos padrões para aqueles que eram membros, e de muitas formas ela se inclinava para ser uma sodalidade. Mas a comunidade se recusava a fazer distinções claras entre pessoas de primeira e segunda decisão, e incorporava uma variedade de outras distinções modálicas.

Durante o período de alguns anos, a comunidade e os seus membros foram continuamente puxados para frente e para trás entre duas estruturas e nunca conseguiam entender exatamente o que eles eram de fato. Eles não conheciam nada de diferente, e estavam confusos. Era um caso clássico de ministério que não conseguia determinar se era “peixe ou ave” e a esquizofrenia resultante era prejudicial à comunidade, aos



seus membros e à sua missão. Era desanimador ver homens e mulheres com tantos dons se debatendo porque eles não entendiam esses conceitos missiológicos básicos. O resultado era desperdício de tempo e energia.

Finalmente, em uma das minhas conversas com Tim, houve um avanço. Ele usou a parábola do Bom Samaritano como um molde através do qual ver a sua realidade. “Eu finalmente entendi”, ele disse, “e essa parábola foi o que o ilustrou para mim. Eu realmente sou o Bom Samaritano na estrada. Isso é o que eu faço. Focado. Episódico. Eu não sou o estalajadeiro”. Essa conclusão foi um ponto de virada, pelo menos para Tim.

## **O CHAMADO PARA ESTAR PERTO**

Sempre haverá a necessidade para aqueles que desejam ir, pagar o preço emocional e espiritual, aprender um idioma se necessário e viver encarnadamente entre o povo para o qual Deus o chamou. Não há substituto para tal compromisso, nenhuma procuração para o “estar perto”.

Também há espaço para experiências missionárias de curto prazo. Escrevi isso em um livreto chamado *Short-Term Missions: the Good, the Bad and the Ugly* [Missões de Curto-Prazo: O Bom, o Mau e o Feio] que é um tratado mais detalhado sobre esse assunto.<sup>10</sup> Experiências de curto prazo concebidas e executadas corretamente podem exercer um papel benéfico e complementar para aqueles que estão comprometidos a longo prazo. Mas experiências missionárias de curto prazo

nunca irão substituir o valor ou a necessidade da presença encarnada de longo prazo.

Nos anos anteriores e depois da queda do comunismo, passei muito tempo na antiga União Soviética. Minha família e eu vivemos brevemente na Ucrânia, e nos momentos em que baixavam a guarda, os russos e outros no bloco Oriental nos diziam em particular, “Se você realmente nos ama, venha aprender o nosso idioma, viver entre nós e servir”. Eles estavam desencantados com a abordagem relâmpago de curto prazo do Ocidente, a qual em muitos contextos fazia mais dano do que bem.

Isso é parecido com o que ouvi em 2011 quando estava no Iraque em uma cidade com oitocentas mil pessoas, das quais talvez trezentas fossem seguidoras de Jesus conhecidas pela comunidade. Conversas com os líderes desses remanescentes nos faziam refletir. O que esses líderes iraquianos compartilhavam de forma transparente era revelador. “Não precisamos de mais seminários, conferências ou especialistas entrando e saindo do Ocidente e nos dizendo o que fazer. Estamos inundados com essas pessoas e as suas ‘últimas novidades’. Estamos fartos disso. Onde estão as pessoas que querem viver e morrer conosco?”

A conclusão é que todo o mundo está desesperadamente necessitado de pessoas de segunda decisão. Os efeitos no mundo de Madre Teresa e algumas centenas de irmãs é exponencialmente maior do que centenas de milhares de católicos

romanos sacramentados. Não é diferente no mundo protestante. Sempre haverá uma necessidade para aqueles que irão (Mateus 28:19), atravessando barreiras culturais, linguísticas e geográficas e “estando perto” daqueles a quem servem (Atos 8:29).

Libby e o seu marido, Tom, exemplificaram essa verdade quando viveram e serviram no Afeganistão por mais de trinta anos. Tom, um médico, estava em um grupo de dez trabalhadores humanitários que foram emboscados e assassinados no verão de 2010 pelo Talibã a cerca de duzentos e quarenta quilômetros ao norte de Cabul. Em um cativante e sóbrio discurso na Conferência Urbana uma década antes, Libby descreveu tal compromisso para uma audiência de vinte mil estudantes, sem saber que o seu marido faria o sacrifício final nos anos por vir.

Nossa família foi chamada ao Afeganistão e fomos chamados para “estar perto”. Estou aqui tremendo diante de você, não pelas coisas assustadoras que vivenciamos vivendo em uma zona de guerra, mas tremo quando me lembro das vezes que Deus nos chamou para permanecer e não abandonar o lugar de sofrimento. Era o lugar em que encontrávamos a Deus ansiando em Seu Santo Espírito comunicar a sua misericórdia e a sua benignidade àqueles que sofrem.

Durante os quinze anos seguintes de guerra civil, dois dos membros da nossa equipe foram assassinados. Colegas foram torturados. Nossos lares foram atingidos por mísseis. O hospital

em que meu marido trabalhava foi destruído completamente. A linha de frente da batalha se moveu para as ruas do nosso bairro. As semanas eram cheias de arrastar os feridos e os que estavam morrendo de prédios desabados, reunindo as crianças aterrorizadas e as levando para a segurança. Houve roubos, tentativas de estupro, espancamentos e ameaças para membros da nossa equipe. Talvez para mim, como mãe de três filhas, a parte mais difícil era confiar diariamente em Deus pela segurança das nossas crianças.

Confesso que com frequência eu queria escapar da seriedade e da tristeza da guerra. Cada um de nós sabe que a obediência a Deus não significa imunidade do sofrimento. “Estar perto” talvez signifique dano ou até mesmo perder a vida. Cremos que Jesus diria que em Seu Reino existem coisas pelas quais vale a pena morrer.

Em uma época em que viagens missionárias curtas são bastante populares, vocês deveriam considerar o serviço de longo prazo. Deus pode querer que alguns da sua geração vão e estejam próximos, por tempo o bastante e perto o bastante para compartilhar profundamente a vida daqueles que você foi chamado para servir.

A Grande Comissão não pode ser espremida em um molde confortável e seguro. Jesus está nas linhas de frente. Ele pode estar chamando alguns de vocês para juntar-se a Ele em comunidades em guerra, para atar feridas e confortar aqueles que choram. Tendo sido testemunha de um campo de batalha em carne e osso por quinze anos, parece que lugares assim são tristemente negligenciados por cristãos.<sup>11</sup>

Recebi o seguinte em uma *newsletter* de Dave a Lisa, que estão trabalhando fielmente em um contexto obscuro e complicado no Sudeste Asiático há quatorze anos, no qual eles fizeram uma contribuição fenomenal para os propósitos do Reino de Deus. Quem eles são e o que eles fizeram é verdadeiramente extraordinário. Eles estiveram em zona de guerra. Eles viram milagres. Esses tipos pioneiros, apostólicos que genuinamente se arrepiam indo a lugares nos quais a maioria das pessoas não se atreveria a se aventurar. Na *newsletter*, dois parágrafos se sobressaíram como uma descrição fenomenal do que um chamado apostólico pode envolver.

Quando chegamos neste país, era uma boa época e um bom lugar para pessoas do tipo pioneiro. Nossa personalidade, habilidades e dons são muito úteis quando as coisas estão quebradas e ainda não construídas.

Nós somos o tipo ‘*MacGyver*’ que vive com uma *Leatherman* multi-ferramentas em nosso cinto, um rolo de fio, fita adesiva e uma lanterna *Maglite* por perto para quando as coisas quebrarem ou estiverem indo mal.

Viajamos com os nossos dois livros favoritos em Sacos *Ziploc* com duas camadas; uma *Bíblia Thinline* e um manual médico de campo. Não precisamos de leis de trânsito, e conseguimos dirigir qualquer coisa desde bicicletas até tratores e nos divertimos. Camas são boas, redes são melhores (sem percevejos) e tudo o que precisamos é água o suficiente para esfregar a sujeira

uma vez por dia. Gostamos de comida boa, mas está tudo bem comer *outras* coisas interessantes. A vida é boa na zona da ambiguidade.

Esses estão entre os poucos comprometidos que se submeteram a um chamado apostólico e conseqüentemente se alinharam vocacionalmente com uma estrutura apostólica. Através de pioneiros visionários, as Boas Novas de Jesus se movem entre as nações. Que a sua tribo cresça!

## CAPÍTULO 7

# Encontrando Pessoas de Segunda Decisão

Como envolver e liberar líderes apostólicos

*Em uma era de valor agregado através da imaginação, criatividade e capital intelectual... o trabalho número um de um líder é o recrutamento, desenvolvimento e retenção do talento espetacular.*

*Tom Peters, em Re-Imagine's Requisites: The Leadership 11 [Os Requisitos da Re-Imagine: A liderança 11]*

*Os líderes de Grandes Grupos amam talentos e sabem onde encontrá-los... Eles se deleitam com os talentos dos demais.*

Warren Bennis e Patricia Biederman, em Os Gênios da Organização

*Se você puder poupá-los, nós não os queremos. Se você pode poupá-los, as chances são de que podemos poupá-los também.*

Ronnie Stevens

A seleção de líderes, e especialmente aqueles que irão viver e trabalhar em contextos apostólicos de segunda decisão, é um fator crítico para a saúde e a vitalidade do movimento cristão. J. Robert e Richard Clinton catalogaram o que eles chamam de “As Sete Maiores Lições de Liderança da Bíblia”. Uma dessas lições é que “líderes eficientes veem a seleção e desenvolvimento da liderança como uma função prioritária em seu ministério”.<sup>1</sup> Isso pode parecer óbvio, mas não é o modo como a maioria de nós vive e opera. É um princípio que é tristemente negligenciado em muitos contextos ministeriais.

No Ocidente, vivemos em uma sociedade extremamente individualista e igualitária. Abraçar princípios como seletividade passa do ponto de muitas coisas que nós valorizamos, porque a seletividade significa que escolhas precisam ser feitas. Valor deve ser colocado em relacionamentos. E quando escolhas sobre pessoas são feitas, as escolhas podem não parecer justas.

Dependemos demais das nossas instituições educacionais para fazer o trabalho duro quando se trata de seleção e preparação de liderança. A observação de Ralph Winter é tragicamente verdadeira demais:

O erro estratégico mais extensivo e difundido na tradição cristã reside inequivocamente em nosso cobiçado e generosamente apoiado, mas inquestionado, conceito de anos de “escolarização” como o caminho para treinar e desenvolver líderes... Nesse país e no exterior, todo movimento de igreja que passou



a depender unicamente dos frutos residenciais da escola para o seu ministério está morrendo.<sup>2</sup>

Perceba a palavra “unicamente” no comentário de Winter. A educação formal definitivamente tem o seu lugar e pode fazer uma enorme contribuição na vida de um líder. Sou fruto de algumas graduações e sou profundamente grato pela minha educação formal. Mas existem limitações para o que a educação formal pode fazer. Escolher líderes com base no nível de educação formal que eles atingiram, ou com base em um processo educacional formal, pode ser um erro grave.

## **O QUE PROCURAR**

Então, o que devo procurar para identificar, desafiar e desenvolver pessoas de segunda decisão? Existem vários critérios que considero úteis. Por exemplo, procuro por aqueles que demonstram a evidência das “Sete Maiores de Liderança da Bíblia”<sup>3</sup> em suas vidas. Eles podem expressar essas qualidades intuitivamente, mas em algum grau e em combinação, elas são evidentes.

### **As Sete Maiores Lições de Liderança de Clinton**

1. Enxerga o ministério presente em termos de uma perspectiva de vida inteira.
2. Mantem uma postura de aprendizagem durante a vida.

3. Valoriza autoridade espiritual como base primária de poder.
4. Demonstra uma filosofia dinâmica de ministério ao longo da vida.
5. Vê a seleção e o desenvolvimento de liderança como uma função prioritária em seu ministério.
6. Vê a capacitação relacional tanto como o meio e um objetivo do ministério.
7. Evidencia uma crescente percepção de seu senso de destino.

Warren Bennis, um autor respeitado sobre o assunto de liderança e fundador do Instituto de Liderança na Universidade do Sul da Califórnia, escreve sobre a crise de liderança em nossas instituições e governos. Ele escreve que “de muitas maneiras, ela é a mais urgente e perigosa das ameaças que enfrentamos hoje, nem que seja apenas porque é insuficientemente reconhecida e entendida”.<sup>4</sup>

Baseando-se em quarenta anos estudando liderança, Bennis diz que líderes eficientes compartilham cinco características. A sua lista é útil e instrutiva para identificar líderes apostólicos, e eu a uso como base para encontrar e qualificar pessoas de segunda decisão. Eles são indivíduos que:

1. Têm um forte senso de propósito, uma paixão, uma convicção, um senso de querer fazer algo importante para fazer a diferença.
2. São capazes de desenvolver e sustentar relacionamentos profundos e de confiança. Eles parecem ser constantes, cuidadosos, e autênticos com outras pessoas.
3. Eles são provedores de esperança e têm ilusões positivas sobre a realidade.
4. Têm um balanço em suas vidas entre trabalho, poder, e família ou atividades externas. Eles não ligam toda a sua autoestima à sua posição.
5. Eles têm uma tendência para a ação e ainda que não sejam inconstantes, eles não resistem correr riscos.<sup>5</sup>

Desenvolvi a minha própria lista ao longo dos anos para descrever o que procuro quando se trata de desenvolvimento e treinamento de liderança para pessoas de segunda decisão.

- Fidelidade — Procuro por pessoas que sejam idôneas e de confiança (2 Timóteo 2:2).
- Disponibilidade — Não posso correr atrás de alguém que não quer que alguém corra atrás dele. Estou procurando por pessoas sedentas. Eis aqui um axioma verdadeiro: Não dê a sua vida pelos de coração dobre

e não invista naqueles que você precisa motivar constantemente.

- Ensinabilidade — Não é o meu desejo forçar uma bênção em ninguém (2 Timóteo 2:2).
- Dons — Não posso tornar alguém em algo quando Deus não providenciou a matéria-prima. Devo ser capaz de discernir e identificar com precisão os dons espirituais, as habilidades adquiridas e as habilidades naturais.
- Química — Se serei profundo com uma pessoa, preciso gostar dela e querer passar tempo com ela.
- Caráter — Um compromisso central para a integridade pessoal é essencial. Quando chegar na hora H, eles farão a coisa certa?
- Paixão — Procuo por pessoas que queimam com zelo por Deus e pelas coisas de Deus. Elas são espiritualmente direcionadas de forma saudável e visionária.
- Saúde emocional — Quão grande é a necessidade delas por afirmação e validação? Até que ponto suas necessidades emocionais irão sugar a mim e a outros em busca de aprovação, a qual na realidade apenas Deus pode dar?

- Vitalidade espiritual — Eles podem ouvir de Deus? Se sim, eles são responsivos ao Espírito e à Palavra e estão constantemente entrando em uma dependência mais profunda de Jesus? Existe evidência de que as suas arestas estão sendo polidas na submissão ao governo santificador de Deus?

### **A ARTE DA SELETIVIDADE SANTIFICADA**

Na análise final, as escolhas não são minhas. Antes de escolher os seus doze discípulos, Jesus passou a noite inteira orando ao Pai (Lucas 6:12-16). Ele modelou não apenas a natureza crítica de decisões assim, mas também a prerrogativa soberana de Deus para a determinação final dos resultados.

A tentação de muitos na seleção de liderança e especialmente pessoas de segunda decisão é falsamente crer que os melhores líderes são aqueles que conquistam o maior número de seguidores. Infelizmente, esse pode ser um critério enganoso. Nas palavras de Lindley Baldwin, “líderes assim são frequentemente perigosos... Eles tendem a se tornar líderes de massas, demagogos, e ditadores. A melhor liderança é aquela que cria outros líderes” — e que o faz da postura de um servo.<sup>6</sup>

Alguns dos meus maiores erros no ministério foram quando falhei, por alguma razão ou outra, em abraçar esse princípio de seletividade no desenvolvimento da liderança.

Esse princípio de seletividade e concentração está gravado no universo, e trará resultados não importa quem o aplicar,

independente da igreja acreditar ou não nele... alguns podem se opor a esse princípio quando praticado no campo pelo trabalhador cristão cujo favoritismo é mostrado em relação a um grupo seleta na igreja. Mas seja como for, esse ainda é o jeito que Jesus *concentrou* a Sua vida, e é necessário se quisermos treinar qualquer liderança duradoura.<sup>7</sup>

No Ocidente, onde cremos que “todos os homens (e mulheres) são criados igualmente”, pode ser difícil fazer escolhas sobre pessoas, como Jesus tão claramente fez, sem parecer discriminatório ou preconceituoso. Para o forasteiro desinformado, pode parecer que as pessoas são descartadas quando a seletividade é exercida. Fui acusado pessoalmente disso mais de uma vez, e tenho cicatrizes para provar. Geralmente, quando a reação era negativa não era porque a escolha era errada, mas porque o processo não foi bem cuidado, ou porque não comuniquei com a sensibilidade necessária.

A não ser que seja feita cuidadosamente, exercer seletividade pode resultar em uma chuva ácida relacional. É interessante que não há evidência de uma tensão assim entre os Doze e os Setenta a quem Jesus escolheu. Talvez a tensão tenha ocorrido, ou talvez Jesus era tão cuidadoso relacionalmente que ninguém reagiu negativamente. Não temos como saber disso do relato bíblico. Mas o que sabemos é que houve briga e empurra-empurra por posição entre os Doze (Marcos 10:35-45).

A seletividade pode ser mais difícil para alguns líderes do que para outros, dependendo dos seus dons e da extensão da

sua visão. Ela é especialmente difícil para aqueles com o dom da misericórdia (o que me excluiria). Entretanto, o fato é que a seletividade santificada me permite gerir relacionamentos e não ficar muito disperso. Quando sou seletivo, ser profundo com poucos torna-se possível, e então a mudança de vida pode ser mais profunda. É parecido com o que J. Robert Clinton chama de Teorema Informal: “Quanto mais informal o meio de treinamento, maior é o potencial para um impacto profundo na vida do aprendiz”.<sup>8</sup>

Exercer a seletividade santificada é reconhecer que nem todo mundo tem os dons e o chamado para ser objeto de um treinamento tão intenso de liderança e de desenvolvimento individual. Seletividade é um resultado prático de reconhecer que Deus é único no trabalho em diferentes lugares e estágios com cada indivíduo. E se a fizermos corretamente, a seletividade é um meio para um fim maior. Não é elitismo. Pelo contrário, é essencial para a sustentabilidade de qualquer movimento.

## **DESQUALIFICADORES**

Vamos abordar isso de outra perspectiva. Quais são as coisas que distinguem líderes espirituais *ineficientes*? O que devo procurar? O que deveria me fazer parar por um momento e me dar razão para ter cuidado? Quais são os desqualificadores que podem indicar que alguém não foi feito para uma tarefa de ministério apostólico ou para uma vocação de segunda decisão? Essas são as pessoas que:

- Têm problemas com autoridade. Eles nunca aprenderam a ser seguidoras.
- Experimentam poucos encerramentos. Eles não podem ou não conseguem completar processos, e demonstram uma falta de fé nas pequenas coisas (Lucas 16:10-12).
- Gravitam para extremos. Por exemplo, eles ou tendem a superespiritualizar, ou eles vão para o extremo oposto e entendem apenas a dinâmica humana do ministério, deixando pouco espaço para o sobrenatural.
- Nunca pensaram sobre ou articularam claramente a sua filosofia de ministério.
- Não conseguem diferenciar as suas ambições dos desejos de Deus, muito frequentemente porque nunca aprenderam a ouvir de Deus. A sua teologia de orientação é subdesenvolvida ou distorcida.
- Não são bons ouvintes, ou não sabem fazer perguntas.
- Não são ensináveis, ou demonstram uma perspectiva sabe-tudo, arrogante e egocêntrica.
- Evidenciam um espírito crítico com um gotejamento constante de corretivos paralisantes.
- Não conseguem delegar.



- São suscetíveis de forma única a atos carnais, porque têm feridas emocionais que não foram adequadamente tratadas ou curadas.
- Não se conhecem, nem estão em relacionamentos transparentes e autênticos de prestação de contas, nos quais o autoconhecimento pode ser adquirido.
- São cautelosos demais e avessos ao risco.

## OS MUCKERS — OS COMPANHEIROS

O grande inventor Thomas Edison é um interessante estudo de caso em seletividade. Edison recrutou um grupo ao seu redor que ele chamava de seus “*Muckers*”. Eram pessoas extremamente talentosas a quem ele recrutava em todo o mundo, e eles demonstravam curiosidade, raciocínio aguçado, otimismo e flexibilidade. Acima de tudo, eles queriam trabalhar com Edison. Ele era um ímã para talentos assim, e ele os confiou com sua visão e com os seus sonhos.

Trabalhar com Edison era incrivelmente motivante. Ele se referia aos *Muckers* como “um dos meninos”, mas ele também era o chefe inquestionável. Ele mantinha um ambiente de trabalho que era classicamente empreendedor, despreocupado e informal. Ele juntou pessoas importantes em uma cultura de empreendimento e inovação — a qual ele chamou de sua “fábrica de invenções” — na qual erros faziam parte do processo inventivo. Edison teria dito que:

“Os *Muckers* não trabalham com nenhuma regra ou regulamento porque eles estavam tentando alcançar algo”.<sup>9</sup>

É trágico quando indivíduos fortemente empreendedores com chamado apostólico — como os *Muckers* de Edison — surgem, e líderes não sabem o que fazer com eles. A tentação pode ser de usar essas pessoas, ao invés de desenvolvê-las. Em minha experiência, existem múltiplos jeitos de frustrar, asfixiar e abafar aqueles com um senso de chamado apostólico. Se fizermos isso, nunca obteremos os resultados que Edison teve.

### **Como neutralizar líderes apostólicos empreendedores**

1. Force-os a ir para a escola.
2. Dê a eles dinheiro demais.
3. Diga-os todas as razões pelas quais algo não pode ser feito.
4. Encha-os de papelada e trabalho administrativo.
5. Dê-lhes pessoas para liderar que sejam excessivamente carentes.
6. Limite as suas viagens e os mantenha em sua própria cultura.

7. Corrija-os consistentemente quando eles forem provocativos ou proféticos em sua comunicação.
8. Garanta que qualquer iniciativa que eles tomarem passe por múltiplos passos de aprovação.
9. Insira “conservar” e “manter” em conversas com eles
10. Tenha alguém para supervisá-los que projeta o seu forte dom pastoral no relacionamento.
11. Diga-os para ficar quando eles quiserem ir.
12. Garanta que eles tenham muitas regras e políticas para viver.
13. Dê-lhes descrições de emprego precisas, detalhadas e inflexíveis.
14. Mantenha-os seguros

## **SELETIVIDADE E LÍDERES JOVENS**

Líderes jovens no Ocidente, especialmente aqueles com um forte senso de justiça social, um desejo por uma holística bíblica e um comprometimento com a vida e o ministério na comunidade, frequentemente enfrentam obstáculos quando são desafiados a considerar compromissos de segunda decisão — especialmente em estruturas apostólicas. É trágico ver

o fervor espiritual sufocado quando ele poderia ser canalizado para um impacto extraordinário. Acredito que podemos colocar camisas-de-força em líderes apostólicos mais jovens quando nós:

1. Os convencemos que a necessidade de trabalhadores e ministérios de segunda decisão é coisa do passado, não existe ou está desatualizado e é irrelevante no mundo contemporâneo da pós-modernidade.
2. Somos tão apaixonados pela justiça social e por um Evangelho holístico que nos tornamos míopes e falhamos em abraçar mandamentos claros da Escritura no que diz respeito ao mandato evangelístico (sem o qual o Evangelho não é holístico).
3. Falhamos em apreciar a doutrina dos dons espirituais, e somos incapazes ou relutantes em ajudar a identificar aqueles líderes emergentes com dons e chamados para o ministério através de barreiras sociais, linguísticas e culturais.
4. Os persuadimos de que só porque eles estão curtindo a vida missionária no contexto da comunidade mais próxima, eles podem replicar a mesma forma de comunidade em outro cenário transcultural ou internacional.

5. Os alimentamos com o conceito teológico e historicamente ingênuo de que a igreja em sua expressão modalítica e local é tudo o que é necessário.
6. Os encorajamos a enterrar suas cabeças na areia e ignorar os últimos duzentos anos de atividade missionária e entendimento missiológico. Chame tudo de moderno, institucional ou não orgânico.
7. Os ajudamos a aplicar olhos missiológicos em seu próprio cenário cultural, mas simultaneamente falhamos em ajudá-los a aplicar o mesmo entendimento internacionalmente e transculturalmente.
8. Abraçamos uma postura teológica que diz que apenas a “presença” é necessária para a influência do Reino, ao invés de persuadir apaixonadamente àqueles distantes de Deus a se tornarem discípulos comprometidos de Jesus.
9. Apresentamos o inferno como um conceito repulsivo e fora de moda que não pode ser conciliado com a pós-modernidade, portanto apagando qualquer motivação que poderia vir da realidade bíblica de que as pessoas sem Jesus estão em risco de passarem a eternidade separadas de Deus.
10. Estamos tão preocupados com a pureza da igreja e em viver na contracultura que raramente conseguimos nos

*envolver* com a cultura contemporânea, e permanecemos irrelevantes e às margens.

11. Os encorajamos a ler, pensar, escrever e publicar *blogs* sobre ser missional, mas não os empoderamos para *fazer* muito na prática.
12. Damos a eles a impressão de que Deus só está preocupado com a fidelidade, e não com os resultados, e tiramos a ênfase dos resultados para que ninguém possa ser responsabilizado.
13. Criamos uma falsa dicotomia entre obediência e intimidade com Jesus.
14. Taxamos mentores da população acima de 50 anos como de difícil acesso e irrelevantes.
15. Inculcamos tamanho preconceito anti-institucional e suspeita de autoridade que eles se tornam inúteis em um ministério neomonástico ou apostólico que requeira compromisso, disciplina e sacrifício.

## **PRINCÍPIOS DE SELEÇÃO**

Discutindo a difícil realidade da seleção, J. Robert Clinton descreve o recrutamento de líderes como “um esforço deliberado para desafiar líderes em potencial e para envolvê-los em um ministério em andamento para que assim eles se desenvol-

vam como líderes e vão na direção da realização do destino de Deus para as suas vidas”.<sup>10</sup>

Ao longo dos anos, combinei alguns dos princípios de Clinton com as minhas próprias experiências a respeito da seletividade. Ainda que eu os aplique regularmente especificamente para pessoas de segunda decisão servindo em estruturas apostólicas, os princípios têm uma aplicabilidade mais ampla para escolher e desenvolver líderes nos contextos de igreja local também.

Primeiro, líderes devem ser intencionais e proativos em selecionar líderes emergentes. Deve haver intencionalidade. Abordo isso com grandes expectativas de que Deus fará com que líderes em potencial cruzem o meu caminho a quem eu possa patrocinar, encorajar, mentorar e treinar. Eles estão lá. Meu papel é encontrá-los em oração.

Quando procuro por esses líderes emergentes, preciso fazê-lo do modo mais apropriado possível. O meu propósito não é alistá-los na busca intencional pelo desígnio de Deus para as suas vidas. Isso irá requerer discernimento e sensibilidade à singularidade de diferentes pessoas, e à noção de que pessoas diferentes irão requerer meios diferentes para serem selecionadas e motivadas, especialmente quando um compromisso de segunda decisão está envolvido. Líderes astutos ajudam pessoas a reconhecer o seu chamado usando diferentes métodos para motivá-los, dependendo de quem eles são, ou que eles querem da vida e do que eles valorizam, dependendo da

pessoa. É muito situacional. Precisamos avaliar onde eles estão e usar o que melhor se encaixa neles para atrair sua atenção e desafiá-los na direção do melhor de Deus para as suas vidas.<sup>11</sup>

Bons líderes desafiam pessoas para uma existência e propósito de vida mais amplos e mais satisfatórios. Esse é um incentivo poderoso na motivação de líderes de segunda decisão. Líderes em potencial tendem a viver de acordo com a expectativa de líderes mais velhos que eles admiram. Deixar de ver a pessoa pelo que *ela é* e começar a ver o que *ela pode se tornar* é uma técnica motivacional poderosa, mas precisa ser executada cautelosamente e com integridade. Ver o melhor em alguém e crer que eles irão cumprir o potencial é o primeiro passo para movê-los naquela direção. Essa dinâmica relacional formidável assume alguns pré-requisitos importantes:

- Líderes emergentes e líderes mais velhos estão em relacionamentos significativos.
- Líderes mais velhos entendem esse princípio e veem valor nele. Eles estão dispostos a investir em tais relacionamentos.
- Os de cabelo grisalho também conquistaram o respeito dos novatos e são modelos que valem a pena ser imitados.
- Os líderes emergentes são ensináveis e querem aprender daqueles que foram antes deles.



- Os líderes mais velhos sabem mentorar, treinar e comunicar expectativas com autenticidade, humildade e transparência inspiradoras.

Jesus recrutou *das margens*, não da liderança do estabelecimento religioso corrente, o qual tinha paradigmas muito fixos. Ele estava buscando por pessoas que pudessem ser moldadas, pessoas que ainda não estavam “na caixa”. Portanto, tento um “tudo ou nada” quando desafio pessoas de segunda decisão sobre as suas escolhas de vida. Quero projetar sua visão em lugares nos quais elas normalmente não se imaginariam, e então gradualmente voltar para o lugar no qual elas podem ser visionários, mas ainda realistas. Isso significa visualizar as melhores pessoas nos lugares mais difíceis, e então ver o que é palatável. Desafio pessoas com a admoestação de Dawson Trotman: “Nunca faça nada que outros possam fazer ou irão fazer, quando há coisas a serem feitas que outros não farão ou não podem fazer”.<sup>12</sup>

Eu consistentemente constato que o meu melhor ambiente para identificar e selecionar pessoas de segunda decisão é a experiência da vida real, na qual posso fazer coisas junto com alguém. Jesus treinou os Doze no meio de seu ministério às multidões. *Mais se captava do que se ensinava*. Isso significa proporcionar intencionalmente oportunidades nas quais líderes mais jovens possam cominar junto a líderes mais maduros e experientes. Esse modelo levanta o status de líderes emergentes na direção de líderes estabelecidos com os quais eles estão trabalhando, os dá ampla exposição às pessoas da organização e proporciona o aprendizado pela experiência.

Tento nunca ir a nenhum lugar sozinho. Sempre quero ter alguém comigo — se não for assim, é uma oportunidade desperdiçada. Uma das melhores formas que encontrei de compartilhar minha experiência com líderes mais jovens é levá-los para viajar comigo e imergi-los em contextos ministeriais ao redor do mundo. É incrível o que pode ser alcançado através de muitas horas juntos em um avião, pontuado pelas experiências no terreno com pessoas nas trincheiras da vida e ministério reais, especialmente aqueles desafiando espaços transculturais.

Aprendi a seguir as redes sociais para encontrar pessoas chamadas para ministério de segunda decisão. Isso funciona porque pessoas de segunda decisão frequentemente conhecem outras pessoas com coração e compromisso similares. Cada pessoa ajuda a identificar a próxima pessoa, até que eles sejam naturalmente atraídos uns aos outros. Jesus usou um método similar quando encontrou alguns de seus primeiros discípulos entre os discípulos de João Batista. É como minerar uma jazida de ouro.

Também descobri que uma comunidade (ou equipe) recruta melhor. Apresento pessoas em potencial para pessoas já comprometidas, que são modelos do que aquela pessoa poderia ser e experimentar. Quero a pessoa exposta a outros que são apaixonados, cativantes e contagiantes.

Jesus demonstrou um Evangelho equilibrado e holístico, o qual era atrativo para aqueles que ele desafiava para um com-

promisso de segunda decisão. Ele usava especialmente o poder espiritual e o poder sobrenatural como parte de sua técnica, o que era uma demonstração de confirmação de sua autoridade espiritual. Autenticidade é o resultado de uma autoridade espiritual como essa é um ímã para outros buscando maneiras de fazer suas vidas contarem.

Em uma análise final, a seleção da liderança é chave para um ministério em andamento eficiente que dura gerações. É, em última instância, um processo divino — é Deus quem escolhe. Jesus gastou a noite inteira em oração com o Pai antes de separar os Doze (Lucas 6:12). Robert Coleman o explica claramente quando diz:

Sua preocupação [a de Jesus] não era com os programas para alcançar as multidões, mas com os homens que as multidões seguiriam... Homens se tornariam o Seu método de ganhar o mundo para Deus...

O mundo está buscando desesperadamente alguém para seguir. Essa é a questão decisiva da nossa era. A relevância de tudo o que nós fazemos está esperando o seu veredito e, em troca, o destino das multidões está em jogo.<sup>13</sup>

Quando a minha existência mortal acabar, eu não quero nada mais do que um legado que imitou a vida Jesus no modo em que Ele repartia a visão e vida a um punhado de seus seguidores mais próximos. Estou convencido, sem sombra de dúvidas, que tal investimento nas vidas de líderes de segunda de-

cisão cuidadosamente selecionados, que podem, por sua vez, multiplicar-se nas gerações seguintes, irá afetar o curso da história e alterar o destino das nações em prol do nome de Jesus.

*Quão felizes são aqueles  
que levam o Evangelho  
para outras nações.  
Eles obedecem o Seu mandamento,  
ó Senhor Jesus  
O Seu mandamento de contar  
as Boas Novas  
em toda parte  
para todas as pessoas  
em todo o mundo.  
Eles abandonam  
parentes e amigos  
casas e terra  
conforto segurança coisas  
para ir contar  
ensinar  
curar  
amar.  
Eles são os grandes  
desta geração  
dos quais o mundo  
não é digno.  
Eles são aqueles dos quais  
o mundo tem pena.  
Pobre mundo.*

## CAPÍTULO 8

# Correndo Juntos

A alavancagem exponencial da interdependência

*Nas Escrituras se descobrem congregações junto com ministérios especializados em expandir a igreja e fortalecer todas as congregações. As equipes apostólicas itinerantes seriam um exemplo desse tipo de ministério que não estava preso a uma congregação...*

*A natureza da igreja como tanto una e católica significa que essas estruturas devem existir em uma relação simbiótica com as congregações locais e as suas estruturas denominacionais.*

Darrell Guder, em *Missional Church* [Igreja Missional]

*Uma missão sem igreja é uma monstruosidade tão grande quanto uma igreja sem missão.*

Lesslie Newbigin, em *The Household of God* [A Casa de Deus]

Por muitos anos, a Leadership Network ofereceu um serviço significativo para a igreja na América do Norte facilitando o diálogo entre líderes de diferentes ministérios. Em 1995, tive a sorte de ser incluído em um desses encontros de três dias

em que dezenas de líderes de organizações missionárias se encontrava com pastores responsáveis pelos esforços missionários de dezenas de megaigrejas proeminentes. A ideia era nos sequestrar na sala por três dias, nos deixar definir as pautas e conversar.

Quando nos reunimos na primeira noite para nos conhecermos no jantar, sentei à mesa com mais oito pessoas quando um dos pastores que estava exatamente do outro lado da mesa reparou no meu crachá. “Você é o cara que escreveu aquele artigo recente na revista *Evangelical Missions Quarterly*?” ele perguntou. “Sim, fui eu”, eu disse. O artigo era intitulado *When Local Churches Act Like Agencies* [Quando Igrejas Locais Agem Como Agências] e era uma apologética pela legitimidade e independência de entidades apostólicas missionárias.<sup>1</sup>

O pastor olhou diretamente pra mim e disse — para todo mundo na mesa ouvir — “Fiquei me perguntando quem era o idiota que tinha escrito aquele artigo!” Ai! Nem preciso dizer que esse foi o início de vários dias estimulantes de conversas. A ironia é que vinte anos depois, o mesmo pastor acabou entrando para a CRM e fazendo a transição de uma igreja local para uma estrutura missionária e apostólica.

Estou contando essa história apenas para ilustrar o fato de que a tensão entre a igreja em sua forma apostólica e missionária e a igreja em sua forma local e congregacional pode ser muito real. Quando não entendemos como essas duas expres-

sões do corpo de Cristo designadas por Deus podem e devem trabalhar interdependentemente, criamos um pedágio desnecessário para a nossa efetividade e minamos a nossa habilidade servir o mundo que está assistindo.

## **DUAS CALÇAS E UM PAR DE CALÇAS**

Ao longo da história da igreja, creio que é claro que quando modalidades e sodalidades trabalharam de forma interdependente e cooperativa, com a liberdade apropriada e um claro entendimento dos papéis e forças de cada, houve grandes avanços no progresso do Evangelho. A bênção de Deus foi manifesta. Então o que é necessário é cooperação e parceria.

Vejo tanto modalidades, quanto sodalidades como parte do plano completo de Deus para igreja em missão. Porém, se a missão está para ser cumprida, as duas precisam se relacionar de forma dinâmica. Ambas deveriam ser consideradas estruturas que conectam as pessoas de Deus. Elas são estruturas do Reino, e elas existem para a glória de Deus. Ambas no verdadeiro senso da palavra são parte da igreja.

O ponto principal é que, para realizar a missão da igreja, sodalidades e modalidades precisam uma da outra em uma relação simbiótica. A relação simbiótica significa que uma contribui para o bem-estar da outra.<sup>2</sup>

Então, como funciona a interdependência na prática? O que acontece?

***Haverá tensão.*** Vem no pacote. O que cada uma dessas estruturas enfatiza toca na fraqueza inerente da outra. Consequentemente, cada uma deve falar profeticamente para a outra, e haverá conflitos de valores. É tão previsível como o nascer do sol amanhã de manhã. Não é um problema de caráter de nenhuma das duas, nem é uma falta de espiritualidade.

Por exemplo, pense na força dos líderes locais em cuidar de pessoas. Conheço algumas igrejas locais que ficam perturbadas em como pessoas apostólicas podem ser moídas quando trabalham para uma entidade missionária, especialmente em tarefas de ministério transcultural. As igrejas querem saber por que isso acontece. Quem está cuidando dessas pessoas? Estamos atirando nos feridos? É especialmente preocupante para eles se as pessoas feridas fossem originalmente da sua congregação local.

Encontrei um pastor que estava preocupado sobre um incidente envolvendo pessoas que trabalhavam para a nossa organização e que eram apoiados pela sua congregação. Tínhamos mobilizado essa família como parte de uma equipe fora da América do Norte, e um problema moral significativo surgiu. Estava escondido, e era inesperado e imprevisível.

Tentei garanti-lo de que não fomos displicentes sobre o que tinha acontecido e tínhamos investido uma imensa quantidade de equipe de supervisão na situação. A nossa Equipe de Desenvolvimento e Cuidado — feita de conselheiros, terapeutas, diretores espirituais e treinadoras — esteve ativamente



envolvida. Mas ele ainda se perguntava se estávamos fazendo o bastante. No fim, o casamento das pessoas em questão se desintegrou e com muito arrependimento os deixamos ir — algo que uma estrutura apostólica pode e às vezes deve fazer. No fim das contas, o que estava em jogo era um jogo de valores entre duas estruturas redentoras. Nenhuma estava errada. Apenas diferentes.

*As forças de cada uma devem estar acessíveis uma à outra.* Vi os benefícios para uma igreja local quando as pessoas são treinadas em evangelismo pela Cru, ou quando Richard Foster pode ser o seu mentor em formação espiritual e disciplinas espirituais, ou quando as suas pessoas são expostas à filosofia financeira e ferramentas do Ministério Crown. Há uma contribuição inestimável feita às igrejas locais quando as pessoas patrocinaam crianças através da Visão Mundial ou da Compassion, estudam a Bíblia profundamente através da Bible Study Fellowship, e veem a geração mais jovem em suas comunidades serem alcançadas pela Young Life ou internacionalmente com a YWAM. A miscelânea de possibilidades é fenomenal e nunca deveria ser ameaçadora.

Certamente, quanto maior a igreja, maior a possibilidade de que ela possa desenhar um ministério especializado por conta própria. Mas igrejas menores com menos recursos podem se beneficiar grandemente através do uso desses recursos “prontos para uso”. Em 2015, 60 por cento das igrejas protestantes nos Estados Unidos tinham cem ou

menos adultos em um final de semana típico, e apenas dois por cento das igrejas atraíam mais de mil adultos por fim de semana.<sup>3</sup> Então, a porcentagem de igrejas que têm a escala e recursos para essa especialização é muito pequena.

Do mesmo modo, os recursos de uma congregação local podem ser uma bênção enorme para aqueles que se tornaram “enviados”. A cobertura de oração. O apoio financeiro. O cuidado e preocupação pastorais. Os recursos humanos. Tudo que as igrejas locais estão unicamente equipadas para oferecer um dom incrível para aqueles servindo em sodalidades, e através deles, a um mundo ferido.

Quando a nossa filha, Cristine, tinha dois anos de idade, estávamos em férias de família, acampando em um parque estadual perto de Birmingham, Alabama. Por engano, dei a ela algumas castanhas de caju, sem perceber que a sua alergia severa a amendoim poderia significar também que castanhas de caju eram tóxicas e potencialmente fatais. Quase a perdemos. A experiência foi angustiante. Quando ela finalmente estabilizou em um hospital infantil em Birmingham, recebemos duas ligações quase imediatamente: uma foi da nossa igreja matriz no Sul da Califórnia e a outra foi a de um dos pastores de uma das nossas maiores igrejas apoiadoras na área de Birmingham. Eles estavam lá. No lugar certo. Preparados e prontos para cuidar, estender a compaixão, atender às nossas necessidades e proporcionar o tipo de suporte que precisávamos desesperadamente no meio de uma crise séria.

Isso significa que socalidades podem ou não vão oferecer esse cuidado? Não. Mas modalidades são tão melhores nisso. É parte do seu DNA, e eles têm mais dos recursos certos para fazê-lo funcionar. É uma contribuição maravilhosa que eles trazem ao relacionamento.

***Colher e conservar.*** Quando essas duas estruturas trabalham sinergicamente, o movimento cristão prospera com saúde e vitalidade. Vamos usar uma analogia da agricultura. O grão precisa ser colhido e precisa ser conservado. Ambos são essenciais. Não adianta nada um agricultor expandir os seus campos e plantar se ele não pode lidar com a colheita quando ela chega.

Ainda que difícil de medir, estima-se que a perda de comida após a colheita nos países em desenvolvimento pode chegar até mesmo aos 65 por cento.<sup>4</sup> O desperdício é devastador quando o que é colhido não pode ser separado, processado e distribuído adequadamente. É a mesma coisa com o movimento cristão: tanto colher quanto conservar são cruciais.

Isso é exatamente o que aconteceu quando os grupos apostólicos Celtas se mudaram para novas áreas e foram pioneiros em novos territórios. Para onde quer que tenham ido, dezenas de paróquias locais surgiram ao seu redor. Essas paróquias conservaram o fruto gerado pelos grupos apostólicos. Eles não competiram com eles. Juntos, os missionários e as igrejas paroquiais lançaram uma fundação sólida para o

movimento cristão na Irlanda, Escócia, Inglaterra e partes da Europa que duraram por mais de mil anos.

Parte da genialidade do movimento Celta foi que as duas estruturas trabalharam juntas. Certamente o relacionamento tinha as suas tensões, mas o que resultou da sua cooperação foi uma sinergia missional que produziu uma versão do movimento cristão que era extraordinariamente viral.

***Parceria aumenta escopo e efetividade.*** A InterVarsity se sobressai em ministrar entre estudantes universitários e faculdades. A Young Life é uma das melhores do mundo no ministério com estudantes mais jovens. Isso significa que a congregação local não deveria alcançar e ministrar para estudantes de faculdades locais ou que eles não deveriam ter um ministério de jovens? É claro que não. Mas cooperar com essas agências especializadas proporciona expertise, entendimento e uma dinâmica missional que a igreja local por si só raramente poderia realizar.

Isso significa que a congregação local não tem nenhuma responsabilidade de se envolver quando um desastre ocorre em algum lugar do mundo — um tsunami no Sudeste Asiático, um terremoto no Haiti ou fome na África Oriental? É claro que não. Mas o cenário ideal é aquele em que a congregação local pode fazer parceria com aqueles que são especializados em ambientes de crise. A melhor resposta é as igrejas locais operando de mãos dadas com essas formas especializadas de igreja que são especificamente chamadas e equipadas para tais

situações. Especialistas ocupam um nicho que generalistas não podem ocupar.

Depois da queda do Muro de Berlim e do início da derrocada do comunismo em todo Leste Europeu, a CRM tinha equipes sendo enviadas para países outrora comunistas — pessoas que conheciam o idioma, eram culturalmente capacitadas e estavam comprometidas a viver encarnadamente nesses contextos difíceis. Naqueles dias turbulentos houve um surto de compaixão e interesse do Ocidente pelo Leste Europeu — uma região antes militantemente fechada para o movimento cristão e agora aberta. Mas o desperdício foi considerável. Pouco se pensou sobre como deveria ser um ministério em um ambiente transcultural tão desafiador. Pessoas bem-intencionadas cometeram muitos erros em relação a onde eles deram dinheiro e quais relacionamentos confiaram. O investimento desinformado de dinheiro do mundo ocidental tornou-se uma influência negativa e corrupta.

Entretanto, houve algumas igrejas locais espertas no Ocidente que entenderam as armadilhas e apreciaram o valor da parceria. Quando fizeram parceria com as nossas equipes e outros missionários no campo no Leste Europeu e na antiga União Soviética, os resultados foram notáveis. Quando recursos e dinheiros foram movidos para essas áreas, aquelas igrejas dependeram do nosso pessoal no local para qualificar os recipientes, monitorar o progresso e garantir que os resultados fossem reportados com integridade. Trabalhar junto produziu resultados exemplares.

## **SERÁ QUE AS MEGAIGREJAS PODEM MESMO FAZER TUDO?**

A atitude “faça você mesmo” é comum entre megaigrejas que sentem que não precisam de estruturas apostólicas externas. Isso é compreensível em congregações que são “Balcões de Atendimento Únicos” e tendem a ser sistemas fechados. E porque elas têm tido êxito (de certo modo), há uma convicção genuína que eles podem fazer o que estruturas apostólicas separadas fazem, e fazê-lo melhor. Quem precisa de entidades externas?

A verdade é que às vezes megaigrejas podem desempenhar bem funções apostólicas. Isso é especialmente verdade se eles estiverem dispostos a dar um grau significativo de liberdade interna e autonomia para as suas próprias iniciativas missionárias e apostólicas. Isso pode significar que a megaigreja na verdade cria as suas próprias sodalidades — externas e internas à megaigreja — para focar em uma tarefa missionária específica. Essas estruturas podem dar aos líderes apostólicos na igreja um canal para os seus dons e paixão. É um exemplo de modalidade gerando uma sodalidade: um jeito saudável de criar sodalidades.

Nos Estados Unidos, há cerca de mil e seiscentas igrejas protestantes que se encaixam na definição de megaigreja (uma igreja local com mais de dois mil participantes adultos).<sup>5</sup> Em muitas maneiras, é útil pensar em uma megaigreja como uma estrutura denominacional em uma localidade, um tipo de denominação unilateral. Faz sentido que algumas dessas criariam suas próprias

estruturas apostólicas para enviar o seu povo para cruzar barreiras culturais, linguísticas, sociais e geográficas.

Porém, podem haver desvantagens quando amadores se envolvem em um jogo que requer expertise profissional. Por exemplo, uma igreja local ou até mesmo uma megaigreja nunca poderia fazer o trabalho de tradução da Bíblia que a Instituição Wycliffe de Tradutores Bíblicos tem tanta habilidade em fazer. Ou considere a expertise da International Justice Mission (IJM) em advogar por mulheres presas no tráfico sexual. Mesmo a igreja local mais comprometida nunca poderia duplicar a qualidade ou a sofisticação desses ministérios. Como nos lembra Alan Hirsch:

O grande silenciamento do chamado para mudança vêm com frequência de líderes de grandes igrejas. Eles parecem estar alheios ou não afetados por quaisquer efeitos de mudança social significativa. Pastores de grandes igrejas nos disseram mais de uma vez que a igreja não está indo tão mal assim. Esse falso senso de segurança é uma mentalidade de fuga das galinhas, na qual as amarras estão primariamente nas mentes e consciências dos internos.<sup>6</sup>

Porém, a vasta maioria dos cristãos, tanto na América do Norte quanto no mundo, não estão em megaigrejas. Aproximadamente 80 por cento das igrejas na América do Norte têm menos de duzentas pessoas, e 60 por cento têm menos de cem. O incentivo para essas igrejas de fazer parceria com sodalidades deveria ser ainda maior.

## SENDOS GENEROSOS

O júri ainda está indeciso se a entrega consistente e sacrificial será tão forte nas gerações emergentes como foi para os *baby boomers*. Mas mesmo se a entrega permanecer consistente entre aqueles que frequentam a igreja, o grande declínio em números de seguidores comprometidos de Jesus nos Estados Unidos — se a tendência continuar — terá um impacto enorme nos recursos financeiros disponíveis para o ministério. Nas próximas três décadas, a entrega em geral para as igrejas poderia diminuir até uns 70 por cento na América do Norte.<sup>7</sup>

Essa diminuição de recursos disponíveis é sintomática do declínio contínuo do cristianismo na América do Norte e no Ocidente em geral,<sup>8</sup> e reflete um problema mais profundo e fundamental: uma falta subjacente de vitalidade e saúde espiritual. Hirsch e Catchim nos contam que a igreja nos Estados Unidos gasta mais de 70 bilhões a cada década em plantação de igrejas e recursos, mas que mesmo assim “estamos experimentando um declínio na aderência e membresia em um grau sem precedentes”.<sup>9</sup>

Uma vez fui convidado para uma reunião com líderes de uma igreja local no sul da Califórnia, que estavam preocupados com o número de pessoas que tinham deixado a congregação deles para servir a nossa organização ao redor do mundo. Era uma igreja com por volta de trezentas a quatrocentas pessoas, então esse êxodo para o ministério apostólico era bastante visível. Um pastor principal, um pastor



assistente, um líder de adultos solteiros e duas pessoas do conselho de anciãos da igreja tinham saído para servir como missionários conosco.

Quando a reunião começou, as coisas ficaram um pouco tensas. Estávamos “saqueando” a congregação deles e “roubando ovelhas”? Minha resposta para eles foi dupla. Primeiro, estávamos providenciando oportunidades para os membros poderem vivenciar o seu chamado para o mundo. Não estávamos competindo com eles, mas éramos parte do mesmo time — executando uma função separada e necessária como parte do corpo de Cristo como um todo. Então abri Provérbios 11:24-25. “Vamos trocar a palavra *igreja* pela palavra *homem* nessa passagem”, sugeri. “Há a *igreja* que dá generosamente, e vê aumentar suas riquezas; outras *igrejas* retêm o que deveriam dar, e caem na pobreza. A *igreja* generosa prosperará; quem dá alívio aos outros, alívio receberá”.

Meu encorajamento para eles foi, “Se trabalharmos juntos, essa será uma situação em que todos saem ganhando”. Não tenho certeza se fui cem por cento persuasivo, mais pelo menos nos colocou em sintonia, levando-nos a discutir sobre como nossa parceria poderia funcionar com uma perspectiva mais ampla do Reino.<sup>10</sup>

## **APOSTOLADO RESPONSÁVEL**

Eu já fiz isso. Na minha frustração com igrejas locais e líderes pastorais, eu ocasionalmente quis contorná-los, recusando-me a crer que eles iriam mudar algum dia. Para ser honesto, é

uma atitude muito comum para aqueles de nós no mundo das missões quando nos deparamos com as atitudes e com a inércia de algumas igrejas locais.

Um líder nacional servindo conosco no Oriente Médio nos conta a história de seu frustrante envolvimento em uma congregação local. A luta política interna, tradicionalismo, falta de missionalidade e legalismo eram esmagadoramente desanimadoras. Finalmente, em desgosto, ele disse à liderança da igreja, “Jesus não morreu por isso!” e foi embora (por um tempo) daquela igreja local em particular.

Entendo a frustração. Estive em alguns ambientes como esse nessa parte do mundo e eles podem ser sufocantes. Mas, ao mesmo tempo, elas permanecem sendo expressões legítimas do corpo de Cristo. Ainda que eu suspeite que Jesus, o Senhor da igreja, esteja angustiado com o que é feito em seu nome, essas pessoas ainda pertencem a Ele. E o que parte o seu coração deveria partir o nosso também. Então, sempre que possível, faço parcerias. Faço tudo que posso para cooperar.

É claro que a pergunta poderia ser feita: Quando uma igreja local deixa de ser uma expressão legítima do verdadeiro cristianismo? Quando deveríamos sacudir o pó dos nossos pés e seguir em frente (Lucas 10:11), e desistir da possibilidade de parceria?

Durante um período vivendo e trabalhando fora de Londres, eu estava trabalhando no West End e me deparei com

uma massiva e imponente igreja — não é uma experiência rara em uma cidade na qual campanários podem ser vistos em praticamente qualquer direção que você olhar. O legado cristão de uma época passada prevalece na arquitetura londrina, senão nos corações e mentes daqueles vivendo em uma cultura completamente pós-cristã. Encontrei uma porta aberta e entrei. O interior da igreja era espetacular: vitrais incríveis, um enorme teto abobadado, e trabalhos em pedra e madeira que eram notáveis em sua arte.

Estávamos só eu e uma mulher fazendo a limpeza. Conversamos. Ela disse que havia em torno de cento e trinta membros ativos nessa congregação, em um prédio que conseguiria facilmente acomodar mil ou mais. Era uma igreja que estava lutando para ministrar a sua congregação em declínio. Incrivelmente decepcionante! Enquanto eu me maravilhava com essa belíssima relíquia arquitetônica, as palavras que me vieram à cabeça foram quase audíveis: “Jesus deixou esse prédio!”.

De lá, atravessei a rua e me deparei com uma cena completamente diferente. Era um encontro de intercâmbio ao ar livre no sábado de manhã, abarrotado com centenas de pessoas de todas as origens étnicas imagináveis. Os cheiros, as cores e os idiomas, todos feitos para um cenário maravilhosamente diverso e vibrante. O interessante é que senti que Jesus estava no meio da multidão, ansiando por seguidores — e era ali que ele queria que eu me juntasse a ele.

Tragicamente, às vezes vão haver momentos em que “Jesus deixa o prédio” e a sua presença e unção são tiradas de um grupo de pessoas que professam fidelidade a ele apenas de nome. Pode acontecer em uma megaigreja, em uma igreja nas casas, em uma congregação denominacional, uma igreja na selva de Papua Nova Guiné ou em uma catedral na Europa.

Espalhados na nossa organização ao redor do mundo estão algumas pessoas maravilhosas que têm o dom espiritual de discernimento de espíritos, o que significa que eles conseguem ver a um grau ou outro, o reino sobrenatural. Eu não tenho esse dom, ainda que Jesus e eu tenhamos tido conversas extensas sobre isso. Mas é um encorajamento incrível saber e confiar naqueles que receberam esse dom, e que sabem exatamente como exercê-lo com maturidade e discernimento, e não com sensacionalismo.

Uma dessas pessoas me relatou a sua experiência em Londres a primeira vez que ela visitou a Catedral de São Paulo, uma massiva catedral anglicana no coração da cidade. Ela ficou chocada ao ver — no reino sobrenatural — anjos se movendo para cima e para baixo nos corredores, ansiando por uma adoração que *não estava acontecendo*. Fale em Jesus deixar o prédio!

Então, o que fazemos com tudo isso? Como aqueles de nós em sodalidades apostólicas sabemos quando pescar e quando cortar a linha na nossa busca de interdependência e parceria autêntica? Creio que isso é algo que apenas Deus pode deixar

claro. Por outro lado, parte do nosso chamado como pessoas apostólicas é fazer tudo o que podemos para sermos condutores de renovo, vida, visão e vigor espiritual para os nossos irmãos e irmãs em igrejas locais — não importa sua história ou os modelos particulares que eles adotam. O padrão histórico tem sido assim ao longo da história da igreja, e deve ser buscado com grande humildade e graça. É muito fácil para pessoas apostólicas assumirem o ar de *expert* espiritual, ou uma atitude de superioridade. Mas isso não serve para nada e é prejudicial para todos os envolvidos.

Por outro lado, pode ser que Deus não esteja trabalhando em alguns desses ambientes religiosos, dos quais vitalidade e vida espirituais genuínas já se foram. Como resultado, pode ser hora de “ir às saídas dos caminhos” e se desviar do estabelecimento religioso (Mateus 22 e Lucas 14).

Portanto, nosso compromisso permanece um “ambos/e”. Em nosso ministério na CRM, lutamos por muitos anos para encontrar um equilíbrio entre focar nossos esforços em e através do *que é* e trabalhar diretamente com o que *poderia ser* entre os não alcançados, desviados e desigrejados. Fazemos isso porque cremos que Jesus não desistiu do que é. Mas, simultaneamente, cremos que é impossível para “o que é” cumprir a missão de Deus sozinho.

## **PERDER OS DIREITOS**

Preciso confessar que não é incomum que pessoas apostólicas ministrando em sodalidades escorreguem para uma atitude

de arrogante, acreditando que eles têm o direito aos recursos — tanto humanos como financeiros — que podem ser providenciados pela igreja local. Às vezes babamos de inveja quando imaginamos o que poderíamos fazer com todos esses recursos. A tentação está sempre lá para sequestrar os recursos da igreja local e reinvesti-los nos modos que cremos que gerariam mais resultados para o Reino.

Como regra geral, as modalidades têm maior acesso a recursos do que as sodalidades. Sei que isso pode parecer uma generalização injusta, particularmente quando os tempos econômicos são difíceis e em alguns contextos as igrejas locais de fato passam por problemas financeiros. Mas, por compaixão, estruturas apostólicas tenderam historicamente a ser mais enxutas e carentes de recursos. Elas raramente têm a mesma amplitude de constituintes de onde sacar do que as congregações locais.

Há um escritório em Londres que é parte da Igreja Anglicana chamado Divisão das Igrejas Redundantes. Essencialmente, é um escritório imobiliário. Existe para vender propriedades da igreja que não são mais sustentáveis. Eles trabalham para descarregar propriedades pelas quais a Igreja da Inglaterra não pode mais pagar. Atualmente, existem mil e seiscientos edifícios da Igreja Anglicana no Reino Unido, e de 1969 a 2010, 1.795 edifícios da igreja foram fechados — 11 por cento do patrimônio imobiliário. Curiosamente, o número de mesquitas que abriram na Grã-Bretanha durante o mesmo período foi quase igual ao número de fechamento de Igrejas

da Inglaterra — 1.689.<sup>12</sup> Enquanto isso, a Igreja Metodista Grã-Bretanha está fechando aproximadamente cem edifícios da igreja por ano.<sup>13</sup>

Ao mesmo tempo, existem ministérios vibrantes e vitais em Londres que passam por grandes dificuldades por falta de recursos — especialmente alojamento. A frustração de ver tantos recursos enfraquecendo e simultaneamente tantos recursos desesperadamente necessários no mesmo contexto pode ser esmagadora para aqueles que levam a sério a missão de Deus em uma cidade de classe mundial como Londres. Mas não é incomum. A má apropriação de recursos pode ser vista em quase qualquer grande centro urbano no Ocidente pós-cristão.

Onde há tensões por recursos, é imensamente útil para todos os envolvidos perceberem que nada disso nos pertence de qualquer maneira. Somos apenas mordomos dos recursos do Reino que foram confiados a nós. Manter uma perspectiva do Reino pode ser um antídoto eficiente para o direito. Precisamos nos lembrar de que o Rei do Reino não é limitado pela falta de recursos. Tudo pertence a Ele, e Ele irá distribuí-lo para alcançar seus propósitos.

## **A ALEGRIA DE TRABALHAR JUNTO**

Quando há uma sinergia saudável entre modalidades e solidariedades os resultados podem ser notáveis. E os movimentos do Evangelho não irão acontecer, a não ser que essas partes essenciais do corpo de Cristo trabalhem juntas. É como um motor com várias partes essenciais que precisam trabalhar

juntas para que a engenhoca inteira seja eficiente. Precisamos uns dos outros.

Durante um longo período de tempo, talvez mil anos, a construção e reconstrução de modalidades foi trabalho principalmente das sodalidades. Isso quer dizer que os monastérios foram uniformemente a fonte e o ponto focal real de nova energia e vitalidade que fluiu para o lado diocesano do movimento cristão...

Em muitos pontos, houve rivalidade entre essas duas estruturas, entre bispos e abades, diocese e monastérios, modalidade e sodalidade, mas a grande conquista dos períodos medievais é a síntese final, delicadamente alcançada, através da qual ordens católicas foram capazes de funcionar lado a lado com paróquias católicas e dioceses sem as duas estruturas entrando em conflito uma com a outra a ponto de causar um retrocesso no movimento. A harmonia entre modalidade e sodalidade alcançada pela Igreja Romana é talvez a característica mais significativa dessa fase do movimento cristão mundial e continua a ser a maior vantagem organizacional de Roma até hoje.<sup>14</sup>

Então, vamos aprender do passado e fazer isso juntos. Fazendo parcerias. Cooperando. Demonstrando o tipo de sinergia relacional e operacional que traz resultados extraordinários e agrada ao Deus que nos chama. Ele não espera nada menos — e o mundo que está esperando pela nossa mensagem exige isso.



## CAPÍTULO 9

# Movimentos de Deus

Os resultados extraordinários do dom apostólico  
vivido em estruturas apostólicas

*É ótimo querer ser parte de algo, mas é uma coisa  
completamente diferente acreditar inteiramente em algum  
tipo de movimento, e dar tudo por aquilo.*

Brandon Boyd

*A missão do ramo Celta resgatou a civilização ocidental e  
restaurou o cristianismo móvel na Europa.*

George Hunter III, em *The Celtic Way of Evangelism* [O Jeito Celta de  
Evangelizar]

*Diga aos estudantes para desistirem de suas ambições pequenas  
e virem para o Oriente pregar o Evangelho de Cristo.*

Francis Xavier

Eu estava no Iraque. O homem sentado à minha frente tinha sido um jihadista. Uns dois anos mais cedo, através de uma série de eventos sobrenaturais, uma Bíblia dada de presente e visões e sonhos subsequentes, ele tinha decidido de coração seguir a Jesus, uma decisão de grandes consequências nesse contexto.

“Sei como formar e multiplicar células”, ele me disse com um sorriso astuto. Ele tinha sido bem treinado como jihadista e sabia o que era necessário para catalisar um movimento. As lições de seu passado tinham aplicabilidade direta ao seu novo compromisso com os movimentos que fazem e multiplicam discípulos de Jesus. “Não estamos interessados em criar igrejas elefantes nesse lugar”, ele continuou. “Queremos que pessoas que sigam a Jesus estejam em grupos que se multiplicam como coelhos”.

Tamanha dedicação à criação de um movimento foi repetida inúmeras vezes ao longo da história, e com resultados impressionantes. E, como ilustra essa história de um ex-terrorista, esses princípios e métodos foram usados tanto para o bem quanto para o mal.

## **CAPTURANDO A DINÂMICA**

Douglas Hyde era o editor do *Daily Worker*, o jornal do Partido Comunista da Grã-Bretanha, mas em 1948 ele renunciou, deixou o partido e se converteu publicamente ao cristianismo. Subsequentemente, ele escreveu um livro famoso, *Dedication and Leadership* [Dedicação e Liderança] que era tanto uma revelação quanto um manual de como o comunismo tinha se

constituído no movimento mais poderoso do século XX — um movimento que em seu zênite englobou quase 50 por cento da população mundial e contribuiu para algo em torno de cem milhões de mortes.<sup>1</sup>

O que é notável sobre o livro de Hyde é a extraordinária similaridade entre a metodologia comunista para criar e sustentar um movimento e o que se tornou verdade a respeito dos seguidores de Jesus por dois mil anos. Ainda que os fins sejam radicalmente diferentes, os meios dos dois movimentos têm muitas semelhanças. Hyde escreve que “muito do sucesso do comunismo veio de formas de atividade e de uma abordagem às pessoas que poderia ser facilmente, e com mais justificação, ser usado por cristãos”.<sup>2</sup>

Hyde também observa que, em geral, cristãos raramente incorporaram a dedicação e liderança necessárias para criar e sustentar um movimento. Poucos cristãos entenderam o que é ser um movimento, e estão ainda menos dispostos a participar em algo que os demandará por completo. Para aqueles que o fizeram, os resultados influenciaram o curso da história. Hyde reconhece que um dos poucos lugares em que ele observou tal compromisso foram as ordens Católicas Romanas — entre aquelas pessoas que fizeram voto e se comprometeram vocacionalmente uns com outros para uma vida de missionalidade radical.

Tanto o comunismo quanto o fundamentalismo islâmico extremo são contrafacções das dinâmicas de movimento embutidas profundamente no movimento cristão desde o seu início.

O próprio Jesus modelou essas dinâmicas, e o livro de Atos é um manual fascinante de como os seus seguidores o viveram no século I. Os resultados foram tão extraordinários que dentro de três séculos, um dos impérios mais brutais da história humana tinha sido completamente infectado e tomado por um movimento imparável começado por um obscuro carpinteiro galileu.

Durante os últimos dois mil anos, milhares de pessoas mostraram repetidamente a validade dessas dinâmicas e impulsionaram submovimentos dentro do movimento cristão como um todo. O comprometimento deles foi tão intenso que suas vidas às vezes foram perdidas para que o nome de Jesus pudesse ser honrado entre as nações.

Um dos estudos mais completos que vai ao coração do movimento que Jesus começou é o livro *O Treinamento dos Doze* de A. B. Bruce, publicado pela primeira vez em 1871.<sup>3</sup> O livro *Plano Mestre de Evangelismo* de Robert Coleman é um tratado mais recente e conciso sobre o mesmo assunto.<sup>4</sup> Mas, apesar da clareza dessas apresentações e da natureza convincente de seu conteúdo, a sua filosofia de ministério consegue pouca tração na igreja contemporânea. “Quando se reflete sobre o plano [de Jesus], a filosofia básica é tão diferente daquela que a igreja moderna que as suas implicações não são nada menos que revolucionárias”.<sup>5</sup> Isso não é surpreendente, já que a igreja em sua forma local raramente gera movimentos sozinha. Ser o único agente gerando e sustentando movimentos não é parte do DNA da igreja local, e é realmente injusto esperar que ela seja algo que Deus nunca pretendeu que ela fosse.

## MOVIMENTOS APOSTÓLICOS

Confesso ficar nervoso às vezes quando uso o termo *movimento*, por medo de que ele se torne um clichê e perca a sua força. Receio que ele siga o mesmo caminho de “missional”, “discipulado”, “comunidade”, “formação espiritual” — você decide — palavras e frases que escutamos tantas e tantas vezes que raramente lembramos o que elas significam.

A definição geral que eu usaria para qualquer movimento seria: *O fenômeno sociológico que acontece quando um grupo de pessoas trabalha junto para avançar apaixonadamente os seus compromissos compartilhados.*

O mundo viu muitos tipos de movimentos, e não apenas religiosos: o movimento para abolir a escravidão na Inglaterra no século XVIII, o Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos, o movimento ambiental, o movimento feminista e assim por diante. Movimentos podem mudar poderosamente o mundo e afetar o curso da história, para o bem ou para o mal. Há uma dinâmica transformadora e uma energia única que acompanha um movimento quando ele começa a impactar os corações e as imaginações das pessoas envolvidas.

Mas os movimentos que quero destacar tem uma dimensão única. Quando o Espírito de Deus sopra poder sobrenatural em um movimento para que o foco do movimento sejam as Boas Novas de Jesus e a presença de seu Reino, uma diferença profunda é feita. Portanto, *movimentos apostólicos ocorrem quando as Boas Novas de Jesus se espalham contagiosamente*

*— como um vírus relacional — através de uma rede de relacionamentos sociais através dos quais muitas pessoas tornam-se seguidoras comprometidas de Jesus e grupos desses discípulos se multiplicam rapidamente, impactando radicalmente cidades e nações inteiras com a presença de seu Reino.*

## **RESULTADOS IMPORTAM**

O resultado de uma missionalidade genuína deveria ser movimentos assim. E pessoas apostólicas trabalhando através de estruturas apostólicas são um ingrediente chave para catalisar, multiplicar e sustentar esses movimentos.

Se olharmos para toda a história do movimento cristão e para a miríade de submovimentos dentro dele, é difícil encontrar exemplos de movimentos assim que não tiveram, em sua essência, pessoas apostólicas funcionando através de estruturas apostólicas. Pessoas apostólicas (1) são frequentemente os catalisadores e os primeiros mobilizadores no início dos movimentos, (2) são encontradas em pontos críticos de articulação dos quais o impulso contínuo de um movimento depende, (3) facilitam a multiplicação de movimentos e (4) geralmente são fundamentais para ser e desenvolver a liderança dos movimentos.

Sempre que vemos movimentos na história do Cristianismo, geralmente três coisas vêm juntas: (1) as pessoas certas, (2) as estruturas certas e (3) a unção soberana de Deus.

Estrutura importa. Paixão nunca é o bastante. Sempre que encontramos movimentos resultando em pessoas vendi-

das para a missão de Deus e experimentando a Sua poderosa e soberana presença, a estrutura apostólica está sempre na equação.

Um tratado perspicaz do movimento e das dinâmicas de movimentos é o livro *Movimentos que Mudam o Mundo* de Steve Addison.<sup>6</sup> Steve argumenta que movimentos apostólicos têm cinco características distintas:

1. Fé incandescente
2. Comprometimento a uma causa
3. Relacionamentos contagiantes
4. Mobilização rápida
5. Métodos adaptativos

Ainda que eu concorde plenamente com a análise de Steve em *Movimentos que Mudam o Mundo* e em sua excelente continuação *What Jesus Started* [O que Jesus Começou],<sup>7</sup> eu enfatizaria que em cada um dos estudos de caso que Steve usa, a presença de pessoas apostólicas e estruturas *sempre* foi um componente essencial e não pode ser desconsiderado. Há sempre uma forte dinâmica estrutural na geração, sustentabilidade e impulso contínuo de um movimento. Ainda que a estrutura necessária não seja intencional ou intuitiva, ela ainda é inevitável para qualquer movimento sustentável do movimento evangélico.

Mesmo quando parece haver pouco reconhecimento *humano* das dinâmicas do movimento, sempre há uma intencionalidade *divina*. O desafio para liderança eficiente é discernir a orquestração divina — o que Deus está fazendo — e então cooperar.

Essa é a diferença definitiva entre um George Whitfield e um John Wesley. Enquanto Whitfield foi uma das, se não a principal figura do Cristianismo americano em seu tempo, foi a influência de Wesley que durou centenas de anos por causa das suas habilidades organizacionais. Wesley entendeu a estrutura e sabia como usá-la. Whitfield era uma voz poderosa para o Evangelho em sua geração, mas estrutura e habilidades organizacionais não eram o seu foco. Por outro lado, os Metodistas eram como uma fornalha cada vez maior com um fogo que estava constantemente expandindo e sendo alimentado. Whitfield era um comunicador incrível; Wesley era um organizador incrível.

## CARACTERÍSTICAS DE MOVIMENTOS

Baseada nas ideias de Steve Addison, aqui está a minha lista de características de movimentos e como cada uma delas se relaciona com a estrutura apostólica.

***Movimentos não dependem de membros voluntários para liderar e são raramente egalitários ou democráticos.*** Eles têm participantes comprometidos que demonstram um alto nível de propósito e sacrifício com uma devoção profunda aos líderes ungidos por Deus.



Nos anos iniciais do Exército de Salvação — antes dele se chamar “exército” — o movimento emergente e o seu líder, William Booth, passaram por uma crise significativa. Institucionalização, comitês intermináveis, tomada de decisão em grupos e processos tediosos tinham atolado o ministério ao ponto que Booth, profundamente desanimado, escreveu:

O pobre convertido que foi trazido à forma penitente há dois meses deve aparecer tremendo diante de uma reunião de anciãos... Se ele se aventurar a aspirar a falar em público, ele deve passar por outra examinação antes da reunião dos exortadores. Se ele deseja distribuir folhetos, ele então precisa ver o comitê dos folhetos... Se o distribuidor de folhetos se deparar com casos de extrema necessidade, então ele deve aplicar para outro comitê para uma ajuda de uns poucos centavos que ele pode ser permitido a dar. De vez em quando chegaria o dia solene para as reuniões dos pregadores locais e as reuniões quinzenais... Ah, aquelas reuniões de anciãos... prolongadas até meia-noite tantas vezes.<sup>8</sup>

Exasperado, Booth agiu decisivamente para mudar o curso e radicalmente reinventou o que estava se transformando rapidamente em uma estrutura estagnada de modalidade, e ameaçando destruir o impulso do movimento Salvacionista. Booth foi chamado à “guerra”, e a sua missão demandava uma estrutura apostólica capaz de lutar e vencer. Era uma guerra santa pelas almas de homens e mulheres. Chega de reuniões intermináveis. Chega de comitês. Chega de confe-

rências para decidir a direção. Chega de liderança colegial. Ele escreveu,

Fomos enviados à guerra. Não fomos enviados a ministrar para uma congregação e ficarmos contentes se mantermos as coisas funcionando. Fomos enviados para fazer guerra... e para não parar sem nada menos que a subjugação do mundo para o domínio do Senhor Jesus. Precisamos manter isso em mente em todos os nossos planos... o nosso objetivo é derrubar o reino do diabo... Essa missão será o que os seus oficiais fizerem dela.<sup>9</sup>

Essa história ilustra algumas dinâmicas interessantes de tomada de decisão entre pessoas apostólicas e os movimentos que elas geram. Eles são raramente colegiais ou consensuais em sua tomada de decisões. Eles devem ser ágeis e capazes de responder rapidamente às necessidades e mudanças. Isso requer pessoas com fortes dons de liderança que recebem a liberdade — e a confiança de seus seguidores — para tomar decisões sem serem atoladas pelo discernimento do grupo e formas igualitárias de estrutura.

Sei que essa asserção vai contra o cerne de algumas das teorias de liderança dos atuais. Há certamente valor em liderança situacional, estilos adaptativos e depender em uma diversidade de dons e temperamentos. Não estou advogando um estilo direto de liderança como a única ferramenta na caixa de ferramentas, ou sugerindo que toda situação ministerial é um prego a ser pregado com o mesmo martelo. De fato, em algumas culturas a importância do grupo supera a do indivíduo.

Mas qualquer que seja a nuance, a liderança de movimento é sempre decisiva. Líderes lideram. Pessoas seguem. Há impulso e resultados.

Fui pressionado muitas vezes ao longo dos anos, com frequência por pessoas bem-intencionadas na nossa organização, para depender mais do discernimento do grupo e da tomada de decisões participativa. Resisti à pressão com firmeza, às vezes pagando um alto custo relacional, de liderar usando processos democráticos nos quais todo mundo tem voz. Muitas das pressões são culturais, trazidas inconscientemente do nosso pressuposto ocidental de que a maioria sempre toma a melhor decisão. Nem sempre funciona dessa forma em estruturas missionárias focadas e orientadas a tarefas — por diversas razões.

Primeiro, esse discernimento de grupo — popular entre tradições como os Irmãos da igreja, os Menonitas, os Quakers e outros que são orientados congregacionalmente — podem negar e neutralizar o dom espiritual da liderança e frustrar àqueles com papéis apostólicos. Nesses sistemas igualitários, o líder pode tornar-se meramente o chefe facilitador. Além disso, o processo pode significar que o processo inteiro de tomada de decisões pode ser feito refém pela pessoa mais barulhenta, mais medrosa, mais contrariada ou mais imatura da sala. Do que sabemos de filosofia política e do abundante testemunho da história, o desejo da maioria ou um consenso nem sempre garantem a decisão certa.

Segundo, as igrejas locais às vezes têm o luxo de tempo e recursos para estudar pacientemente as situações e fazer o processo de decisão no tempo delas. Mas esse não é o caso para muitas pessoas “de pé direito”. Pessoas e estruturas apostólicas devem guardar com ciúme sua liberdade para responder agilmente aos desafios. Eles devem manter a sua flexibilidade. Indecisão e uma aversão ao risco podem custar mais do que ousadia e determinação. “Mais falhas são causadas por um excesso de cautela do que de experimentos ousados com novas ideias. As fronteiras do Reino de Deus nunca se expandiram graças a homens e mulheres cautelosos”.<sup>10</sup>

*Movimentos têm uma agenda para a mudança.* Se não há mudança e a visão não está sendo realizada, algo está errado. Isso quer dizer que movimentos não são sobre manutenção. Eles são sobre o pioneirismo e a conquista de novos territórios. Eles são sobre transformação. Quando William Booth estava avaliando se estava cumprindo a missão dada a ele por Deus, ele também escreveu, “Eu deveria concluir que eu estava fora do meu lugar se eu passasse doze meses em um local e não o deixasse tangivelmente, inconfundivelmente, visivelmente melhor do que eu o encontrei”.<sup>11</sup>

*Movimentos são feitos de pessoas apaixonadamente comprometidas a uma causa comum.* É o ar que eles respiram. A razão pela qual eles existem. Eu viajei extensivamente pelo Leste Europeu e partes da antiga União Soviética na década antes do fim do comunismo. Eu vi em primeira mão os resultados de um movimento antes poderoso que tinha se fossiliza-

do em um sistema maligno e totalitário. A União Soviética da parte final do século XX estava muito distante do movimento apaixonado que John Reed descreve em seu livro *Dez Dias Que Abalaram o Mundo*.<sup>12</sup>

Transformado no épico filme *Reds* (estrelando Warren Beatty e Diane Keaton), a história de Reed é um relato emocionante de pessoas apaixonadas por uma causa comum e comprometidas com ela. É um exemplo instigante do que motiva as pessoas a dar suas vidas para algo que importa, ainda que essa causa por fim seja falsa ou enganosa.

“A massa de homens vive vidas de desespero silencioso”, escreveu Henry David Thoreau.<sup>13</sup> E Oliver Wendell Holmes escreveu “Ai daqueles que nunca cantam, / mas morrem com toda a sua música dentro de si!”.<sup>14</sup> Compromisso com um movimento é um dos antídotos mais fortes possíveis para essa falta de sentido na condição humana.

***Movimentos transcendem personalidades. Nenhuma pessoa pode controlar um movimento e é tolice tentar.*** J. Edwin Orr tem um livro dedicado inteiramente ao avivamento e subsequente Grande Despertar de 1858-1859.<sup>15</sup> Ele conta como o fenômeno de um derramar do Espírito de Deus, não muito diferente de Atos 2, espontaneamente emergiu na África do Sul na paróquia de Andrew Murray. Murray, um pastor holandês reformado e educado na Escócia em Cape Town, ganhou fama mundial mais tarde por causa de seus inúmeros escritos (mais de duzentos e quarenta livros). Orr escreve:

Em um domingo à noite, sessenta jovens estavam reunidos em um corredor... muitos tinham acordado para cantar um hino e orar, quando uma garota *Fingo* [uma tribo sul-africana] que trabalhava para um fazendeiro perguntou se ela poderia fazer o mesmo. Com a permissão dada, e depois de alguma hesitação, a menina começou uma oração comovente... enquanto ela estava orando, um estrondo, como aquele do trovão que se aproxima, foi ouvido, e ele chegava cada vez mais perto do saguão, até que o envolveu, sacudindo o lugar. A companhia começou a orar, a maioria audivelmente, uma minoria em tons de murmúrio. Um derramar incomum do Espírito Santo parecia estar acontecendo. Andrew Murray caminhou entre as pessoas angustiadas clamando por silêncio, “Homens, fiquem quietos! Homens, fiquem quietos!” Ninguém deu a menor atenção...

O derramar continuou e em uma reunião seguinte, Murray iniciou lendo uma passagem da Escritura e dando o seu comentário pastoral. Então, ele começou a orar e convidou os outros a fazerem o mesmo. Novamente, o mesmo estrondo de trovão se aproximando foi ouvido à distância, chegando cada vez mais perto, até que envolveu o prédio, e todos começaram a orar novamente. Andrew Murray tentou silenciar as pessoas andando para lá e para cá entre elas, mas um estranho andou nas pontas dos pés até ele e sussurrou: “Acho que você é o ministro dessa congregação. Cuidado com o que você está fazendo, porque é o Espírito de Deus que está trabalhando aqui”. Ele disse que era recém-chegado da América.<sup>16</sup>

Como muitos antes e depois dele, Murray percebeu que o Espírito de Deus se move como quer (João 3:8). Se Murray tivesse continuado a tentar controlar ou obstruir aquele derramamento divino, Deus o teria contornado para realizar os seus propósitos. Mas Murray acatou a admoestação do estranho e passou de uma postura de controle para uma de cooperação, e os resultados em sua própria vida e em toda a África do Sul e além foram extraordinários.

***Movimentos moldam a história.*** Tive o privilégio de estar em Londres em Junho de 2012 para uma cerimônia de celebração do aniversário do início do movimento para abolir o tráfico de escravos. A celebração aconteceu na igreja de St. Mary Woolnoth, a última paróquia na qual John Newton (compositor de *Amazing Grace*) serviu como vicário antes de sua morte em 1807. Em uma sala superior próxima, no dia 21 de Junho de 1787, doze homens se encontraram para formar a Society for Effecting the Abolition of the Slave Trade [Sociedade para Efetivar a Abolição do Tráfico de Escravos] (uma sodalidade).

No fim da noite de celebração deste aniversário, cantamos *Amazing Grace* a cappella, e foi como se os céus se abrissem. Era uma experiência profunda estar naquele lugar, que tinha sido frequentado por William Wilberforce e seus colegas, para alegremente participar em uma celebração do que talvez seja o maior movimento para mudança social na história do mundo ocidental. Movimentos moldam a história, e poucos foram tão poderosos quanto os abolicionistas britânicos.

***Movimentos lidam com problemas de última instância.*** Daniel Hudson Burnham, o famoso arquiteto, admoestou a outros: “não façam planos pequenos... eles não têm a magia necessária para mexer com o sangue dos homens e provavelmente eles mesmo não serão realizados”.<sup>17</sup> São os grandes planos que têm o poder e a imaginação para mover pessoas para a ação. Problemas de última instância são o combustível dos movimentos.

Quão trágico é que em nossos dias vemos tanta energia e tantos recursos gastos em problemas que não são de última instância. Coisas boas podem com frequência tornarem-se inimigas das melhores coisas. E seguidores de Jesus não são menos suscetíveis à preocupação com o insignificante do que o resto do mundo ao nosso redor. Como diz Floyd McLung,

vivemos em um mundo de paixões em competição. Se não morrermos para nós mesmos e enchermos as nossas vidas com a paixão consumidora da adoração a Deus nas nações, acabaremos com outras paixões. É possível nos enganar em pensar que temos paixões bíblicas quando, na verdade, tudo o que fizemos é batizar valores de nossa cultura e dá-los nomes cristãos.<sup>18</sup>

***Movimentos são caracterizados pelo descontentamento, visão e ação.*** O trabalho do psicólogo Abraham Maslow sobre o descontentamento nos mostra que em organizações saudáveis — e em assuntos humanos em geral — existem “resmungos de ordem superior” que se estendem para além de si mesmo para preocupações altruístas consigo ou com a socie-



dade. O paradoxo é que a melhora não necessariamente traz contentamento; mas, na verdade, o descontentamento apenas se move para um grau mais alto de sofisticação.

Se usarmos o paradigma de Maslow como um modelo, iremos perceber que bons líderes de movimento reconhecem que o descontentamento é endêmico. É normal. E a qualidade do descontentamento pode dizer algo sobre a qualidade do movimento e de sua liderança. Bons líderes de movimento sabem como mover pessoas de descontentamentos de ordem inferior para descontentamentos de ordem superior — e esse é o tipo de coisa que é combustível para um movimento. As pessoas não estão dispostas a morrer pelas coisas de baixo nível.<sup>19</sup>

***Os movimentos influenciam a sociedade de baixo para cima, e se movem do receptor ao resistente.*** Alan Hirsch escreve que “movimentos são fluídos, adaptativos, e abertos a riscos, e quase sempre começam nas bases da sociedade.”<sup>20</sup> O missiologista Donald McGabran faz um grande esforço para descrever e validar essa ideia. McGravan dedica um capítulo inteiro para essas dinâmicas — o Evangelho se movendo “das massas para as classes” — em seu livro *Compreendendo o Crescimento da Igreja*. “Uma das questões chave das quais a política da missão depende é essa: Deveríamos buscar conquistar as classes mais altas primeiro, confiantes que se assim o fizermos, eles irão conquistar as classes mais baixas...? Mas, na maioria dos casos, a estratégia de conquistar as classes mais altas primeiro não funcionou. Eles não serão ganhos”.<sup>21</sup>

McGravan continua, descrevendo a importância de avaliar a receptividade e a resistência, independentemente de distinção de classe, e afirma que “aqueles que ficam com os braços estendidos, sejam das classes ou das massas, têm mais direito de ouvir do que aqueles que tapam os ouvidos e viram as costas” (Lucas 9:5; 10:10-12).<sup>22</sup>

***Estruturas apostólicas e os movimentos que elas geram não são negócios***, ainda que existam observações importantes que podem ser feitas comparando essas estruturas organizacionais paralelas. Veja a tabela 9.1.

***Os movimentos são inerentemente não conformistas e até mesmo rebeldes — eles focam na mudança.*** Se levamos iniciar movimentos a sério, temos que perceber que as melhores pessoas para liderá-los são muito provavelmente as inconformadas, as dissidentes e as rebeldes. Mobilize os rebeldes e você terá um movimento. E geralmente o melhor lugar para encontrar esses rebeldes é às margens e na periferia de instituições religiosas organizadas. Eles não se dão bem em cenários de pé esquerdo, de igreja local ou denominacionais.

Tabela 9.1.

<b>Característica</b>	<b>Movimento de Deus</b>	<b>Negócio/ Organização</b>
<b>Documentos norteadores</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Crenças</li> <li>● Valores</li> <li>● Propósito</li> <li>● Visão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Planos</li> </ul>
<b>Propósito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● De outro mundo</li> <li>● não monetário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Lucro</li> <li>● Resultado final</li> </ul>
<b>Motivação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Chamado mais alto do que o retorno em investimento financeiro</li> <li>● Recompensas intangíveis e de outro mundo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Um pagamento — compensação “aqui e agora”</li> <li>● Senso de realização pessoal</li> </ul>
<b>Modo ideal de liderança</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Autoridade espiritual</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Autoridade de posição</li> <li>● Autoridade competente</li> </ul>

<b>Estrutura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Orgânica/ Relacional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Corporativa, “empresarial”</li> </ul>
<b>Dinâmica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Desafiar para liderar</li> <li>● Muda constantemente</li> <li>● Flexível culturalmente</li> <li>● Socialmente adaptável</li> <li>● Geograficamente móvel</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Depende</li> </ul>
<b>Mercado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Modela o mercado, não apenas responde a ele</li> <li>● Valores e chamado transcendem o mercado</li> <li>● Dobra o mercado para uma perspectiva transcendental falando profeticamente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Responde à oferta e à demanda e o que irá melhorar o resultado final</li> </ul>

<b>Finanças</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Sempre no limite</li> <li>● Raramente tem recursos suficientes</li> <li>● A visão frequentemente ultrapassa as linhas de suprimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Quando é bem-sucedida, fica cheia de dinheiro e recursos</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Adapta a sua mensagem sem perder a sua essência</li> <li>● Muda, desafia e confronta a cultura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Reflete a cultura</li> </ul>

Entretanto, líderes apostólicos — que são inerentemente rebeldes de coração — devem garantir que os rebeldes que eles recrutam e lideram sejam santificados em seus meios tanto quanto em seus fins. Um dos maiores desafios para um líder apostólico é garantir que a natureza convincente da causa não atropela o caráter requerido daqueles que lideram.

*Os movimentos são bagunçados e caóticos.* Em seu livro *Prosperando no Caos*, o guru de negócios norte-americano Tom Peters captura princípios que apontam o caminho a seguir no ambiente empresarial turbulento de uma economia global. É interessante que muitas das exortações Peter não são tão novas para aqueles familiares com as dinâmicas de movimentos. Ele diz que o que está adiante pertence àquelas “organizações flexíveis, porosas, adaptativas e ligeiras do futuro:

cada pessoa é ‘paga’ para ser turbulenta, uma transgressora das fronteiras formais, para agitar e para estar completamente engajada engendrando ações rápidas, constantemente melhorando tudo”.<sup>23</sup> E em outro lugar, Peter escreve: “Hoje, amar a mudança, o tumulto e até mesmo amar o caos é um pré-requisito para a sobrevivência, quanto mais para o sucesso”.<sup>24</sup>

O que Peter advoga pode ser observado em literalmente todos os movimentos do Cristianismo do passado e do presente. É uma dinâmica apostólica. E o ambiente ao redor desses movimentos frequentemente parece para observadores o que Peter chama de “caos com propósito”.<sup>25</sup>

***Movimentos podem ser diluídos por uma ênfase injustificada em excelência.*** O consultor organizacional James Galvin apresenta um argumento interessante sobre o efeito paralisante que a busca por perfeição pode ter em um movimento. “O declínio organizacional pode ser uma consequência não prevista de concentrar-se em excelência... Movimentos que são obcecados em refinar métodos existentes a ponto de excluir inovação para o futuro irão eventualmente entrar em declínio. Líderes de movimentos em declínio mudam a conversa para sobrevivência, tradição, e herança”.<sup>26</sup>

A procura pela excelência pode aparecer de muitas formas, das quais nem todas são boas para a saúde e o impulso do movimento. Na minha experiência, a excelência é paralisante com mais frequência quando pessoas bem-intencionadas consideram integridade e fazer as coisas “corretamente” como sendo

a maior prioridade. Claro, fica complicado dependendo de quem é a definição de “corretamente” que está sendo usada. Quando a excelência é usada como sinônimo de perfeccionismo, os resultados podem ser debilitantes.

Contadores, auditores, advogados e especialistas em recursos humanos se destacam em serem implementadores da excelência. Na metade final do século XX, uma gigantesca indústria de conformidade surgiu na América do Norte para garantir que os negócios — assim como organizações sem fins lucrativos e religiosas — estivessem andando na linha em questões legais, de pessoal e financeiras.

No universo das organizações religiosas, a admoestação de Romanos 13 quanto à submissão às autoridades governamentais e à lei levou o ministério à conformidade com certos padrões culturais de excelência. Entretanto, essa passagem pode também, infelizmente e injustamente, ser usada como um bastão para atacar e subverter a liberdade dos movimentos para florescer. Precisamos entender a distinção entre o que é legal e o que é moral, e precisamos ter uma conversa contínua sobre quando a submissão a Deus supera a submissão a autoridades terrenas.

Se alguns padrões contemporâneos de excelência tivessem sido reforçados nos dias pós-Pentecostes do livro de Atos, o movimento apostólico que explodiu por todo o mundo romano nos séculos seguintes teria sido obstruído. Os conceitos contemporâneos de prestação de contas e excelência são

invenções da modernidade, e podem ser destrutivos quando aplicados sem rodeios a movimentos espirituais. Movimentos podem ser cooptados pela cultura predominante e uma obsessão por excelência pode ter um efeito muito sutil, mas ainda muito real, de sufocamento naquilo que o Espírito de Deus está fazendo em nosso tempo. “Se vamos usar a palavra ‘excelência’ no futuro, ela requer uma dose de redefinição. Talvez: ‘Firmas excelentes não acreditam em excelência — apenas em melhoria e mudança contínuas’. Isto é, as firmas excelentes de amanhã irão valorizar a impermanência — e prosperar no caos”.<sup>27</sup>

*Movimentos deveriam apenas apontar e reter líderes que são inteiramente comprometidos com as crenças e práticas do movimento.* Ser parte de um movimento pode ser doloroso. O custo relacional pode sair caro. Consequentemente, não é incomum na seleção de liderança e sucessão que movimentos gravitem em direção às pessoas que serão menos controversas, menos exigentes, mais pastorais e mais fáceis de se lidar do que com os provocadores apostólicos iniciais que lançaram o movimento. Como um movimento navega por essas escolhas e transições irá ajudar a determinar a sua longevidade e o seu impacto final. Eu pessoalmente vi líderes apostólicos sacrificados no altar do cuidado e da preocupação, e o chamado de Deus para realizar uma tarefa urgente sobrepujado pela necessidade de paz relacional.

Eu estava tomando um café com um dos líderes sênior da CRM que tinha muitos anos de experiência no ministério.



Fiquei desapontado quando o ouvi dizer, “Para mim já deu. Não quero mais fazer parte de um movimento. Para onde você está indo não é para onde eu quero ir”.

Quando ele disse aquilo, eu sabia que a sua estadia conosco tinha acabado. Não havia futuro para ele em uma organização cujo objetivo declarado é tão claramente focado em movimento. Deus poderia certamente ter outros planos significativos para o seu futuro; talvez já era hora de uma nova direção em seu ministério. Mas a pior coisa que eu poderia ter feito por ele — e por aqueles em uma organização cheia de pessoas chamadas mutuamente para catalisar e multiplicar movimentos — seria mantê-lo a bordo por compaixão ou por causa de nosso relacionamento de longa data.

Há duas dinâmicas que precisam ser balanceadas e reconciliadas em movimentos de sucesso. Uma é a tarefa, e a outra são os relacionamentos. *Ambas* são essenciais e frequentemente coexistem com grande tensão na busca da missão. Hirsch e Frost estão certos quando dizem que “A missão é uma tarefa! Ela nos define e dá ao povo de Deus sua distintiva e insubstituível direção e propósito”.<sup>28</sup> Mas ao mesmo tempo, pessoas são o foco do amor de Jesus e de Sua paixão redentora, e como nos ensina a parábola da ovelha perdida, a prioridade e a dignidade de uma nunca é perdida em meio a muitas.

A boa liderança é capaz de conciliar essas duas ênfases juntas, e de criar um ambiente no qual os indivíduos podem ser valorizados pelas suas próprias contribuições únicas en-

quanto simultaneamente se entregam de coração para algo maior do que eles mesmos.

***Igrejas locais não são movimentos.*** Creio que o termo *movimento de plantação de igreja*, escutado com frequência em círculos de missões, pode ser um pouco enganoso. O termo implica que igrejas locais podem se multiplicar espontaneamente e por conta própria. Ainda que certamente queiramos anexar um DNA em todas as igrejas locais que as encoraje a multiplicar (especialmente em seus próprios contextos de “vizinhança”), é incrivelmente difícil para elas se multiplicarem *por conta própria*. As próprias estruturas de igreja local que criamos no mundo ocidental — altamente institucionalizadas e tradicionais — tornam essa multiplicação duas vezes mais difícil.

Quando os movimentos decolam mais efetivamente, tanto sodalidades quanto modalidades estão sempre envolvidas. Invariavelmente, pessoas apostólicas e as estruturas apostólicas necessárias para facilitar o movimento estão na mistura. “Onde e sempre que a igreja estendeu significativamente a missão de Deus ou experimentou um crescimento rápido sempre houve liderança apostólica presente, de uma forma ou de outra”.<sup>29</sup>

Em qualquer movimento, pessoas apostólicas e organizações servem três funções indispensáveis:

1. Eles agem como catalisadores: eles criam e dão o pontapé inicial em movimentos.

2. Eles injetam visão, comprometimento e energia nos movimentos em junções cruciais para sustentar o impulso.
3. Eles têm um papel fundamental no desenvolvimento da liderança — um componente essencial para a saúde contínua e vitalidade dos movimentos.

Essas contribuições são mais eficientes quando pessoas apostólicas e organizações são capazes de manter a distinção dada por Deus a eles da igreja em sua forma local. As distintivas devem ser conservadas e a distância mantida. Quando a analogia pé direito/pé esquerdo é vivida na prática — quando o pé direito trabalha lado a lado e em uma interdependência saudável do pé esquerdo — o resultado é uma sinergia estrutural poderosa que propela um movimento para frente.

Às vezes, igrejas locais podem trabalhar juntas e reunir os seus recursos como parte de uma estrutura de conexão mais ampla. Dependendo da política da igreja, esses arranjos cooperativos podem ser qualquer coisa desde redes soltas até associações com denominações altamente sofisticadas.

Porém, sem relacionamentos fortes com pessoas apostólicas e estruturas apostólicas, associações de igrejas locais — sejam redes ou denominações — perdem uma força poderosa que pode ajudá-las a prevenir o seu deslizamento em direção à ossificação.

Às vezes, essas redes ou denominações podem trabalhar cooperativamente para formar as suas próprias estruturas apostólicas internas. É isso que fazem as agências missionárias denominacionais. Mas se há alguma esperança de movimentos ocorrerem, essas estruturas apostólicas devem receber um grau apropriado de liberdade para operar fora do controle das hierarquias e burocracias denominacionais. Assim como correr (fisicamente), a chave para movimentos contínuos e eficientes é o trabalho interdependente do pé esquerdo e do pé direito.

***Movimentos constroem fortes laços entre membros e suporte mútuo e prestação de contas.*** Como diz a famosa frase de James MacGregor Burns, “Qualquer movimento que tenha beneficiado a sociedade no longo prazo teve em sua essência um grupo de pessoas comprometidas com uma causa que eles consideravam maiores do que eles mesmos e uns aos outros como amigos”.

Relacionamentos nunca podem ser o objetivo final de um movimento. Eles nunca são um substituto adequado para a visão. Porém, um dos componentes essenciais para o impulso de um movimento são os seus relacionamentos. Depois de muitos anos de experiência, aceitei o fato de que movimentos operam em relacionamentos mais do que qualquer outro fator humano. Não consigo pensar em um único movimento, seja religioso, social ou político, no qual não houve uma profunda dinâmica relacional em sua essência.

Em qualquer movimento saudável, então, os participantes devem ser capazes de responder a algumas perguntas importantes.

1. Onde está o vínculo relacional do movimento?
2. Qual é a minha contribuição para a dinâmica relacional?
3. O que é feito, intencionalmente e inadvertidamente, para nutrir essa dinâmica relacional?
4. O que ou quem está depreciando a sinergia relacional, e como as contribuições negativas estão sendo minimizadas?
5. Quem são os protagonistas na mistura relacional? Quem dirige o componente relacional do movimento?
6. Os relacionamentos são baseados nos dois componentes que Burns articula — uma causa e amizade?

O impulso em qualquer movimento é uma mercadoria preciosa. É difícil de conseguir, e é fácil de perder. Mas um dos componentes primários de adquirir e sustentar o impulso sempre foi e sempre serão os relacionamentos.

*Os métodos em um movimento podem mudar, mas a causa nunca muda.* Quando orientamos novos colaboradores na CRM, esforçamo-nos para deixar esse princípio muito claro. Os nossos essenciais não mudam: missão, visão, valores e crenças básicas. Entretanto, abraçamos e até mesmo celebramos grande diversidade metodologicamente, culturalmente e geograficamente. Como descreve Steve Addison,

Métodos adaptativos são o andaime de um movimento, não a construção. Eles nos lembram que o Reino dos céus deve ser fundamentado em coisas práticas do cotidiano. Um organismo vivo não pode sobreviver sem sistemas eficientes que podem se adaptar a diferentes ambientes. As Boas Novas de Jesus Cristo são imutáveis e eternas, ainda que a sua forma precise mudar continuamente para responder a cada situação. Os nossos métodos devem servir à nossa mensagem garantindo que o Evangelho possa se espalhar sem obstáculos através de barreiras geográficas e culturais.<sup>30</sup>

Movimentos são supremamente adaptáveis e flexíveis. Eles estão preparados para mudar qualquer coisa, exceto as suas crenças fundamentais.

Sou profundamente grato pelo papel formativo que J. Robert Clinton teve em minha vida como mentor pessoal e amigo por muitos anos.<sup>31</sup> Ele também serviu por duas décadas no quadro de liderança da CRM, e a sua sabedoria me ajudou a nos moldar e conduzir durante dores crescentes e tempos difíceis. Eu me lembro de uma reunião que tive com Bobby

durante a qual nós discutimos como gerar e sustentar impulso em movimentos. A sua admoestação para mim como líder foi fazer tudo o que fosse necessário para manter a flexibilidade. “Equipes e estruturas missionárias devem ser ágeis”, ele disse. “Guarda a sua liberdade para responder rapidamente às necessidades. Esteja pronto para mudar o curso no calor do momento, e fazer correções espontâneas em resposta à mudança”.

*Os movimentos fazem exigências a seus seguidores.*

Movimentos demandam sacrifício. Dean Kelley foi um pesquisador comissionado pelo National Council of Churches em 1972 para fazer um estudo sociológico sobre porque as denominações mais teologicamente liberais e principais na América do Norte estavam estagnadas ou em declínio, ao passo que os corpos conservadores e evangélicos estavam aparentemente prosperando. O resultado da pesquisa de Kelly foi o famoso estudo *Why Conservative Churches Are Growing: A Study in Sociology of Religion* [Por que Igrejas Conservadoras Estão Crescendo: Um Estudo na Sociologia da Religião].<sup>32</sup>

O que Kelley descobriu não foi surpreendente. Aqueles que faziam sérias demandas nas crenças e comportamentos das pessoas prosperavam. Aqueles que apenas esperavam que as pessoas fossem “razoáveis, racionais, corteses, responsáveis, retidas e receptivas às críticas externas... gentis e democráticas” passavam dificuldades. Eles estavam advogando uma receita para o fracasso de um empreendimento religioso, que provinha de uma visão errônea do que o sucesso é e de como ele deveria ser fomentado e medido.

O colunista David Brooks do New York Times reitera a mesma crítica. “Religiosidade estimulante, vaga e não doutrinária não dura de verdade. As religiões que crescem, socorrem e motivam as pessoas a performarem atos heroicos de serviço são geralmente aquelas rigorosas teologicamente, árduas na prática e definitivas em suas convicções sobre o que é Verdadeiro ou Falso”. Brooks continua dizendo que “atos regulares de disciplina podem lançar a fundação para atos extraordinários de autocontrole quando eles mais importam”.<sup>33</sup>

Se estamos comprometidos em avançar o movimento que Jesus iniciou, deveríamos levar a sério comunicar o custo às pessoas logo de cara. Quando convido alguém para seguir a Jesus, eu tenho o hábito de contá-los porque eles deveriam considerar sobriamente uma decisão como essa, e eu com frequência os mostro as palavras de Jesus em Lucas 9:23: “Quem quiser ser meu discípulo deve negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz diariamente e me seguir” Seguir a Jesus significa abraçar um instrumento de morte diariamente. Seguir a Jesus custará tudo. Como diz a célebre frase de Dietrich Bonhoeffer, “Quando Cristo chama um homem, chama-o para vir e morrer”.<sup>34</sup>

Chamar pessoas para o movimento de Jesus significa chamá-las para o sacrifício e até mesmo para a morte. De acordo com o Jesus, nada menos bastará.

***Movimentos estão em casa em sua cultura anfitriã, mas são radicalmente diferentes dela.*** Um movimento



efetivo será radicalmente contracultural e culturalmente relevante ao mesmo tempo. Esse é um paradoxo curioso mas instigante, o qual também é refletido na Escritura quando Jesus ora para que seus discípulos estejam no mundo, mas não sejam dele (João 17:14-18). Um movimento eficiente será capaz de comunicar com eficiência impressionante sem alienar as pessoas. Irá puxá-los para o seu vórtex enquanto traz mudança substancial. Como diz Steve Addison, “A chave para a vitalidade do evangelicalismo, portanto, é a habilidade de existir em tensão com a cultura circundante enquanto, ao mesmo tempo, permanece engajado.”<sup>35</sup>

Em um nível prático, isso significa viver um ditado usado no treinamento Accelerate (falaremos mais sobre o Accelerate abaixo): *Queremos ser espiritualmente intoxicante, contagiosos e convincentes sem ser religiosamente desagradáveis.*

**Encontros profundos com Deus são catalisadores de movimentos.** Esse é um dos ingredientes que Steve Addison descreve em detalhe como sendo o coração de todo submovimento dentro do movimento cristão como um todo: “Uma fé incandescente obcecada com o Espírito, a Palavra e o Mundo... Novos encontros com Deus através da Palavra e do Espírito proporcionam autoridade convincente que energiza um movimento missionário para ir e mudar o mundo”.<sup>36</sup>

O documento *The Apostolic Through the Ages* [O Apostólico Através do Tempo] (disponível online) inclui uma longa lista de líderes apostólicos e movimentos que abrange dois

milênios desde Pentecostes.<sup>37</sup> Se cavarmos fundo o bastante, vamos encontrar invariavelmente em cada movimento uma pessoa ou grupo de pessoas que se encontraram profundamente com o Deus vivo.

A missão para a qual fomos chamados é como um destino em um mapa. Nos foi dado um carro que representa um movimento. É feito de componentes que devem trabalhar juntos para que o carro se mova suavemente e na direção correta. E é um veículo que nos pediram para dirigir. A gasolina que o faz funcionar é a presença e o trabalho do Espírito de Deus e ela vem apenas da união e comunhão com Cristo. O carro não vai a lugar algum sem isso.

A necessidade do momento é “voltar a igreja aos monges” com líderes apostólicos e estruturas de sodalidade nas quais eles possam prosperar em cooperação com a igreja local. Que Deus faça exatamente isso, não apenas em prol de Seu povo, mas em prol de todos aqueles que estão longe dEle, daqueles que ele deseja trazer para a vida libertadora de Seu governo real e da comunidade redentora de Seu Reino.

E que ele o faça através daqueles de vocês para os quais esse livro foi escrito: aqueles homens e mulheres chamados apostolicamente e destinados a fazer a sua contribuição ordenada por Deus ao redor mundo através de movimentos novos e autênticos do evangelho. Que o que está escrito aqui valide o seu chamado e te encoraje a ação. A saúde e a vitalidade de todo o movimento cristão está em jogo, e o destino eterno das multi-

## CAPÍTULO 10

# O Impulso dos Movimentos

Matar ou multiplicar, eis a questão

*Portanto, se a Sua igreja quer ser fiel à Sua revelação, ela deverá ser completamente móvel, fluida, renascente, efervescente, criativa, inventiva, aventureira, e imaginativa. Nunca será perene, e nunca poderá ser organizada ou institucionalizada.*

Jacques Ellul, em *The Subversion of Christianity*, [A Subversão do Cristianismo]

*O grande crescimento do futuro também acontecerá provavelmente através de movimentos de pessoas. O movimento de pessoas é uma maneira dada por Deus através da qual a resistência social ao Evangelho pode ser superada.*

Donald McGavran, em *Compreendendo o Crescimento da Igreja*

*Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário.*

Vladimir Lenin, em *O Que Fazer?*

O foco central do meu chamado pessoal — e daqueles com os quais eu corri a carreira do ministério durante toda a minha vida — é ver movimentos de expressões novas e autênticas do Evangelho multiplicados entre as nações. Nessa busca, eu também observei repetidamente o que pode desencorajar, travar e até mesmo matar esse impulso dos movimentos. Aqui está a minha lista de assassinos de movimentos:

1. Requerer educação formal para a liderança.
2. Demandar conformidade à metodologia.
3. Recusar-se a prover o suporte logístico e administrativo necessário, sem o qual um movimento irá se sufocar em seu próprio peso.
4. Subestimar a validade de fenômenos sobrenaturais fora do nosso paradigma.
5. Não dar espaço para liderança mais jovem e menos experiente.
6. Ser obcecado com pureza teológica.
7. Valorizar a segurança das pessoas envolvidas mais do que a missão em si.
8. Centralizar os fundos.

9. Punir pensamento fora da caixa.
10. Gerenciar ao invés de liderar.
11. Recompensar fidelidade mais do que habilidade empreendedora.
12. Amarrar-se a propriedades e prédios.
13. Ser definido por críticas.
14. Ser ameaçado pelo dom que é diferente do nosso.
15. Criar um fundo para que não haja necessidade de arrecadar dinheiro.
16. Tratar criatividade como heresia.
17. Recusar-se a exercer a disciplina quando ela é necessária.
18. Apoiar-se em instituições existentes para credibilidade.
19. Promover pessoas com base na senioridade e longevidade.
20. Insistir que as decisões devem ser baseadas nas políticas e não em valores.

21. Focar na nutrição e conservação dos ganhos.
22. Não dar a atenção apropriada à seleção dos líderes.
23. Ser avesso ao risco sob o pretexto de administração.
24. Justificar uma relutância para levantar dinheiro.
25. Recrutar pessoas que têm uma grande necessidade de aprovação e afirmação.
26. E acima de tudo, tentar controlar o movimento do Espírito quando Ele de fato aparece!

## **ACCELERATE**

Uma das abordagens mais poderosas que eu já vi para catalisar movimentos apostólicos contemporâneos se chama “Accelerate”.<sup>1</sup> É uma equipe internacional dentro da CRM, mas com um alcance e envolvimento que inclui muitos outros parceiros globais. O pioneiro primário para a Accelerate foi David Broodryk da África do Sul.

Accelerate é uma expressão nova de iniciativas no mundo das missões, às vezes referidas como “Movimentos de Plantação de igrejas” ou “Movimentos de Fazer Discípulos”. Construindo nessas fundações, a Accelerate foca especificamente em áreas urbanas e oferece processos de evangelismo e discipulado altamente eficientes para criar e sustentar movimentos

do Evangelho. É uma filosofia de ministério que estou pessoalmente comprometido em implementar.

O laboratório primário para o meu próprio entendimento dos processos do “Movimento de Fazer Discípulos” que a Accelerate usa foi o Oriente Médio e o Norte da África. Dentro de um período de apenas alguns anos naquela região, vimos um número fenomenal de pessoas caminhando em direção a uma fé viva e obediente em Jesus. Alguns vêm de origens cristãs nominais. A maioria são muçulmanos. Mas esses movimentos na região excederam qualquer coisa que eu teria imaginado possível dentro do meu tempo de vida. Eles têm o potencial de mudar o curso da história nessa volátil região do mundo. Eles são reais. Eles são profundos. Eles são substanciais.

Alim lidera um desses movimentos no Norte da África. Ele está implementando os processos do “Movimento de Fazer Discípulos” entre os deficientes e incapacitados e suas famílias, e os resultados têm sido impressionantes. Dentro de um período de dezoito meses, vimos 130 grupos de descoberta sendo plantados. Esses grupos, com entre quinze a vinte e cinco pessoas por grupo, eram feitos de pessoas distantes de Deus que estavam dispostas a discutir histórias da Bíblia. Alim me disse que as boas novas de Jesus se espalham como fogo selvagem entre essas famílias, e pessoas que foram rejeitadas socialmente durante anos estão saindo das sombras.

Após muitos meses assistindo grupos se formando e se multiplicando, Alim finalmente começou a juntar pessoas de

grupos diferentes, e me mostrou um vídeo um evento assim — por volta de 250 pessoas em uma sala alugada em uma escola: pessoas em cadeiras de rodas, andando em muletas, sendo carregadas, algumas com deficiências físicas, outras intelectuais. O homem liderando a adoração para o grupo era cego. É verdadeiramente um movimento entre os esquecidos. Como diz a minha mulher, “O prazer de Deus encharca esse grupo!”

Enquanto movimentos desse tipo foram criando raízes e se multiplicaram ao redor do mundo, eles foram abençoados pela obscuridade. Na China, Índia, África Oriental e agora no Oriente Médio, movimentos com componentes similares em seu cerne estiveram “fora do radar” — o que contribuiu para a sua saúde e sustentabilidade. Pouco foi escrito sobre eles, e em alguns contextos eles são chamados de coisas diferentes. Um relato é o livro *Movimentos Miraculosos*, o qual descreve o incrível movimento de Deus no Chifre Africano.<sup>2</sup> *The Father Glorified* [O Pai Glorificado] é outro panorama dessas dinâmicas.<sup>3</sup>

Dependendo de quem perguntamos e como rastreamos, existem pelo menos 150 movimentos no momento em que este livro está sendo escrito que são verificáveis e contínuos, catalisados por uma infinidade de pessoas e organizações apostólicas. Uma das características de qualificação usadas nestes dados é que deve haver pelo menos quatro gerações de multiplicação de grupos evidentes, e em alguns casos já foram rastreadas mais de quinze gerações.



Uma tão abençoada falta de notoriedade também é vantajosa à medida que esses movimentos ganham tração no mundo ocidental. Seria trágico para esses processos orgânicos serem empacotados, sistematizados e mercantilizados no Ocidente. Vender a Accelerate como a última cura no circuito interminável de conferências norte-americanas seria um golpe mortal. As ferramentas e os processos empregadas na Accelerate precisam ser implementados, não publicitados.

### **ENSINANDO A OBEDECER**

Os processos e ferramentas do Movimento de Fazer Discípulos usado na Accelerate são eficientes, porque eles:

1. Discipulam pessoas a conversão, e não o contrário
2. Focam na obediência
3. Dependem do poder transformador da Bíblia e a presença manifesta do Espírito Santo — uma combinação bastante imbatível
4. São simples e altamente reproduzíveis
5. Têm rápida multiplicação embutidas em seu DNA essencial desde o começo
6. São altamente relacionais e orgânicas
7. Dependem da habilidade de pessoas de descobrir a ver-

dade por elas mesmas — não têm pregadores, mestres ou especialistas nos estágios iniciais.

O Cristianismo no Ocidente se caracteriza há muito tempo pela sua orientação ao conhecimento e à informação. Não é a obediência que conta; é o que sabemos. Consequentemente, ensinamos sistematicamente às pessoas como ser menos do que obedientes a Deus através das mesmas formas de espiritualidade e paradigmas de crescimento que abraçamos. Os processos na Accelerate viram de cabeça para baixo esse conjunto paralisante de pré-suposições e levam João 14:21 a sério: “Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama... e eu também o amarei e me revelarei a ele”. Eles dão pernas ao mandamento final em Mateus 28:20 de ensiná-los “a obedecer tudo quanto vos tenho ordenado”.

Doug e Colletta são norte-americanos que agora vivem em uma das efervescentes cidades fora de Pretória, na África do Sul — uma paisagem africana negra. Doug e Colleta cruzaram barreiras culturais e raciais significativas para ganhar confiança e aceitação, e ainda que a sua presença certamente fale de reconciliação, esse não é o foco primário deles. Na verdade, eles estão ali para implementar os processos da Accelerate e catalisar movimentos do Evangelho que irão multiplicar nas cidades e além. E está acontecendo. As pessoas estão se tornando discípulos de Jesus que estão comprometidos a fazerem mais discípulos. Os grupos estão se multiplicando. O impulso do movimento começou. O resultado será uma profunda mudança cultural e social, porque as pessoas estão seguindo e obedecendo a Jesus.

## MOVIMENTOS NO OCIDENTE

Creio que as ferramentas e processos da Accelerate podem ser poderosamente relevantes no mundo secular da pós-modernidade no Ocidente. Conheço poucas maneiras melhores no Ocidente de nos tirar da nossa sufocante postura religiosa de manutenção e voltar a uma missionalidade autêntica e genuína.

A Accelerate aborda de forma única o crescente neobarbarismo da cultura ocidental — semelhante à forma como o movimento Celta se conectava tão poderosamente com as culturas pagãs entre as quais ele se moveu — muito mais eficientemente do que o intelectualismo orientado à lógica, não experiencial que a maioria de nós no Ocidente estamos acostumados. No momento em que escrevo, estamos começando a ver tração real, ainda que embrionária, à medida que a Accelerate está sendo implementada em lugares como Sacramento e Boston, Long Beach e Spokane. Também estamos vendo resultados na Europa Ocidental, em lugares diversos como São Petersburgo e Londres.

Os elementos da Accelerate também podem ser adaptados para contextos institucionais de igreja local.<sup>4</sup> Porém, a natureza da igreja local no Ocidente pode torná-la um contexto difícil para um ministério como esse prosperar, porque a Accelerate gera inevitavelmente um paradigma de igreja diferente daquilo que tem predominado desde a época de Constantino.

Creio que a Accelerate tem o melhor potencial para tração quando é iniciada por pessoas em estruturas apostólicas e exercitada entre pessoas que estão distantes de Deus. Essa apostolicidade é essencial para a multiplicação contínua de movimentos assim e é particularmente necessária para o desenvolvimento da liderança em pontos cruciais de articulação.

Phil tinha sido inicialmente pastor e líder denominacional, mas no meio da vida ele deu o salto para uma vocação missionária. Pouco tempo depois, ele começou a aplicar os processos e as ferramentas da Accelerate. Através de um conjunto único de circunstâncias, ele começou a implementar esse tipo de ministério entre pessoas encarceradas nos amplos sistemas prisionais públicos de um estado no centro-oeste dos Estados Unidos. Depois que Phil inicialmente e providencialmente encontrou pessoas de paz<sup>5</sup> no sistema, primeiro um grupo de estudos de descoberta da Bíblia se iniciou (às vezes chamados grupos de descoberta), então um segundo, então um terceiro, e dentro de três anos, centenas de grupos tinham iniciado. Logo mais de trezentos detentos tinham chegado a uma fé viva e vibrante em Jesus.

O movimento se expandiu para fora dos muros das prisões e se espalhou entre as famílias e nas casas dos encarcerados, e mais de quinze gerações de grupos se multiplicaram. Até hoje, continuamos a ver um movimento do Evangelho em expansão nesse sistema prisional e além. Sem pregadores e mestres para começar. Sem especialistas. Através do uso silencioso da Bíblia e da manifesta presença do Espírito Santo centenas de prisio-

neiros se tornaram seguidores comprometidos e obedientes de Jesus. É um movimento genuíno do Evangelho.

Quando esses discípulos são libertados da prisão, eles participam de igrejas existentes do lado de fora? As suas famílias gravitam para igrejas tradicionais? Alguns sim. Mas muitos não. Eles experimentaram e provaram a espiritualidade autêntica e a presença de Deus sem algumas das armadilhas da cristandade, e conseqüentemente as suas necessidades são supridas em grupos exatamente iguais àqueles que eles experimentaram na prisão. Eles desfrutaram de novas formas e expressões de igreja que incluem todas as funções bíblicas, mas que podem não parecer muito com as instituições religiosas circundantes e com a cultura tradicional de igreja.

## **MULTIPLICANDO EM LUGARES DIFÍCEIS**

Sajid tinha sido pastor em uma cidade do Oriente Médio por dezoito anos, um mundo aparte do centro-oeste americano. Durante aquele período, ele iniciou duas igrejas usando os métodos que ele aprendeu observando e sendo treinado por missionários ocidentais. Através de muito sangue, suor e lágrimas, duas congregações saudáveis foram estabelecidas: uma tinha algo em torno de cinquenta pessoas e outra tinha trinta, o que para os padrões do Oriente Médio era um grande sucesso. Mas tinha demorado uma década e meia.

Então Sajid conheceu a filosofia de ministério do Movimento de Fazer Discípulos, e quando ele começou a implementá-lo o seu mundo foi virado de cabeça pra baixo. Sajid se tornou

parte de uma equipe apostólica que já viu mais de vinte mil pessoas encontrarem vida nova em Cristo dentro de cinco anos. Não são mãos levantadas em uma cruzada ou reunião pública, mas indivíduos profundamente imersos na Bíblia e determinados a obedecer Jesus independente do custo. Essas são pessoas comprometidas umas com as outras crescendo juntas em novas expressões de igrejas apropriadas para o seu contexto. O nível de comprometimento é tão alto quanto nas duas igrejas originais de Sajid — e eles têm mártires para prová-lo.

Como Phil, Sajid está no térreo de um movimento genuíno do Evangelho do qual novas expressões de igreja estão emergindo. O problema de exemplos como esse é que todos os dados tornam-se quase imediatamente obsoletos.

Eu estava em um apartamento apertado em uma cidade do Oriente Médio, observando um grupo de vinte pessoas que tinha fugido das atrocidades da guerra civil na Síria. Eles estavam animados enquanto discutiam uma história sobre Jesus — o que ela os dizia sobre Deus, o que os dizia sobre as pessoas, e se fosse verdade, o que eles deveriam fazer. Assim como nas experiências de Phil e Sajid, não haviam professores, nem pregadores — apenas pessoas distantes de Deus, mas desejosas de ouvir histórias da Bíblia e considerar o que fazer em resposta.

Aprendi que geralmente todos aqueles que participam semanalmente nesses tipos de grupos tornam-se seguidores com-

prometidos de Jesus dentro de quatro a seis meses. E grupos como esse se reuniam 24 horas por dia nesse apartamento. Era uma luta para acomodar todo mundo que queria participar. Centenas de grupos tinham se multiplicado entre os refugiados nessa cidade e o impulso estava crescendo.

## **MULTIPLICANDO MOVIMENTOS = MULTIPLICANDO ESTRUTURAS**

É chocante que muitos missionários protestantes... estiveram cegos para a significância da própria estrutura através da qual eles trabalharam. Nessa cegueira eles meramente plantaram igrejas e não se preocuparam efetivamente em garantir que o tipo de estrutura missionária dentro das quais eles operavam também fosse estabelecida no campo.<sup>6</sup>

Não podemos multiplicar apenas *pessoas* de pé direito. Precisamos também multiplicar as *estruturas* de pé direito que são feitas sob medida para eles e nas quais eles podem prosperar. Após uma década de trabalho em uma dezena de nações nas quais missionários residentes foram enviados, a CRM se deparou cara a cara com esse desafio. Primeiro, quão seriamente estamos levando a admoestação de Winter? Segundo, que tipos de estruturas apostólicas acomodam melhor as necessidades únicas de pessoas de pé direito?

Responder à primeira pergunta significou repensar qual era o nosso objetivo no contexto transcultural no qual estávamos ministrando. Se o objetivo era fazer discípulos, desenvolver lí-

deres e gerar movimentos, o que estávamos fazendo era inadequado. Não teríamos êxitos e não seríamos fiéis ao chamado de Deus a não ser que também multiplicássemos as estruturas apostólicas das quais nós mesmos fomos enviados. Pessoas de pé direito e estruturas de pé direito andam de mãos dadas. Em contextos transculturais, isso significou criar estruturas indígenas nas quais:

- Nativos chamados ao ministério apostólico pudessem servir e prosperar;
- Nativos controlariam e liderariam;
- Nativos seriam enviados para novas veias transculturais e replicariam o mesmo processo.

Diversas questões estratégicas eram importantes de serem respondidas. Primeiro, como essas entidades apostólicas se relacionariam umas com as outras? Decidimos estabelecer essas estruturas no que é comumente chamado uma organização distributiva. Isso significa que as estruturas se relacionam umas com as outras de modo fraternal, não obrigatório, no qual cada entidade se mantém por conta própria.

Segundo, determinamos que precisávamos de uma estrutura na qual pessoas e recursos pudessem fluir livremente através de barreiras linguísticas, culturais e linguísticas. Precisávamos de uma estrutura que facilitaria uma comunidade de aprendizado global.



Terceiro, queríamos aprender dos erros da igreja no passo no que diz respeito ao uso do dinheiro e recurso em missões. Como poderíamos nos afastar da tão frequente dependência nociva de toda a igreja global em recursos financeiros ocidentais e ainda assim levantar o apoio necessário, não importando de onde os recursos fossem gerados?

## CONTEXTO

O resultado dessas conversas foi a CoNext — uma parceria fraternal de organizações apostólicas com a mesma visão, comprometidas com as mesmas crenças, visão, missão e valores básicos. É uma parceria de pé direito para estruturas de pé direito. No momento em que escrevo, a CoNext está representada em uma dezena de países: Venezuela, Coreia do Sul, o Reino Unido, Hungria, vários países no Oriente Médio, Nigéria, África do Sul, Ucrânia, Austrália, Estados Unidos e Canadá, com mais por vir.

A companhia área que escolhi foi a United, porque ela se conecta facilmente com muitas das localidades que preciso alcançar. Mas a United é parte de uma parceria global de companhias aéreas chamada Star Alliance. A Star Alliance é uma boa ilustração do tipo de parceria global que a CoNext é para essas organizações apostólicas. Cada companhia área tem a sua identidade separada. Cada uma se mantém e cai em seu próprio plano de negócios e resultados. Se uma falha, pode ter repercussão nas outras, mas a saúde e a sobrevivência do grupo não é dependente de nenhum de seus parceiros. É um clássico exemplo da estrutura organizacional que

foi popularizada por Ori Brafman e Rod Beckstrom em seu livro *A Estrela do Mar e a Aranha*.<sup>7</sup>

Estruturamos a CoNext de uma forma que nos permite mover livremente e compartilhar pessoas e recursos. Por exemplo, quando os norte-americanos são enviados à Hungria para serem partes do nosso parceiro húngaro, *Barnabas Csoport* (“o Grupo Barnabas”), os norte-americanos são encaminhados para os húngaros. Eles se submetem à liderança húngara e reportam aos nativos.

Cada entidade nacional é do mesmo modo responsável por sustentar aqueles que são enviados de seu país ou grupo de pessoas. Isso não significa que o dinheiro necessariamente vem diretamente daquele país, mas que a liderança nacional tem a responsabilidade de financiar os seus próprios missionários. O dinheiro pode vir de qualquer fonte global.

CoNext é um trabalho em progresso. Estamos aprendendo enquanto fazemos. Quanta estrutura é demais? Quão pouco é muito pouco? Como podemos balancear a imensa diversidade entre idiomas, culturas e contextos, e ainda manter uma visão clara e um propósito unificado? Essas são todas boas perguntas com desafios correspondentes. Mas no fim, todos nós que lideramos organizações parceiras da CoNext concordamos que o nosso propósito é gerar e multiplicar movimentos e, em parceria com todas aquelas igrejas locais que já existem ou precisam ser criadas, capitalizar em uma dinâmica que tem um potencial extraordinário.

## UMA ORDEM ENTRE OS POBRES

Um bom estudo de caso em multiplicação de estruturas apostólicas é a InnerCHANGE, uma parte da CRM.<sup>8</sup> Como uma ordem entre os pobres, a InnerCHANGE é um exemplo excelente de “volta aos monges” contemporânea, e no momento em que escrevo, mais de 125 homens e mulheres vivem e ministram como parte de equipes da InnerCHANGE em uma dezena de grandes contextos urbanos em todo o mundo. Como uma ordem neomonástica, eles fazem compromissos (fazem votos), vivem em proximidade uns com os outros e praticam ritmos comunitários em sua vida comum.

O foco da InnerCHANGE é fazer discípulos de Jesus entre os pobres e multiplicar movimentos do Evangelho entre os marginalizados. O que é único sobre a InnerCHANGE é a forma que eles lidam com isso — vivendo encarnadamente entre aqueles que o mundo negligenciou e esqueceu, aqueles que são os menores entre nós (Mateus 25:40). Não é uma filosofia “entra e sai” de ministério. Esses missionários vivem a presença de Jesus em comunidades pobres no mundo em palavra, ação e poder.

Desde os *barrios* de Caracas até a densa expansão urbana no Sudeste Asiático, esses empreendedores apostólicos vivem e servem entre os pobres. Eles podem ser encontrados servindo entre os moradores de rua nos becos dos fundos de San Francisco, trabalhando com crianças de rua na Guatemala, fazendo parcerias com líderes de igreja no Camboja, vivendo em cidades da África do Sul e com refugiados internacionais em Minneapolis.

A InnerCHANGE é parte de uma rede informal de estruturas apostólicas chamada New Friars (Novos Frades), feita de organizações apostólicas parecidas como a Word Made Flesh (WMF), Servant Partners e Urban Neighborhoods of Hope. Fixados na tradição das sodalidades primitivas como os Franciscanos, os Morávios e os Jesuítas, esses neomonásticos contemporâneos incluem os católicos e os protestantes, homens e mulheres, e eles não requerem o celibato.<sup>9</sup>

### **EM UMA ANÁLISE FINAL**

Na metade final do século XX, o movimento cristão se tornou um verdadeiro fenômeno global pela primeira vez na história. Isso não significa que toda cultura ou grupo de pessoas foi efetivamente alcançado ou teve expressões saudáveis de igreja em si. Longe disso. Mas significa que em 2011, os 2,18 bilhões de pessoas que se identificavam como cristãos representavam quase um terço da população total do mundo de 6,9 bilhões. E aquelas pessoas que compartilham algum nível de aliança com Cristo “também estão geograficamente espalhadas — tão remotas, de fato, que nenhum continente ou região sequer pode indiscutivelmente afirmar ser o centro global do Cristianismo. Um século atrás, esse não era o caso. O cristianismo hoje, diferente de um século atrás, é verdadeiramente uma fé global”.<sup>10</sup>

Mas essa grande mudança não ocorreu sem intencionalidade. Pelo contrário, é primariamente o resultado do grande movimento missionário protestante dos séculos XIX e XX. O que vemos hoje ao redor do mundo é o resultado de um in-

contável conjunto de pessoas apostólicas vivendo seu chamado, trabalhando em harmonia com estruturas de pé esquerdo da igreja, fielmente e sacrificialmente fazendo discípulos de Jesus entre as nações.

Esse movimento global está em dívida com muitos pioneiros diversos. Na China, pessoas como James O. Fraser, Charles Gordon, Isobel Kuhn, Lottie Mon e Hudson Taylor lideraram o caminho. Outros pioneiros incluem Barclay Buxton no Japão, John Geddie na Oceania, Adoniram Judson em Burma e Amy Carmichael, E. Stanley Jones, Donald McGavran, Sadhu Singh e Madre Teresa de Calcutá na Índia.

Em outras áreas da Ásia, Charles Cowan, D. E. Hoste, Robert Jaffray, Eric Liddell e Robert Morrison lideraram o caminho. No Oriente Médio, Henry Martyn, Douglas Thornton e Samuel Zwemer foram exemplos de liderança apostólica sacrificial. E na América Latina tivemos Jim Elliot, Kenneth Strachan e Cam Townsend.

Na África, homens e mulheres como David Livingstone, Helen Roseveare, William Shepherd, Mary Slessor e C. T. Studd viveram a paixão apostólica. Pioneiros apostólicos no mundo ocidental incluem Lyman Beecher, Samuel Brengle, William Bright, Loren Cunningham, Ted Fletcher, F. B. Meyer, John R. Mott, Florence Nightingale, Bob Pierce, A. T. Pierson, Jim Rayburn, Charles Simeon, A. B. Simpson, Dawson Trotman, John Wesley, Ralph Winter e muitos outros.

Essa breve lista de heróis e heroínas apostólicos é a pontinha de um gigantesco *iceberg*. Muitos que merecem um lugar nesse hall da fama apostólico viveram, trabalharam e morreram em abençoada obscuridade. Hoje, estimativas aproximadas sugerem que, de todas as ramificações da Cristandade, aproximadamente quatrocentos e trinta mil homens e mulheres trabalham como missionários — pessoas de segunda decisão servindo em estruturas de pé direito — das quais cento e quarenta mil são protestantes. Mas o seu impacto na relação com os 2,18 bilhões de cristãos professos no mundo inteiro é proporcionalmente extraordinária.

O sucesso global atual do movimento cristão como um todo é, em grande parte, graças a essas pessoas apostólicas trabalhando através de estruturas apostólicas, criando movimento atrás de movimento dentro do todo. Esses são os pioneiros de Deus cumprindo os propósitos de Deus através das estruturas ordenadas por Deus.

A saúde, a multiplicação e a vitalidade do movimento cristão que aconteceu durante os últimos dois séculos nunca teria ocorrido sem eles. Pessoas apostólicas e estruturas apostólicas são uma necessidade bíblica, histórica e missiológica, e onde eles prosperam, a bênção de Deus é abundantemente evidente.

# Conclusão

Seja um transformador da história

*Se você tem paixão apostólica, você é uma das pessoas mais perigosas do planeta.*

Floyd McClung, em *Apostolic Passion* [Paixão Apostólica]

*O maior perigo para a maioria de nós não é que o nosso alvo é alto demais e nós o erramos, mas que ele é muito baixo e nós o alcançamos.*

Michelangelo

*Saia na corrente da história e nade o mais rápido que puder.*

William O. Douglas

No cerne de cada movimento do Evangelho desde Pentecostes em diante houve pessoas com chamado apostólico e paixão, vivendo com ousadia em estruturas apostólicas que vão além da igreja local.

Talvez você seja uma dessas pessoas. Ainda que você seja um apreciador de igrejas locais — você talvez tenha crescido em uma — você percebe que tem que haver algo a mais. Deus

colocou uma santa inquietação em você e um fogo para pressionar as fronteiras de exploração do Reino. Você sofre de falta de descanso e de um impulso empreendedor que vive, respira e deseja aventura além das fronteiras eclesiais.

Espero que esse livro tenha lhe dado uma base sólida para o seu chamado e substanciado a sua legitimidade. Esse zelo no seu coração vem de Deus. Você é válido e as equipes e organizações apostólicas que podem lhe dar uma plataforma e um meio para buscar os sonhos confiados a você pelos céus também são.

Felizmente, você é parte de uma nova e crescente geração que está emergindo com uma eclesiologia missional holística e integral. Baseada em teologia sólida, no testemunho da história e missiologia provado, você está entre homens e mulheres que têm uma oportunidade extraordinária de viver o seu chamado apostólico de forma que será uma bênção para as nações. Que os seus números multipliquem e que o seu fervor aumente.

Você está sob os ombros de gigantes que, às vezes não reconhecidos em seu próprio tempo, foram a fundação para muitas gerações seguintes de pioneiros do Evangelho e catalisadores de movimentos apostólicos pelos últimos dois mil anos. Com frequência nos bastidores, despercebidos e insignificantes pelos padrões dos estabelecimentos religiosos ao seu redor, essas pessoas apostólicas e os movimentos que eles geraram e multiplicaram moldaram o curso da história.



O que é empolgante é que esses movimentos não são apenas históricos. Ainda que possamos celebrar os milhares de santos missionários que vieram antes, está acontecendo também em nosso tempo.

David é sul-africano, e durante um período de quinze anos, ele plantou quatro igrejas na parte norte da nação usando a metodologia de cruzada. Essas novas igrejas tinham por volta oitenta pessoas por congregação. David era comprometido com plantação de igreja, porque acreditava que era um dos melhores caminhos para ver pessoas distantes de Deus tornarem-se seguidoras de Jesus. E David é um líder com dom apostólico.

Depois de uma década e meia, o processo de plantação de igreja teve um custo muito alto na vida de David, na sua saúde e nas suas finanças. Exatamente no ponto em que ele estava pronto para desistir de tudo de desânimo, ele foi introduzido a um modo inteiramente novo de conceber igreja e uma visão radicalmente diferente de como introduzir pessoas a Jesus. Era tudo sobre movimentos do Evangelho — não apenas plantar uma igreja ou ver uma pessoas tornar-se seguidora de Jesus.

Então, no meio da quinta plantação de igreja, David deu o passo ousado de fechá-la e, com metade dos participantes, mergulhou de cabeça na implementação de uma estratégia de movimento — que conhecemos agora como Accelerate — como missionário, não como pastor. Ele foi pioneiro em

um território que estava além do alcance da igreja local e no qual expressões locais existentes não podiam ir ou não iriam.

Oito anos mais tarde, os resultados não são nada mais que incríveis. Mais de vinte e cinco mil novas igrejas se multiplicaram, em torno de quarenta participantes em tamanho. Mais de oitenta mil pessoas que antes não eram crentes tornaram-se agora seguidores comprometidos de Jesus.

O papel de David é altamente apostólico em sua natureza e transcende denominações. Ele e o seu time são os catalisadores, os *coaches*, os mentores e os treinadores junto com o movimento do Evangelho que emergiu e está florescendo através do sul da África. Eles não pastoreiam. Eles não ensinam publicamente. Eles não pregam. Mas dentro desse robusto movimento, uma liderança pastoral indígena emergiu à medida que o movimento amadureceu. É um exemplo empolgante de líderes apostólicos trabalhando em conjunto com expressões de igreja em expansão, tudo combinado em um poderoso movimento do Evangelho.

Francamente, hesito em contar essas histórias, porque conheço a incredulidade que esses números podem gerar, especialmente no mundo ocidental. Mas a história de David não é a única. Há pelo menos cento e cinquenta movimentos assim documentados que eu poderia apontar, espalhados por todo o mundo. Muitos estão em países de acesso restrito e existem fora do radar, e aparecer em público com especificidades poderia comprometer seriamente os líderes e movimentos. Mas

eu vi alguns desses movimentos de perto e pessoalmente em diferentes continentes e em contextos culturais variados.

O ponto é que essas coisas funcionam! Movimentos são possíveis. Não é apenas teoria. É real. No coração de movimentos assim sempre existem pessoas apostólicas, dispostas a inverter o *status quo* e se mover além da paz e segurança pessoal, homens e mulheres ansiosos por uma vida de sacrifício e autenticidade, determinados “a irem ousadamente onde ninguém jamais foi antes”.

Em última instância, porém, precisamos olhar uma camada abaixo dos conceitos de apostolicidade e movimentos e perguntar, “Por quê?” O que é tão sacrossanto sobre movimentos? A resposta é que detrás do conceito de movimentos há uma paixão que nos impele para as nações e um coração partido pelas pessoas distantes de Jesus.

Ninguém irá desenvolver uma paixão por movimentos sem primeiro uma paixão por todo o mundo seguindo ao Cristo vivo e recebendo a presença de Seu Reino. Movimentos são meios para um fim muito maior — a glória de Deus entre as nações, para que o nome de Jesus seja honrado, amado e obedecido e que o Seu Nome seja renomado entre as pessoas da Terra.

Como escreve John Piper tão poderosamente: “Toda a história está se movendo em direção a um grande objetivo, a adoração incandescente de Deus e de Seu Filho entre todos os

povos da terra. As missões não são o objetivo. Elas são o meio. E por essa razão, elas são a segunda atividade mais importante do mundo”.<sup>1</sup>

Que Deus graciosamente assim o faça em nossos dias, e que cada um de nós assuma a parte que Ele separou para nós nessa grande aventura.

# Agradecimentos

Este livro foi escrito durante um sabático de cinco meses em 2013, o qual eu pude tirar com o gracioso encorajamento do quadro de diretores da CRM-US. Os homens e mulheres que servem nesse corpo sempre foram o que há de melhor em governança organizacional, e é um prazer prestar contas a pessoas desse calibre e de caráter piedoso. Eles sempre “cuidaram da minha alma” e sou profundamente grato por isso.

O sabático não teria sido possível se não fosse pelo time que assume a liderança diária e a supervisão dos colaboradores e das equipes da CRM-US espalhadas pelo mundo. São muitos para mencionar. Eles são modelos exemplares de liderança apostólica, e as pessoas que elas lideram são aquelas referidas no poema no final do capítulo sete: “... os maiores dessa geração dos quais o mundo não é digno”.

Muitas pessoas se tornaram parte da minha vida ao longo dos anos, mas de maneira especial, duas merecem menção. Desde cedo, Chuck Singletary foi o meu Barnabé. Ele acreditou em mim, arriscou me recrutar para o ministério apostólico e me apoiou para uma liderança e uma responsabilidade muito além da minha experiência. O que ele me transmitiu foi o valor inestimável de acreditar nas pessoas e confiar nelas, e me deu liberdade de voar. Se sou capaz de passar isso

para as gerações futuras é porque Chuck viveu isso e o demonstrou para mim.

E a contribuição de J. Robert Clinton — o indomável professor de liderança do Seminário Fuller, o qual todos conhecemos como “Bobby” — é muito mais do que significativo. O seu entendimento e visão sobre liderança parecia quase segunda natureza para mim, e eles foram anexados profundamente no *ethos* e na cultura organizacional da CRM ao redor do mundo.

Sou grato a esses homens tanto como mentores quanto como amigos, e acredito que todos nós que servimos com a CRM somos parte substancial de seus legados.

Obrigado aos primeiros colegas que foram forças poderosas para moldar os meus valores para toda a vida, direção e paixão missional. Muitos desses relacionamentos foram formados quando eu era um estudante na Universidade de Virgínia no contexto dos Navigators, um dos principais exemplos de sodalidade apostólica no século XX. Foi ali que aprendi a Bíblia — não apenas a importância de conhecê-la, mas o imperativo de obedecê-la.

Em anos mais recentes, sou grato aos assistentes de ministério que Deus me confiou. Eles aguentaram milhares de quilômetros de viagens em dezenas de países e culturas e foram submetidos a intermináveis conversas e processamentos, me ajudando a refinar e comunicar o que esse livro defende. Obrigado, Tom, Travis, Josh e Jacob.

Nada do ministério que eu e Patty conseguimos seguir ao longo dessas décadas teria sido possível sem a generosidade e parceria dos nossos parceiros financeiros. Que Deus devolva a esses maravilhosos amigos em igreja muitas vezes mais do que vocês compartilharam conosco. Ainda mais importante foram aqueles homens e mulheres fiéis que estiveram em nossas equipes pessoais de intercessão. Nos bastidores, a sua contribuição moveu montanhas.

Agradeço muito àqueles que Deus usou para encorajar a mim e a CRM em direção a normalizar a realidade sobrenatural em nosso ministério nesses últimos tempos: John e Jill Kloos, Jim Hanley, Chuck Kraft, Barry e Mary Kissel, Verlie Hamilton, Colin e C'havala Crawley, Keith Uebele e Nadim Costa. O seu ministério gracioso e não sensacionalista influenciou a escrita desse volume e me ajudou a entender que meras palavras sem a unção de Deus carecem de poder espiritual e autenticidade. Sou muito grato.

Estou em dívida com aqueles líderes nacionais que fazem parte da parceria CoNext. Juntos, temos a oportunidade de modelar a multiplicação de sodalidades apostólicas entre culturas e entre as nações. Ainda estamos arranhando a superfície no que diz respeito a colocar em prática tudo o que esse livro fala sobre.

Variás pessoas tornaram esse volume muito mais valioso do que ele teria sido se tivesse sido confiado apenas a mim. Pauli-

ne Kirke, Lori Larson, Michelle Klewer e Christine Aanderud investiram muitas horas tediosas de pesquisa e ajuste fino aos detalhes do manuscrito. Al Hsu na IVP prestou uma orientação editorial inestimável que melhorou substancialmente o texto, e me impediu de ofender mais pessoas do que o necessário.

Também devo à minha família: David e Christine (e seus cônjuges, Meredith e Danny). Vocês viveram por quatro décadas de ministério comigo enquanto esse livro era martelado no cadinho da vida real. Vocês viram todas as minhas falhas e fraquezas de perto e pessoalmente. Minha oração é para que vocês e cada geração seguinte sejam seguidores apaixonados de Jesus. E para Patty, minha esposa e melhor amiga, que tem o mesmo dom e chamado que eu para uma vida de abandono apostólico. Nada do que está escrito nessas páginas teria sido testado e provado sem o seu suporte, parceria e amor.



# Notas

## PREFÁCIO

<sup>1</sup> Joshua Cooper Ramo, *A Era do Inconcebível: Por que a desordem do mundo não deixa de nos surpreender e o que podemos fazer*. Companhia das Letras, 2010.

<sup>2</sup> Ver Alan Hirsch e Michael Frost, *The Faith of Leap: Embracing a Theology of Adventure and Risk*. Grand Rapids: Baker, 2013, p. 153-154.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Rodney Clapp, “Remonking the Church: Would a Protestant Form of Monasticism Help Liberate Evangelicalism From Its Cultural Captivity?” *Christianity Today* 32 (12 de agosto de 1988): 20-21. Republicado como um exclusivo da *web*, 2 de setembro de 2005. [www.christianitytoday.com/ct/2005/september%20webonly/52.0.html](http://www.christianitytoday.com/ct/2005/september%20webonly/52.0.html).

<sup>2</sup> Para um tratado teológico e acadêmico extensivo, ver Robert Alan Blincoe, *A New Social Contract Relating Missions Societies to Ecclesiastical Structures*, Pasadena, CA: William Carey International University, 2012.

<sup>3</sup> Ver John S. Dickerson, *The Great Evangelical Recession*, Grand Rapids: Baker, 2013, para uma discussão extensiva e documentação estatística.

<sup>4</sup>Ed Stetzer, *Lost and Found*, Nashville: Broadman & Holman, 2009, p. 1.

<sup>5</sup>Alan Hirsch and Tim Catchim, *The Permanent Revolution: Apostolic Imagination and Practice for the 21st Century Church*, San Francisco: JosseyBass, 2012, p. 247.

<sup>6</sup>Ibid., p. xxviii.

<sup>7</sup>John S. Dickerson, *The Great Evangelical Recession*, Grand Rapids: Baker Books, 2013), esp. p. 11-120.

## **CAPÍTULO 1**

<sup>1</sup>Ralph D. Winter, “The Two Structures of God’s Redemption Mission”, *Missiology* 2, no. 1 (Janeiro de 1974): 121-139, Disponível online em [http:// frontiermissionfellowship.org/uploads/documents/two-structures.pdf](http://frontiermissionfellowship.org/uploads/documents/two-structures.pdf).

<sup>2</sup>Kenneth Scott Latourette, *Uma História do Cristianismo*, 2 vols. São Paulo, Hagnos, 2007.

<sup>3</sup>A *E-Scale* [Escala E] é um contínuo comum usado por missiologistas para ilustrar a distância cultural no evangelismo. E-0 denota o “vizinho”, isto é, nenhuma distância cultural, enquanto E-3 denota uma distância cultural significativa. Ver o capítulo três para uma discussão mais ampla desses conceitos.

<sup>4</sup>George Lings, “Why Modality and Sodality Thinking Is Vital to Understand Future Church”, p. 7. [www.churcharmy](http://www.churcharmy).

org.uk/Publisher/File.aspx?ID=138339 (acessado no dia 3 de março de 2015).

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Um bom comentário sobre as escolas de profetas é o “The Schools of the Sons of the Prophets” de Ira M. Price, *The Old Testament Student* Vol. 8, No. 7 (Março 188), p. 244-249. Ver [www.jstor.org/stable/3156528?seq=1page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/3156528?seq=1page_scan_tab_contents).

<sup>7</sup> Johannes Blauw, *A Natureza Missionária da Igreja*, Aste, 2011.

<sup>8</sup> Ralph D. Winter, *The Twenty-Five Unbelievable Years: 1945–1969*, 2ª ed. Pasadena, CA: William Carey Library, 1970, p. 106.

<sup>9</sup> F. F. Bruce, *História do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 2019; Alfred Edersheim, *Sketches of Jewish Social Life in the Days of Christ*, London: The Religious Tract Society, 1876, p. 169.

<sup>10</sup> Robert Alan Blincoe, *A New Social Contract Relating Missions Structures to Ecclesiastical Structures*, Pasadena, CA: William Carey International University Press, 2012), p. 42-52.

<sup>11</sup> C. Peter Wagner, *The Book of Acts: A Commentary*, Ventura, CA: Regal, 2008, p. 267.

<sup>12</sup> Para um tratado extensivo sobre essa questão, ver Joseph and Michele C., “Field Governed Mission Structures, Part 1: In the New Testament”, *International Journal of Frontier Missions* 18, nº. 2 (Verão de 2001): 59-66.

<sup>13</sup> Ibid., p. 62.

<sup>14</sup> Ibid., p. 62.

<sup>15</sup> Ibid., p. 62.

<sup>16</sup> Wagner, *The Book of Acts: A Commentary*, p. 267.

<sup>17</sup> Ibid., p. 266.

<sup>18</sup> Craig Van Gelder, “Local and Mobile: A Study of Two Functions” [Dissertação não publicada], Jackson, MS: Reformed Theological Seminary, 1975, p. 24.

<sup>19</sup> Charles J. Mellis, *Committed Communities: Fresh Streams for World Missions*. Pasadena, CA: William Carey Library, 1983, p. 15.

<sup>20</sup> Wagner, *The Book of Acts: A Commentary*, p. 266.

<sup>21</sup> Mellis, *Committed Communities*, p. 16. Citando Michael Green, *Evangelização na Igreja Primitiva*, 2ª ed., Vida Nova, 2020.

<sup>22</sup> Arthur F. Glasser, Charles Van Engen, Dean Gilliland and Shawn Redford, *Announcing the Kingdom: The Story of God's Mission in the Bible*, Grand Rapids: Baker, 2003, p. 303.

<sup>23</sup> Mellis, *Committed Communities*, p. 14-16.

<sup>24</sup> Samuel F. Metcalf, "When Local Churches Act Like Agencies: A Fresh Look At Mission Agency-Local Church Relationships", *Evangelical Missions Quarterly* 29 no. 2 (Abril de 1993): 142-149.

## CAPÍTULO 2

<sup>1</sup> George G. Hunter III, *The Celtic Way of Evangelism: How Christianity Can Reach the West . . . Again*, Nashville: Abingdon Press, 2000; Thomas Cahill, *Como os irlandeses salvaram a civilização: A heroica contribuição da Irlanda entre a Queda de Roma e o surgimento da Europa Medieval*, Objetiva, 1999.

<sup>2</sup> Sam Metcalf, "The Apostolic Through the Ages: A Cursory Summary", <http://goo.gl/0RYsd1> (acessado no dia 6 de maio de 2015).

<sup>3</sup> *Annuario Pontificio* (Anuário Pontifício), Libreria Editrice Vaticana, 2012.

<sup>4</sup> Winter, "Two Structures," p. 132.

<sup>5</sup> Kenneth Mulholland, "From Luther to Carey: Pietis and the

Modern Missionary Movement”, *Bibliotheca Sacra* 156, nº. 1 (1999): 86.

<sup>6</sup> Bruce Demarest, *Satisfy Your Soul: Restoring the Heart of Christian Spirituality*, Colorado Springs, CO: Navpress, 1999, p. 29.

<sup>7</sup> Para mais sobre isso e sobre outros esforços missionários dos reformadores, ver Glenn S. Sunshine, “Protestant Missions in the Sixteenth Century”, em *The Great Commission: Evangelicals and the History of World Missions*, eds. Martin I. Klauber and Scott M. Manetsch, Nashville, TN: Broadman & Holman, 2008), p. 12-22; especialmente p. 14.

<sup>8</sup> C. Peter Wagner, *On the Crest of the Wave: Becoming a World Christian*, Ventura, CA: Regal, 1983, p. 72.

<sup>9</sup> See Metcalf, “The Apostolic Through the Ages”, <http://googl/0RYsd1>.

<sup>10</sup> Steve Addison, *Movimentos que Mudam o mundo*, Esperança, 2019.

<sup>11</sup> Hunter, *The Celtic Way of Evangelism*, p. 24

### **CAPÍTULO 3**

<sup>1</sup> Winter, “The Two Structures of God’s Redemptive Mission”, p. 129.

<sup>2</sup> George Barna, *Revolução: Encontre uma Fé Vibrante Além das Paredes do Santuário*, Abba, 2007.

<sup>3</sup> Mellis, *Committed Communities*, p. 5.

<sup>4</sup> Citação de uma conversa com Alan Hirsch (30 de março de 2015).

<sup>5</sup> Hirsch e Catchim, *The Permanent Revolution*, p. 240.

<sup>6</sup> Mellis, *Committed Communities*, p. 6.

<sup>7</sup> Wagner, *The Book of Acts: A Commentary*, p. 345.

<sup>8</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a *E-Scale* [Escala E], ver Steve C. Hawthorne, *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial*, Vida Nova, 2009.

<sup>9</sup> Hirsch and Catchim, *The Permanent Revolution*, p. 208.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 235.

<sup>11</sup> George Lings, “Why Modality and Sodality Thinking Is Vital to Understand Future Church”, p. 2.

<sup>12</sup> Hirsch and Catchim, *The Permanent Revolution*, p. 228.

<sup>13</sup> Barna, *Revolução*.

<sup>14</sup> Para mais informações sobre a Re:Hope, visite *rehope.co.uk*.

## **CAPÍTULO 4**

<sup>1</sup> Para mais informações sobre a InnerCHANGE, visite [www.crmleaders.org/innerchange](http://www.crmleaders.org/innerchange).

<sup>2</sup> Mike Breen, *The Apostle's Notebook*, Eastbourne, UK: Kingsway Publications, 2002.

<sup>3</sup> Hirsch and Catchim, *The Permanent Revolution*.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. xxi.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. xxxviii.

<sup>6</sup> Ver C. Peter Wagner, *Apostles and Prophets*, Ventura, CA: Regal, 2000, p. 42-43.

<sup>7</sup> Hirsch and Catchim, *The Permanent Revolution*, p. 100.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 99.

<sup>9</sup> Hunter, *The Celtic Way of Evangelism*, p. 44.

<sup>10</sup> J. Robert Clinton e Richard W. Clinton, *Unlocking Your Giftedness*, Pasadena, CA: Barnabas Publishers, 1993, p. 46.

<sup>11</sup> Wagner, *The Book of Acts: A Commentary*, p. 245-246, 248.



<sup>12</sup>Ibid., p. 346.

<sup>13</sup>J. Robert Clinton e Richard W. Clinton, *Unlocking Your Giftedness*, p. 145.

<sup>14</sup>J. Robert Clinton, *Titus: Apostolic Leadership*, Altadena, CA: Barnabas Publishing, 2001, p. 145.

<sup>15</sup>J. Robert Clinton, *1, 2 Timothy Commentary: Apostolic Leadership Picking up the Mantle*, Altadena, CA: Barnabas Publishers, 2006, p. 64.

<sup>16</sup>Adaptado de J. Robert Clinton e Richard W. Clinton, *Unlocking Your Giftedness*, p. 267-268.

<sup>17</sup>C. Peter Wagner, *Leading Your Church to Grow* (Grand Rapids: Regal Books, 1984), p. 151-153.

## **CAPÍTULO 5**

<sup>1</sup>Hirsch and Catchim, *The Permanent Revolution*, p. 16.

<sup>2</sup>Ibid., p. 17.

<sup>3</sup>Ibid., p. xix.

<sup>4</sup>Dick Scoggins, “Nurturing a New Generation of ‘Pauline’ and ‘Petrine’ Apostles”, *Mission Frontiers* (Julho a agosto de 2006): 11-12.

<sup>5</sup> Hirsch and Catchim, *The Permanent Revolution*, p. 121.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 124.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 155.

<sup>8</sup> Adomnán de Iona, *Life of St. Columba*, London: Penguin, 1995.

## **CAPÍTULO 6**

<sup>1</sup> São Bento, *A Regra de São Bento*, 4ª ed., Edições Lumen Christi, 2018.

<sup>2</sup> J. Robert Clinton, *Bridging Strategies*. Pasadena, CA: Barnabas Publishers, 1992, p. 32-37.

<sup>3</sup> George Lings, “Why Modality and Sodality Thinking Is Vital to Understand Future Church”, p. 2.

<sup>4</sup> Scott Morton, *Funding Your Ministry*, Colorado Springs, CO: Dawson —Media, 2007; Steve Shadrach, *Viewpoints*, Fayetteville, AR: The Body-Builders Press, 2009; Steve Shadrach, *The God Ask* (Fayetteville, AR: CMM Press, 2013).

<sup>5</sup> Michael Frost e Alan Hirsch, *The Shaping of Things to Come: Innovation and Mission for the 21st-Century Church*. Peabody, MA: Hendrickson, 2003, p. 218.

<sup>6</sup> Ver Jeri Little, *Merchant to Romania: Business as Missions*

*in Post-Communist Eastern Europe*. Leominster, UK: Day One Publications, 2009. Esse é um excelente estudo de caso de negócios como missão.

<sup>7</sup> Ver [www.stewardship.org.uk/receive-funds/toolkit-for-ministry](http://www.stewardship.org.uk/receive-funds/toolkit-for-ministry) (acessado no dia 26 de março de 2015).

<sup>8</sup> Henri J. M. Nouwen, *A Spirituality of Fundraising*, Nashville, TN: Upper Room Books, 2011, p. 15.

<sup>9</sup> Robert E. Coleman, *Plano Mestre de Evangelismo*, 2ª ed., Mundo Cristão, 2006.

<sup>10</sup> Disponível da CRM (Julho de 2014). <http://goo.gl/DkVQuz>.

<sup>11</sup> Libby Little, discurso na Conferência de Missões Estudantis de Urbana, Dezembro de 1996.

## **CAPÍTULO 7**

<sup>1</sup> J. Robert Clinton, *1 and 2 Timothy: Apostolic Leadership: Picking up the Mantle*, Clinton's Biblical Leadership Commentary Series, Pasadena, CA: Barnabas Publishers, 2006, p. 171-176.

<sup>2</sup> Ralph Winter, "Editorial Comment", *Mission Frontiers* (Março a abril de 2003): 4-5.

<sup>3</sup> J. Robert Clinton, *1 and 2 Timothy*, p. 171-176.

<sup>4</sup> Warren Bennis, *Managing People Is Like Herding Cats: Warren Bennis on Leadership*, Provo, UT: Executive Excellence Publishing, 1999, p. 21.

<sup>5</sup> Citado em “The Critical Issue is Leadership”, *Net Fax: Leadership Network 50* (22 de julho de 1996), p. 1.

<sup>6</sup> Aqui estou me inspirando nas ideias de Lindley Baldwin, *Samuel Morris*, 1ª ed., Betânia, 2019.

<sup>7</sup> Coleman, *Plano Mestre de Evangelismo*.

<sup>8</sup> J. Robert Clinton, *Teaching as a Career: How to Develop Yourself for an*

*Effective Ministry*, Altadena, CA: Barnabas Publishers, 2000, p. 40.

<sup>9</sup> Andre Millard, “Machine Shop Culture and Menlo Park”, in *Working At Inventing: Thomas A. Edison and the Menlo Park Experience*, editado por William S. Pretzer, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, p. 56.

<sup>10</sup> J. Robert Clinton, “Two Important Macro Lessons”, conferência no Seminário Teológico Fuller.

<sup>11</sup> João 1:35-51 é um excelente estudo de caso sobre esse tipo de recrutamento situacional.

<sup>12</sup>Betty Lee Skinner, *Daws: The Biography of Dawson Trotman, Founder of the Navigators*, Grand Rapids: Zondervan, 1974, p. 82.

<sup>13</sup>Coleman, *Plano Mestre de Evangelismo*.

<sup>14</sup>Joseph Bayly, “In Celebration of Missionaries”, em *Psalms of My Life, Colorado Springs, CO*: David C. Cook, 1987, p. 82-83.

## CAPÍTULO 8

<sup>1</sup> Metcalf, “When Local Churches Act Like Agencies” (ver capítulo 1, nota 20).

<sup>2</sup>Wagner, *Leading Your Church to Grow*, p. 149-150.

<sup>3</sup>ECFA Church Pulse, Janeiro de 2015. [www.ecfa.org/Pulse/Church/2015/Church\\_Pulse\\_M01\\_2015.pdf](http://www.ecfa.org/Pulse/Church/2015/Church_Pulse_M01_2015.pdf).

<sup>4</sup> Grupo Consultivo de Pesquisa Agrícola Internacional (CGIAR), <http://www.cgiar.org/consortium-news/postharvest-loss-reduction-a-significant-focus-of-cgiar-research/>.

<sup>5</sup>Instituto Hartford de Pesquisa sobre Religião, <http://hirr.hartsem.edu/megachurch/definition.html> (acessado no dia 8 de maio de 2015).

<sup>6</sup>Frost and Hirsch, *The Shaping of Things to Come*, p. 147.

<sup>7</sup> John Dickerson, *The Great Evangelical Recession*, Grand Rapids: Baker Books, 2013, p. 84.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 84-94.

<sup>9</sup> Hirsch and Catchim, *The Permanent Revolution*, p. 247.

<sup>10</sup> Um artigo que considero bastante útil para igrejas locais lutando com o recrutamento, desenvolvimento e envio de seus corpos para o serviço em sociedades é o “What Is a Church to Do? The Dilemma of Missionary Funding in a Changing World”. A CRM o disponibilizou em <http://goo.gl/4dPoFh>.

<sup>11</sup> Linda Monckton, “Churches and Closure in the Church of England: A Summary Report”, março de 2010, [www.docin.com/p-780889146.html](http://www.docin.com/p-780889146.html).

<sup>12</sup> Soeren Kern, “Muslims Converting Empty European Churches into Mosques”, 16 de Janeiro de 2012, [www.gatestoneinstitute.org/2761/converting-churches-into-mosques](http://www.gatestoneinstitute.org/2761/converting-churches-into-mosques).

<sup>13</sup> “Redundant Churches: Pints in the Pews”, *The Economist*, 28 de março de 2002, [www.economist.com/node/1057312](http://www.economist.com/node/1057312).

<sup>14</sup> Winter, *The Two Structures of God’s Redemptive Mission*, p. 128-129.

## CAPÍTULO 9

<sup>1</sup> Douglas Hyde, *Dedication and Leadership: Learning From the Communists*, Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1966; Stephane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panne, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek and Jean-Louis Margolin, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*, Bertrand Brasil, 1999.

<sup>2</sup> Hyde, *Dedication and Leadership*, p. 35.

<sup>3</sup> Alexander Balmain Bruce, *O Treinamento dos Doze: Princípios Bíblicos Saudáveis para o Desenvolvimento da Liderança e do Discípulo*; Geográfica Editora, 2017.

<sup>4</sup> Coleman, *Plano Mestre de Evangelismo* (ver capítulo 6, nota 10).

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>6</sup> Addison, *Movements That Change the World* (ver capítulo 2, nota 9).

<sup>7</sup> Steve Addison, *What Jesus Started: Joining the Movement, Changing the World*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2012.

<sup>8</sup> Trevor Yaxley e Carolyn Vanderwal, *William and Catherine: The Life and Legacy of the Booths, Founders of the Salvation Army: A New Biography*, Minneapolis: Bethany House, 2003,

p. 145.

<sup>9</sup>Ibid., p. 147.

<sup>10</sup>J. Oswald Sanders, *Liderança Espiritual*, Mundo Cristão, 1987.

<sup>11</sup>Yaxley and Vanderwal, *William and Catherine*, p. 145.

<sup>12</sup>John Reed, *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo*, L&PM Pocket, 2002.

<sup>13</sup>Henry David Thoreau, *Walden ou A Vida nos Bosques*, Edipro, 2018.

<sup>14</sup>Oliver Wendell Holmes, *The Poems of Oliver Wendell Holmes*, New York: Thomas Y. Crowell, 1955, p. 430.

<sup>15</sup>J. Edwin Orr, *The Fervent Prayer*, Chicago: Moody Press, 1974.

<sup>16</sup>Ibid., p. 96-97.

<sup>17</sup>Charles Moore, *Daniel H. Burnham, Architect, Planner of Cities*, Boston: Houghton Mifflin, 1921, p. 1921.

<sup>18</sup>Floyd McClung, “What Is Apostolic Passion?” (26 de Juhlo de 2013). [www.ywamheidebeek.org/what-is-apostolic-passion-by-floyd-mcclung](http://www.ywamheidebeek.org/what-is-apostolic-passion-by-floyd-mcclung).



<sup>19</sup> Matt Rawlins, “Expectations” (Janeiro de 2008). [www.ywamdtcentre.com/ywamers/matt/Jan0820Vol10.83.htm](http://www.ywamdtcentre.com/ywamers/matt/Jan0820Vol10.83.htm).

<sup>20</sup> Alan Hirsch, *The Forgotten Ways: Reactivating the Missional Church*, Grand Rapids: Brazos, 2009, p. 144.

<sup>21</sup> Donald A. McGavran, *Understanding Church Growth*, Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 204.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 207.

<sup>23</sup> Tom Peters, *Prosperando no Caos*, Editora Harbra, 1989.

<sup>24</sup> *Ibid.*

<sup>25</sup> *Ibid.*

<sup>26</sup> James C. Galvin, “Avoiding the Downside of Excellence”, *Excelsior* 4(2012): 5-6. [http://galvinandassociates.com/wordpress\\_site/wp-content/uploads/2012/11/Avoiding-the-Downside-of-Excellence.pdf](http://galvinandassociates.com/wordpress_site/wp-content/uploads/2012/11/Avoiding-the-Downside-of-Excellence.pdf).

<sup>27</sup> Peters, *Prosperando no Caos*.

<sup>28</sup> Hirsch and Frost, *The Shaping of Things to Come*, p. 142 (ver capítulo 6, nota 6).

<sup>29</sup> Hirsch, *The Forgotten Ways*, p. 113.

<sup>30</sup> Addison, *Movimentos que Mudam o Mundo*.

<sup>31</sup> Clinton foi professor de liderança na Escola de Estudos Transculturais no Seminário Teológico Fuller até a sua aposentadoria em 2010. Ele escreveu diversos livros e foi pioneiro na aplicação dos conceitos da teoria de liderança emergente no modo em que Deus desenvolve e forma líderes durante toda uma vida.

<sup>32</sup> Dean M. Kelley, *Why Conservative Churches Are Growing: A Study in Sociology of Religion*, Macon, GA: Mercer University Press, 1995.

<sup>33</sup> David Brooks, “Creed or Chaos”, *New York Times*, 22 de abril, 2011.

<sup>34</sup> Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado*, Mundo Cristão, 2016.

<sup>35</sup> Addison, *Movimentos que Mudam o Mundo*.

<sup>36</sup> Ibid.

<sup>37</sup> Metcalf, “The Apostolic Through the Ages”, <http://goo.gl/0RYsd1> (acessado no dia 8 de maio de 2015).

## CAPÍTULO 10

<sup>1</sup> <http://www.accelerateteams.org/>.

<sup>2</sup> Jerry Trousedale, *Movimentos Miraculosos: Muçulmanos que Amam Jesus*. Esperança, 2019.

<sup>3</sup> Patrick Robertson e David Watson com Gregory C. Benoit, *The Father Glorified: True Stories of God's Power Through Ordinary People*, Nashville: Thomas Nelson, 2013.

<sup>4</sup> Ver Roy Moran, *Spent Matches: Igniting the Signal Fire for the Spiritually Dissatisfied*, Nashville: Thomas Nelson, 2015. O capítulo intitulado “The Hybrid Church” [A Igreja Híbrida] oferece uma excelente explicação de como integrar os processos e a filosofia de ministério da Accelerate no contexto da igreja local.

<sup>5</sup> Há dois conceitos fundamentais na Accelerate: (1) O processo de descoberta usando a Bíblia (com frequência oralmente), e (2) encontrar e cultivar pessoas de paz e ver esses grupos de descoberta (frequentemente recrutados e liderados por pessoas de paz) se multiplicam através dos seus relacionamentos sociais. O termo “pessoas de paz” vem diretamente de Mateus 10, Lucas 9 e 10 e Marcos 6. Essas são as quatro passagens nas quais Jesus envia os discípulos de dois em dois (os Doze nas três passagens e os Setenta em Lucas 10). O resultado de seu ministério de proclamar o Reino, curar os enfermos, expulsar demônios e ressuscitar os mortos era identificar “pessoas de paz”. Essas eram aquelas pessoas responsivas à verdade, a quem Deus tinha preparado de antemão. Eles foram fundamentais para a propagação das Boas Novas de Jesus em suas comunidades.

<sup>6</sup> Winter, *The Two Structures of God's Redemptive Mission*, p. 24.

<sup>7</sup> Ori Brafman and Rod A. Beckstrom, *A Estrela-do-Mar e a Aranha O fenômeno das organizações sem líder*, Editorial Presença, 2008.

<sup>8</sup> John B. Hayes, diretor da InnerCHANGE, escreveu sobre essa ordem em seu livro *Sub-merge: Living Deep in a Shallow World: Service, Justice and Contemplation Among the World's Poor*, Ventura, CA: Regal Books, 2006.

<sup>9</sup> Para mais informação sobre movimentos neomonásticos, ver Scott Bessenecker *The New Friars: The Emerging Movement Serving the World's Poor*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006.

<sup>10</sup> Pew Research Center Religion e Public Life Project, "Global Christianity— A Report on the Size and Distribution of the World's Christian Population" (19 de dezembro de 2011). [www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-exec/](http://www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-exec/).

## CONCLUSÃO

John Piper, *Let the Nations Be Glad*, Grand Rapids: Baker Books, 1993, p. 15.

# Sobre o Autor



Sam Metcalf é o presidente da CRM (Church Resource Ministries).

Ele é bacharel com honra pela Universidade de Virgínia e obteve um mestrado da Escola de Estudos Transculturais no Seminário Teológico Fuller e um doutorado da Escola de Teologia Fuller.

Ele trabalhou em vendas internacionais e Marketing com a Read Steel/Read International em Birmingham, Alabama, antes de servir na Califórnia do Sul como representante da equipe dos Navigators. Em 1980, ele foi um dos fundadores

originais da CRM e assumiu a responsabilidade como presidente em 1985. Ele foi ordenado na Evangelical Free Church of America.

Sam é responsável pela vitalidade espiritual e efetividade das equipes da CRM e dos colaboradores que servem em todo o mundo. Ele também coordena a CoNext, uma parceria internacional de organizações apostólicas semelhantes em um número cada vez maior de nações. Essas responsabilidades requerem viagens e trabalho de primeira-mão em diversos contextos internacionais e transculturais.

Sua esposa, Patty, é uma parceira ativa no ministério e concentra seus dons e esforços em oração de cura e em ajudar outros a crescerem em sua intimidade com Deus. Quando possível, Patty viaja com Sam e eles ministram juntos entre o pessoal da CRM em todo o mundo. Os Metcalfs têm dois filhos casados e quatro netos.

# CRM EMPOWERING LEADERS

A Church Resource Ministries (CRM) — a organização que o autor lidera — trabalha para criar movimentos de seguidores comprometidos de Jesus em todo o mundo.

Em todos os seus ambientes de ministério, a equipe da CRM busca profundidade espiritual e estratégias inovadoras que:



Sejam pioneiras em novos territórios entre os não alcançados, desigrejados e desviados,



Tragam transformação duradoura entre os pobres, e



Mobilizem a igreja para a missão.

Mais de quinhentos colaboradores de tempo integral na CRM implementam criativamente essas iniciativas em uma variedade de culturas e contextos em mais de oitenta nações,

incluindo lugares difíceis — e às vezes perigosos — entre as pessoas que estão longe de Deus.

A CRM também oferece treinamentos para milhares de pastores, líderes eclesiais e plantadores de igreja em parceria com mais de cinquenta denominações em toda a América do Norte.

Para mais informações, visite [www.crmleaders.org](http://www.crmleaders.org).